CHRISTINE
GARNIER

ESTE PAD
TINHA DUAS ALMA

ESTE PADRE TINHA DUAS ALMAS

NO DUPLO CENTENÁRIO

DA

FUNDAÇÃO DA OBRA DOS ÓRFÃOS DE AUTEUIL

PELO PADRE ROUSSEL

E DA

ENTRADA EM ANGOLA DA CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

1866 — 1966

Homenagem da Editorial L. I. A. M.

CHRISTINE GARNIER

ESTE PADRE TINHA DUAS ALMAS

HISTÓRIA DO P. BROTTIER

Tradução de
RICARDO FERREIRRINHA

Editorial L. I. A. M.
51, R. Santo Amaro, à Estrela
Telefone 66 14 24
LISBOA — 1966

Roma, 28 de Fevereiro de 1961.

Faz hoje 25 anos que se extinguiu, entre lágrimas de centenas de rapazes da Obra dos Órfãos Aprendizes de Auteuil, em Paris, o bom religioso de venerável barba branca, de fascinante bondade, o antigo missionário transformado em «pai dos órfãos»: Daniel Brottier, sacerdote professo da Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria.

Não eram ainda volvidos dez anos, quando o Cardeal Suhard constituía o Tribunal diocesano, em vista do Processo de Beatificação do Servo de Deus. Quinze anos mais, e eis que Roma falou: a Introdução da Causa junto da Sagrada Congregação dos Ritos é destes últimos dias.

Eis, pois, que marcha para as honras supremas, com rapidez surpreendente um homem de quem tantos vivos conservam ainda hoje tão numerosas e vivas lembranças, um homem que, no dizer de uma multidão de testemunhas, manifesta desde o dia da sua morte um poder de intercessão pouco vulgar.

Quem era este Padre Brottier?

Mons. Tiago MARTIN
Secretaria de Estado do Vaticano.

Era um homem grande e robusto, ao menos na aparência; tez rosada e fresca, barba farta e branca, fronte larga e cabelos à escovinha, como Lyautey. A sua palavra era calma, o seu riso cristalino e franco como o de um menino. Mas o seu olhar, o seu olhar sobretudo, era inolvidável. De um azul celeste muito meigo, impregnado de imensa bondade, tornava-se de um azul de aço, vivo e quase inquiridor, quando seguia o pensamento de algum interlocutor. Este duplo efeito de fisionomia recorda a curiosa reflexão de certa pessoa do Senegal: «Este Padre tinha duas almas.»

NOTA DA TRADUÇÃO

Se há vidas em que Deus parece ter-se esmerado, a do Padre Daniel Brottier é uma dessas. Rica, cheia, movimentada, das mais úteis entre as úteis. Vida que nos mostra de que é capaz um homem, atento às vozes de Deus. Formidável, simplesmente formidável nas terras áridas de uma paupérrima missão africana; formidável, nos campos e perigos de uma guerra mortífera, impiedosa; formidável entre os Órfãos desamparados. Formidável nas suas campanhas para erguer em África o digno Monumento aos Heróis da sua Pátria, e não menos formidável nas constantes iniciativas em prol da Obra espantosa dos Órfãos que lhe confiaram. Formidável na sua exuberante actividade e no seu profundo espírito de concentração interior; na sua necessidade de acção, acção e acção, e no seu constante desejo de silêncio e recolhimento. Formidável, enfim, na sua energia sem limites e na sua bondade e ternura inexcedíveis.

O livro que Cristina Garnier escreveu é bem digno desta gigantesca figura de Missionário, de Capelão Militar e Pai de Órfãos e digno também da sua larga e notável colecção de escritora elegante e de responsabilidades académicas. Entre nós é bem conhecida, sobretudo, pelo seu livro FÉRIAS COM SALAZAR.

O seu estilo, fino, delicado, incisivo, não podia ter escolhido melhor tema. Tema que se lhe impôs, por essas casualidades, como a que ela relata no seu preâmbulo; tema que a foi conquistando: temos a certeza de que Cristina Garnier se deixou totalmente enamorar pelo herói do seu livro. E, no decurso do seu trabalho, muita vez deve ter ajoelhado a rezar ao seu amigo.

Mas não deixemos de o notar: o tema é dos que bem merecem uma pena apurada. Efectivamente, raras vezes se encontrará figura mais rica, mais sugestiva, mais digna de encher as páginas de um livro e o tempo do leitor. Não há; não, não há filme que valha a vida maravilhosa que

estas páginas relatam. Nelas se encontra tudo: acção e sentimento; lutas terríveis, exteriores e interiores; rasgos grandiosos e ternuras comoventes; andanças de uns extremos aos outros da vida. E com uma singularidade: é que se trata de uma vida vivida, uma vida autêntica, uma vida dos nossos dias.

Um livro, pois, que vale a pena ler.

INTRODUÇAO

O barco dirigia-se para Dakar, quando certa noite, ao largo das Canárias, veio cair na ponte, a meus pés, uma andorinha. Seria mesmo uma andorinha? ... Outro seria, bem de certo, mais sábio, de consonâncias latinas, o nome desta avezita esgotada de cansaço, de asas cinzentas e que cheirava a sal ... mas isso que importa? ... Abriguei logo no meu camarote esse mimo do Céu. Uma caminha de algodão em rama, gotinhas de água, pão humedecido, numa palavra, os cuidados rudimentares que eu costumo dispensar aos implumes abelharucos caídos do ninho, ao lagarto escapulido ao gato. Dois dias depois, apareceu, luminoso, o porto. A ave restabelecida deveria retomar a sua liberdade; conduzi-a nos dedos à altura da trincheira de bordo, encorajando-a a voar; mas, habituada à prisão, ela não parecia ter desejo algum de regressar às ondas, às nuvens. Saltitava, hesitava. Por fim, como que penosa, voou. Eu a vi, não sem nostalgia, desaparecer por detrás de um hangar do cais.

Algumas horas mais tarde, nos acasos de um primeiro passeio através da heteróclita cidade de Dakar, — choupanas e palácios, brilho e poeira — encontrei-me, ao cair da tarde, diante de uma catedral cor de ocre, meio sudanesa, meio bizantina, situada nas alturas como um navio ancorado, massiça, invunerável. Duas torres, uma cúpula. Na fachada, estas palavras: «Aos seus mortos de África, a França, reconhecida ...» *No interior, ninguém. Mas um músico discreto lançava ondas de órgão até aos mais ocultos recantos da penumbra. Impregnadas de oração, habitadas pelo invisível, todas as igrejas falam: no extremo oposto antiga catedral de Ulm, evocadora de estandartes e sangue de batalhas, esta, com seus muros novos, era um mundo de intimidade e doçura ... Julgar-se-ia ouvir ali o eco de vozes amigas ... Presa de uma singular emoção, avancei até ao coro. Um derradeiro raio de sol incidiu então na extremidade de um fresco, iluminou por instantes uma imagem, uma só: a* minha *andorinha ...*

Eu acredito em sinais ... Tinha que saber tudo desta catedral, e imediatamente.

Soube assim, nessa mesma noite, — já lá vão dez anos — a história da «Catedral-Monumento», dos Órfãos de Auteuil e do Padre Brottier. Alguém, ao jantar, deu-me uma estampa: belo rosto de barba quadrangular, olhar penetrante, severo e indulgente ao mesmo tempo. Era, pois, ele o Padre

Brottier, homem de caridade tenaz, quase um santo, um santo dentro de breve, a cuja morte tantos e tantos milagres se tinham seguido?

A partir desse dia, perfumada, amarelenta, nunca me abandonou: no avião como no coração do deserto, nos dias de doença e nos de simples ventura. Preguei-a nos paus das cabanas tropicais, coloquei-a sob um iriado pesa-papéis do meu escritório de Paris. Presença mais viva que a dos vivos, tão próxima, tão próxima de nós ...

São numerosos aqueles para quem a pequena estampa do Padre Brottier constitui um reconforto quotidiano, qual mão carinhosa constantemente estendida: vi-a muitas vezes, essa estampa, nos azares das minhas viagens, em pastas, por acaso abertas, em sacos doirados, fazendo por vezes o papel de marca em livros de leitura ...

— Você também tem devoção ao Padre Brottier?

E isto criava logo um laço de amizade entre desconhecidos. Desde os mais ricos e mais generosos benfeitores de Auteuil, aos mais humildes suplicantes que vêm deixar sobre o túmulo do missionário uma rosa ou um pedido garatujado num bilhete, os amigos do Padre Brottier formam, com efeito, uma grande confraria.

— Ao Padre Brottier pode-se explicar tudo sem vergonha, não é verdade? ... — dizia-me a minha mulher a dias. — Há coisas que eu hesitaria em pedir a Nossa Senhora ou a Santa Tere-

sinha: por exemplo, a de me resolver as dificuldades de um fim de mês ... Mas o Padre Brottier, esse, compreende tudo; principalmente as dificuldades de dinheiro, porque ele teve toda a vida, dificuldades de dinheiro!

É da mesma ainda esta bela palavra:

— O Padre Brottier é o nosso amigo do Céu! ...

*

Entretanto, quando, há alguns dias, Daniel-Rops me disse à queima-roupa: «Você fala muita vez do Padre Brottier; porque não escreve a sua história?», senti uma grande alegria e simultâneamente uma viva angústia, sobretudo. Ousaria eu? Seria capaz? Do «nosso amigo do Céu» eu quase não sabia mais que as linhas que se inscrevem, eloquentes, sem dúvida, mas lacónicas, sob a sua fotografia: «Assistente Geral dos Padres do Espírito Santo, Director da Obra dos Órfãos Aprendizes de Auteuil, missionário no Senegal, fundador da «Catedral-Monumento de Dakar», oficial da Legião de Honra, cruz de guerra, santamente extinto a 28 de Fevereiro de 1936, com a idade de 59 anos ...» O Reverendo Padre Duval, Director Geral dos Órfãos-Aprendizes, a quem informei do meu projecto, facilitou-me a consulta de livros, revistas e documentos. Com uma bondade que não quero deixar de agradecer aqui, ele notou, para me facilitar consultá-los,

todos aqueles que, quer em La Ferté-Saint-Cyr, quer em S. Luís do Senegal, quer em Auteuil, tiveram a felicidade de contactar com esse excepcional missionário que foi construtor de igrejas e pai de mil e quatrocentos órfãos ...

O Padre Brottier! ... É por causa de uma andorinha que eu hoje parto tateando na sua rota luminosa.

C. G.

I

MENINO DE CORO

Nascido a 7 de Setembro de 1876, em La Festé-Saint-Cyr, diocese de Blois, o jovem Daniel Brottier não tardou a manifestar o desejo de se consagrar inteiramente a Deus.

Na escola, uma pequena escola de aldeia, muito humilde, como em regra as escolas de província, havia toda a espécie de perfumes: o do quadro negro e o da esponja, o dos pedaços de giz e da tinta roxa — porque o giz e a tinta, ninguém o negará, têm um perfume ... o perfume característico da infância.

Até nos caminhos que à saída da escola os garotos percorriam em direcção a casa se sentia o perfume da amoreira e da rosa; as habitações de Loir-et-Cher adornam-se, com efeito, de flores para quem passa; não as escondem nos jardins, antes pelo contrário, exibem-nas, ora pendentes das janelas, ora junto ou sobre as paredes das casas.

Finalmente, o aroma próprio do lar ...

Quando Gastão e Daniel — dois pequenos aldeãos, como os outros, oito anos, cinco anos: dois irmãos —, empurravam a porta, surgia familiar, o aroma da sopa de toucinho. Sim, que em casa dos Brottier, comia-se carne de porco durante toda a semana. Todos os dias, excepto ao domingo, dia do Senhor ... e do cozido. Nos dias festivos, a mãe dos dois garotos, a senhora Brottier, fazia bolos ...

Aquela tarde era sábado. Mamã Brottier, na cozinha, descascava os legumes do dia seguinte; e quando se aproximava para abraçar os seus pequenitos, as mãos estendidas exalavam-lhe um aroma fresco a cerefolho e cenoura.

— Daniel! — gritou de repente, e os dedos juntaram-se-lhe no avental, num gesto compungido. — Daniel — continuou — tu andaste de novo à pancada!

O garoto tinha, efectivamente, os joelhos arranhados e a bata negra da escola, esfarrapada no ombro; não manifestou, porém, pena ou arrependimento algum; nem sequer pestanejou ou baixou os olhos; o rostozito miúdo, enérgico, incorrigível, parecia até arrogante diante da aflição da mãe.

— Sempre discussões, sempre à pancada! Meu Deus, Daniel! Onde irás tu parar assim? Tenho de falar a teu pai, esta noite ...

E, enquanto ia observando os dois miúdos silenciosos, pensava: «Tão diferentes um do

outro! Gastão, afável e pacato, sempre pronto a ajudar-me nas lides caseiras; Daniel, sempre em movimento, mas incapaz de erguer uma vassoura caída ao pé da porta. Só pensa em rixas e brigas. É verdadeiramente inquietante para o futuro! ...» A seu lado, Daniel amuara: a mãe era tão meiga! Nada a temer por este lado. Mas o pai, com aquele rosto quadrado e aquelas suissas em «costeleta», o pai não brincava, quando se tratava da educação dos filhos. Se ele viesse a saber da história da bata rasgada ... Foi então que o pequeno Gastão exclamou:

— Mamã, é verdade que o Daniel andou à bulha, mas foi por minha causa; o filho do carniceiro queria-me bater e o Daniel defendeu-me.

A senhora Brottier, que preparava as torradas da merenda, abanou a cabeça com ar contristado e incrédulo. E, no entanto, Gastão dissera a verdade; nem era a primeira vez que Daniel havia defendido o seu irmão mais velho. Mas as pessoas grandes nunca entendem nada.

— Vá, ide brincar um bocadinho para o pátio. Depois ides fazer o que o pai vos mandou ao meio dia: arrancar as ervas do jardim e buscar água para os cavalos.

*

O pátio com suas grandes tílias. Tílias, bastas, que escondem metade da aparatosa alameda

que conduz ao castelo austero onde o Senhor Brottier desempenha a função de cocheiro.

Gastão dirige-se para a cavalariça: gosta mais de cavalos do que de cães ou gatos. Daniel, com uma torrada na mão, passeia um instante, por entre as galinhas que debicam. Sol brando que declina lentamente. Uma tarde como as outras tardes, e no entanto tudo tão diferente! Não é, com efeito, costume de Daniel cruzar assim os braços e quedar-se de olhos parados; de maneira geral, vai procurar os amigos da aldeia, organiza jogos em que é chefe, ou então examina as figuras dos livros. Esta tarde, Daniel sente-se «esquisito» ... Não é a história da bata esfarrapada, a ameaça da mãe. Nada disso. Pressente qualquer coisa, mas não sabe o que pressente; sente-se cheio de forças, mas não sabe que forças são. É uma espécie de fome, uma espécie de sede; e, no entanto, ele não tem fome, não tem sede. Dirige-se, pensativo, ao charco das rãs. Não há rãs. Volta-se e fica por um instante a contemplar os meninos do castelo, que brincam na grande alameda, a alameda interdita; eles trajam lindos fatos de veludo com rendinhas no pescoço.

— «Não lhes invejo nem as roupas, nem as rendas, nem a alameda ...»

Por fim, regressa a casa. Casa querida, onde o relógio se não atrasa nunca, onde as refeições são servidas à hora certa, onde a roupa se lava

à segunda-feira e não outro dia, casa de segurança, casa de felicidade...

Mas não lhe apetece entrar em casa. Apetece-lhe fazer outra coisa, mas o quê? Angústias vãs da infância...

Nesse instante, Gastão chega-se a ele:

— Que tens, Daniel? Parece que estás triste! Queres jogar as bolinhas?

E faz tilintar na mão aberta ágatas que fazem lembrar bombons. Daniel abana a cabeça. Então Gastão:

— Pois bem; vamos para o jardim! ...

Groselheiras, feijoeiros e margaridas. O cantinho dos melões, querido do papá Brottier, onde, não há muito, houve que revolver a terra para enterrar bem o estrume fecundo. Gastão, ajoelhado na alameda, está entregue à tarefa de arrancar as ervas daninhas, enquanto Daniel, distraìdamente, desfolha uma flor cor-de-rosa, tão delicada que nem parece real, um coração-de-maria.

— Não te desembaraças muito — murmura Gastão.

Daniel ... carranca.

— Que aborrecidos são estes trabalhos de jardinagem!

Ele nem duvida, esse garoto do chapéu de palha, o garoto entre as flores de Maio, de que, um dia, se há-de tornar jardineiro, por amor de Deus, numa terra longínqua, onde não há feijoei-

ros verdes nem melões doirados. Também não duvida este pequeno que daqui a instantes arrastará a custo dois grandes baldes de água tirada da fonte, que um dia, nesta mesma fonte, será colocada uma placa de mármore com o seu nome; e que na pequena praça, em frente, será levantada a sua estátua, sóbria e magnífica.

*

Quando as crianças, terminada a tarefa, regressam a casa, encontram mamã Brottier atarefada; ela é uma das que sempre têm qualquer coisa a fazer, nunca sentada. Está ocupada a pôr ordem em cima do armário, onde se alinham boiões de compota e frascos de ervas de chás. A senhora Brottier confia na virtude dos chás com salva, camomila, erva ulmeira, pés de cereja, e, ajudada de um grimório, danificado e encarquilhado pelo uso, que se chama «Médico dos Pobres», ela trata todas as doenças.

— Mãezinha — suplica Daniel — abra a gaveta do domingo!

A gaveta do meio, a gaveta mágica. Aí se encontram missais repletos de estampas de primeira comunhão e estampas orladas de negro: «Rogai por ele ...». Um terço de contas, cor de malva e cruz de cobre, e moedas para deitar no peditório. Há até uma garrafa de água benta para os dias de tempestade ... Daniel gosta, gosta

de todas estas coisas, como também gosta na igreja, ao domingo, de Nossa Senhora e S. José, coloridos, nos seus altares e do perfume do incenso e dos cânticos. Toca no terço da mãe, e logo um cortejo de imagens desfila diante dos seus olhos e lhe aquece o coração: procissões de Junho, peónias desfolhadas ao Santíssimo Sacramento, bandeiras. E os anjinhos com asas de cartolina ... Tudo isto lhe leva o pensamento até ao pároco da aldeia, o querido Padre Quintino, com sua batina gasta e sapatos grossos.

— Pareces inteligente, tens boa memória — dissera ele a Daniel três dias antes. — Daqui a nada, começo a ensinar-te o latim.

O latim era certamente belo, mas Daniel está animado de outro desejo mais vivo: quer ser menino de coro. Ah! poder entrar no mais íntimo do recinto sagrado, aproximar-se do tabernáculo, de sapatos vermelhos nos pés ...

— Ainda és muito pequeno — dissera sorrindo Padre Quintino — muito pequeno para ser menino de coro. Quando fizeres sete anos, veremos.

— Estás hoje muito calado! Em que estás a pensar, Daniel?

É a Senhora Brottier que pergunta.

O pequeno sobressalta-se:

— Estava a pensar no que hei-de fazer mais tarde.

A mãe não entende.

— Então, diz ela alegremente, que queres tu ser? Pasteleiro ou general?

Ela sabe que são estes, muitas vezes, os sonhos das crianças.

— Eu — corta Gastão — quero ser cocheiro, como o pai!

Daniel, que continuava a acariciar as contas do Rosário, responde:

— Querias então saber, mamã, que quero eu ser quando for grande?

E após um instante de silêncio:

— Pois bem — diz ele — serei papa.

Gastão e a mãe desatam a rir ...

— Mas, antes de ser papa, é preciso ser padre.

E Daniel, com voz decidida:

— Então, serei padre.

A Senhora Brottier observa atentamente o rosto do seu menino. Os lindos olhos de um azul profundo e de uma expressão por vezes tão grave ...

— Padre ... Mas tu, Daniel, não és bastante ponderado para isso.

Sem responder, Daniel volta a meter o Rosário na gaveta. Vai à janela; afasta a cortina e permanece algum tempo com a testa contra o vidro. Sente-se aliviado. Esqueceu o tormento daquela tarde. Uma invisível mão o varreu como o vento varre a nuvem. Uma palavra, e o caminho abriu-se. Confusa alegria ... E, imaginando este momento, pensamos na palavra de Péguy:

«Nada há tão misterioso como estas surdas preparações que aguardam o homem, no limiar da vida. Tudo está decidido antes dos doze anos.»

*

Deus decidira que este dia, já de si rico em promessas, havia de ser completo.

Depois do jantar, bate à porta o Padre Quintino, que vem cumprimentar como vizinho, como amigo. Vem acompanhado de outro sacerdote, o Padre Plotu, pároco de Crony. Minutos calmos. Trocam-se impressões àcerca das futuras colheitas. O tic-tac do relógio. Choque de uma borboleta nocturna contra a parede. A Senhora Brottier, então, conta a conversa da tarde. Sorrisos. Contudo, o Padre Plotu toma Daniel por um ombro e fita-o nos olhos ... «Um rapaz como os outros» — pensam as pessoas da terra. Não ... não é como os outros: no queixo, aquela energia; no olhar, aquela chama ...

E à luz da lamparina, o Padre Plotu murmura:

— Um dia, Daniel será célebre!

Assim, um humilde pároco de aldeia foi o primeiro a ver brilhar sobre aquela fronte de criança a invisível estrela do mais belo destino ...

II

HEI-DE SER MISSIONÁRIO

Foi ordenado em Blois, a 22 de Outubro de 1899. Em breve o desejo de converter os infiéis o levou a entrar para a Congregação dos Padres do Espírito Santo.

O primeiro sonho de criança tornara-se, enfim, realidade: o pequeno Daniel fora menino de coro. Ardoroso em servir, pronto e prestável, mas um pouco travesso. O bom do Padre Quintino chegara até a surpreendê-lo certa manhã, na penumbra da sacristia, escorropichando as galhetas. Em Outubro de 1887, fizera a sua primeira comunhão, com um fervor extraordinário. E, no entanto, três dias antes, jogara o soco ao sair da catequese! ...

Voz severa do Senhor Brottier:

— Daniel, Daniel, essa turbulência ... E não querias tu ser padre?

Resposta calma, firme:

— E hei-de ser padre!

Como se esta exuberância pudesse impedir

Daniel de se consagrar a Deus! Ele não tardaria em dominar — disso estava certo — toda a violência que em si havia.

Quanto ao resto ... Servidores possuídos pelo calor da vida, por uma tumultuosa necessidade de luta, o Senhor os necessita. E o Senhor enviaria Daniel aonde são necessárias a vivacidade e a chama, para longe talvez; para o meio dos selvagens, quem sabe? E o pequeno exclama de repente:

— Hei-de ser missionário!

O Senhor Brottier conteve um sorriso, erguendo imperceptìvelmente os ombros:

— Pensa primeiro nos estudos!

E é por causa dos estudos que Daniel vai sentado, certa manhã de Outubro, na carroça de um camponês pela estrada que conduz a Blois; vai para o Seminário Menor. Apoiado na trouxa branca de pensionista, lança distraìdamente um último olhar aos bancos de areia que emergem, róseos, do doce Loire.

Alguma coisa acabou, ele o sente. Adeus, infância! Terminado, e para sempre, o tempo das brigas e da caça às rãs. Ele voltará à aldeia, voltará a ver os pais ... mas já não será à mesma luz. Alguma coisa, alguma coisa que lhe impele os ombros, que o arrasta para o caminho que escolheu.

E a impaciência queima-o. Daniel tem onze anos.

Blois: «Não será fácil encontrar um recanto mais sorridente e agradável» — afirma La Fontaine. «Cidade de reis» — declama Ronsard. E o guia a enumerar: «Miradoiros, casas antigas, ruas escarpadas, numerosas recordações históricas ...» Daniel, porém, não terá tempo de ir admirar as belezas da sala dos deputados, os vestígios da muralha fortificada e o pavilhão de Ana da Bretanha!

— «Trabalha!» — dissera o Senhor Brottier.

Obediente, Daniel trabalha. Dispensado embora, frequentemente, das aulas — essas dores de cabeça que sente — consegue as melhores notas, os primeiros prémios. Nada de surpreendente: já na escola era ele que, no fim do ano, recebia mais livros de folhas vermelhas e doiradas e mais coroas de loiros ... Os companheiros deixam-se influenciar pelo «bom aluno» e a simpatia do alegre companheiro de recreio. Contudo, sentem nele não sabem o quê de inexplicável que os desconcerta:

— Parece muito senhor de seu nariz, o Daniel Brottier!

— Eu a isso chamaria orgulho.

— Ou talvez ambição.

— De qualquer forma, é estranho ... Não se compreende.

E mais tarde, será ele sempre compreendido, o Padre Brottier? Não encontrará outros companheiros que o achem singular? Ele tinha, sem

dúvida, um temperamento original. Como S. Francisco de Régis, ele teria «todas as audácias da originalidade ...»

Parece que nesse tempo, reservado no meio das suas gargalhadas, ele se não ligou de amizade com ninguém. Não erguia o véu dos seus segredos senão para seu irmão, o doce Gastão, ao tempo aprendiz de pastelaria e que ele só via durante as férias. Belas férias da juventude! Férias! ... Esta palavra cobra então o seu pleno sentido, bem como «domingo» e também «verão», palavras que se reduzem, parece, à medida que nos tornamos homens ... De novo a carroça do camponês; de novo a querida casinha térrea de tijolo. Daniel e Gastão passeiam, na estrada de Beaugency, onde vivem os seus avós. Às vezes metem por esse caminho e vão-nos visitar. Voo embriagado dos zângãos em volta das plantas, papoilas e centáureas nos trigais e pêssegos a amadurecer. Plenitude do verão, que nos faz mal sem se saber porquê ... Que Daniel tome com ambas as mãos essas férias, esses verões! Aproxima-se o tempo em que será um homem sem ócios nem descanso. Mire bem o campanário da sua aldeia, os mais pequeninos arbustos da sua aldeia! Não tarda que, «preso à sua cadeia», como ele dirá, não possa mais voltar aqui.

Entretanto, ao regressar destas primeiras férias, brunido, forte, vai bater à porta do director, o cónego Caussadel:

— Senhor Padre, eu quero ser padre!

— Meu menino, ainda só tens doze anos! Faz primeiros os estudos!

«És muito pequeno ... Mais tarde falaremos ... Primeiro trabalha ... Os estudos.» Sempre as mesmas respostas desde aquele dia, já remoto, em que se abrira com o Padre Quintino àcerca do seu desejo de ser menino de coro. Esperar, esperar sempre ... Tanto tempo perdido ... Ah!... Que coisa interminável esta de ser menino!

*

Lentamente, os anos vão correndo; em Outubro de 1892, Daniel Brottier dá, finalmente, entrada no seminário maior. Filosofia, Teologia, Oração ...

— Daniel era muito piedoso, afirmará mais tarde o cónego Joulin, director do ensino particular de Blois. Muito piedoso, mas de maneira nenhuma «amaneirado».

E sua cunhada Luísa:

— Nunca foi aquilo a que vulgarmente se chama um «beato».

Parece, efectivamente, que toda a vida o Padre Brottier, assim como dissimulou com sorrisos a sua santidade e virtudes, assim manteve cuidadosamente escondido o segredo da sua união com Deus. Da sua devoção à Santíssima Virgem e aos Santos seus predilectos — S. José,

Santa Joana d'Arc, S. Vicente de Paulo e S. Francisco de Sales, seu modelo —, pouco ou nada revelou. Para ele, mais tarde, nem cilícios, nem buréis; nem jejuns frequentes, nem mortificações extraordinárias. A sua fé ia ser a mesma que nos tempos de menino: uma fé simples, sem discussões ou reservas, uma fé quase de criança. A propósito disso, costumava dizer: «Ah! ... esses pseudo-doutores que querem ser, em matéria de fé, mais sábios do que o papa! ... Mas quem somos nós para discutir com Deus? ...» Dizia também: «Ou temos fé, ou não temos. Se a temos, impõe-se que nos conduzamos como crentes e esperemos em Deus a olhos cegos.» Dizia ainda: «Orar e agir; assim, seremos capazes de aplanar montanhas! Devemos lançar-nos a isso decididamente e fazer confiança em Deus ...»

Orar e agir, a sua divisa ... No seminário, ele rezava e trabalhava. E, organizando tômbolas — já então — para festas de caridade, não cessando de divertir os condiscípulos com ditos espirituosos, viu chegar o tempo do serviço militar e, logo após, o subdiaconado. Em 27 de Maio de 1899, Daniel Brottier é ordenado diácono. A ordenação sacerdotal deveria ser no Natal seguinte; o Padre Quintino, porém, o querido pároco da sua aldeia e da sua infância, manifestou ao bispo de Blois a sua tristeza: «Era já tão velhinho, e no Natal faria tanto frio! ...

Ele não aguentaria a viagem de Saint-Cyr a Blois para vir assistir à ordenação do seu Benjamim ...» Comovido com o pesar do velho padre que já dera seis sacerdotes à diocese, o bispo de Blois, Monsenhor Laborde, decide uma ordenação especial, que se efectua em Outubro, na capela do Seminário Maior de Blois. E é nesta mesma capela que, no dia seguinte, o Padre Brottier celebra a sua primeira missa. Os fiéis presentes ficam maravilhados com a beleza do jovem sacerdote, uma beleza radiante, quase sobrenatural, que parece ilustrar maravilhosamente o versículo de S. Lucas: *Virtus de illo exibat — transparecia nele a virtude.*

*

Uma fotografia desbotada mostra-nos o padre Brottier poucos dias após a ordenação: franzino na sua batina, quase magro, rosto resoluto, olhar ao mesmo tempo imperioso e estranhamente ausente — um ser visìvelmente dominado por uma ansiedade toda espiritual. Está sentado entre rapazinhos que envergam o uniforme escolar; por baixo da fotografia pode ler-se: Pontlevoy, 1899.

O jovem sacerdote acabava, efectivamente, de ser nomeado director do segundo ciclo no mais reputado colégio da região.

— V. Rev.ª é um educador nato! — dissera-lhe Monsenhor Laborde. — O seu lugar é entre estes rapazes.

Sob as abóbadas desta antiga abadia repleta de evocações históricas dos filhos de S. Bento, de Richelieu, Luís XIV e Napoleão, o Padre Brottier tem agora almas a seu cuidado.

Com todo o zelo — ele não podia fazer as coisas a meias — instrui, dirige, educa e distrai. Não censura, quando, no recreio, algum dos alunos mostra no jogo demasiada brutalidade:

— Nesta idade, há tanta energia a gastar! ... — diz ele, indulgente.

Talvez se lembre dos seus tempos de escola, das batas rasgadas ... E acrescenta:

— Depois do trabalho, os rapazes devem sentir-se livres. É bom que eles gritem, e às vezes é bom até que discutam.

Assim dirá mais tarde, quando, ao sair das oficinas, os seus Órfãos se divertirão no recreio de Auteuil.

Num canto do prado e para satisfação dos alunos, cria uma cabra. Numa quinta-feira inaugura, com entusiasmo, graças ao seu Kodak novinho, «sessões de fotos». E um professor suspira:

— Este padre não faz nada como a outra gente ...

Espantoso poder de autoridade: ele decide, organiza, faz executar imediatamente. E é ao vê-lo partir, num domingo, para o passeio com os

rapazes, o primeiro a cantar pelo caminho, o primeiro a entrar em todos os jogos, escutado por todos, de antemão obedecido, que outro professor declara, patético:

— O Padre Brottier foi feito para comandar!...

À noitinha, na capela, é ele às vezes quem toca órgão.

— Que bem ele toca, o padre — dizem os rapazes.

E é verdade! Entre muitos outros dons, o Padre Brottier recebeu do Céu o dom da música. Ele dizia um dia a seu pai:

— A música é terrìvelmente exigente! De quem a ama ela exige tudo. Se eu me tivesse deixado levar por esta inclinação, teria provàvelmente perdido a vocação.

E ao cónego Joulin confiaria noutra altura:

— Prefiro não me dedicar à música: tenho muito receio de me deixar arrastar pela vaidade e desejo de aplausos!

Efectivamente, este espírito lúcido sabia-se inclinado ao orgulho. Do orgulho ele se iria defender toda a vida.

Em Pontlevoy, contudo, aquele cujo entusiasmo e vitalidade efervescente todos louvam, impacienta-se! ... Não foi feito para esta vida parada, nem para caminhos batidos o Padre Brottier ... Entre esses muros de pedra, ele sufoca. É certamente muito belo instruir, guiar esses rapazes. Mas terão eles, verdadeiramente, necessi-

dade dele? Pertencendo na sua maioria a famílias ricas, conheceram e conhecerão dias fáceis, sem espinhos nem abrolhos, quase traçados de antemão. Ao passo que algures, sob um sol escaldante, vivem crianças a quem tudo falta, crianças que nunca aprenderam o nome de Deus, crianças negras! Parece que aos seus ouvidos soam os gritos dessas crianças abandonadas; e é o grito do Macedónio chamando S. Paulo:

— Atravessa os mares, vem-nos salvar... *transiens adjuva nos.*

Só entre eles — pensa o Padre Brottier — poderá dedicar-se de alma e coração. Só aí poderá acalmar a sede que o consome, de sacrifício activo... Não há tempo a perder. A certeza da sua infância transforma-se então em obsessão: — «Serei missionário ...»

Entretanto, quem no colégio, nas fileiras dos alunos encantados, poderia adivinhar esse íntimo revolver? Quem da família poderia aperceber-se desse tumulto? Numa e noutra parte, o jovem padre era mestre em dissimular.

Vejamo-lo assim, por um dia de Junho, abrir a porta paterna. Veio de visita aos pais, que vivem agora em Blois. Não lhes vai falar de missões; para isso há ainda muito tempo e é inútil dar-lhes já o desgosto que a sua decisão provocará; vai simplesmente conversar com Luísa, a esposa de Gastão, que ainda não conhece bem e que se encontra de passagem em casa dos pais.

Lá está ela, ao lado de mamã Brottier, alegre, viva, encantadora no seu vestido às pintas.

— Bom dia, cunhada.

Luísa cora. «Impressionou-me de tal maneira, — confessará mais tarde — que eu não sabia o que exactamente deveria fazer ou o que dizer ...» E, como não sabe de que modo há-de falar a esse jovem padre, sempre grave sem deixar de ser sorridente, comporta-se de uma maneira cerimoniosa.

— Muito prazer em tornar a vê-lo — balbucia finalmente. — No dia do casamento a sua visita foi muito rápida ... Gastão fala-me muito de si ...

— Ora vamos lá a ver, Luísa; entre irmão e irmã não se justifica o tratamento por você; tratemo-nos por tu.

— Bem ... é que não sei se sou capaz de o fazer — diz ela; deixe que me habitue. Talvez não seja pior começar por carta, pois creio que me será mais fácil ...

Mas, divertido com esta timidez quase infantil, o padre começa a gracejar e dentro em pouco a fazer troça. É um gosto que lhe ficou da infância, um gosto que ele nunca perderá, nem durante a guerra ... nem durante o seu longo combate pela caridade ... Entretanto, Luísa começa a perturbar-se; de minuto a minuto, ela sente a cólera invadi-la ... «pois vejam lá! ... é afinal um padre, um quase desconhecido, o primeiro homem que se atreve a zombar de mim». E num mo-

mento esquece que aquele que graceja veste batina e, desatinadamente, aplica uma sonora bofetada na cara do jovem padre.

— Oh! Meu Deus ...

E logo se senta perturbada, corando de vergonha ... Daí a instantes, porém, incapaz de suportar por mais tempo aquele olhar que a acusa de exaltação, levanta-se e desaparece num quarto ao lado. Essa bofetada na cara do futuro Padre Brottier, não a esquecerá ela nunca mais. E, quando falar nisso, dezenas de anos mais tarde, fá-lo-á com extrema confusão:

— Dizer que ousei bater naquele santo homem ...

Entretanto, já reconciliado com Luísa e repreendido por sua mãe, regressa a Pontlevoy. Entra durante um momento na enfermaria do colégio (ele é também chefe de enfermaria). Observa a temperatura de dois pequenos enfermos que estão com o sarampo, distribui sorrisos, frases de animação, conta anedotas; sabe como ninguém tratar dos doentes. Demora-se um instante a conversar com as Religiosas de S. José de Cluny, as enfermeiras. A conversa encaminha-se, naturalmente, para o tema de Madre Javouhey, fundadora da congregação. O padre Brottier mostra uma grande consideração por aquela que desde a sua mais tenra idade tanto lutara em prol de dois ideais: terminar com a escravatura e fazer do povo negro *«um povo*

agrícola, laborioso e, sobretudo, honesto e cristão». O padre e as religiosas evocam a pequena camponesa da Côte-d'Or, que durante a revolução protegera os sacerdotes, que em sua casa diziam missa às escondidas; a jovem sedutora e amada que fizera entrar na Trapa um dos seus enamorados; a enérgica fundadora de uma ordem que se pôs ao serviço das colónias. Ei-la em S. Luís do Senegal, onde se espanta porque todos *parecem de luto, tão negra é a sua pele»;* ei-la em Dagana, recebendo na sua humilde cabana a homenagem de reis coroados de plumas; ei-la na Serra Leoa onde a ataca a febre amarela; ei--la, finalmente, em Caiena... Que belo, que útil destino, pensa o Padre Brottier. Eis a vida que ele quereria viver! E, olhos postos na verde folhagem de Junho, vê coqueiros cujas palmas secas balançam, anunciando tempestade próxima; imagina um Brottier de sotaina branca, marchando a pé no fogo das savanas escaldantes ou na sombra esverdeada das florestas, em busca de almas — abrigo de almas... Construir por suas mãos e com a ajuda dos catecúmenos, a sua capela: troncos de árvore servindo de bancos e a pequena campainha que chamará à oração, mais emocionante, por tocar ao mesmo tempo que os tambores do batuque... E imagina-se, lutando contra o feitiço e os feiticeiros, contra os polígamos, contra as associações de ritos cruéis. E as crianças apressadas à sua volta,

felizes por poderem aprender a História Sagrada ...

— Está muito sonhador, padre — comenta uma das religiosas.

Aqueles que lidam de perto com ele estão já habituados àqueles minutos em que ele se evade, inacessível.

— Estava a pensar, diz ele gravemente: Estava a pensar nos nossos missionários ...

E numa voz repentinamente sorridente:

— Sabem a história que se conta como verdadeira àcerca de Monsenhor Augouard, fundador de escolas e protector de mulheres e crianças, numa região de antropófagos, a quando da sua visita a Sua Santidade o Papa Leão XIII? Sua Santidade perguntou-lhe: «Os habitantes da sua diocese do Oubangui continuam, na verdade, a comer-se uns aos outros?» — «Infelizmente continuam ... — respondeu Monsenhor Augouard. Sua Santidade observou então que, pelo menos do seu conhecimento, nenhum missionário aí perecera ainda de modo tão cruel. «Serei talvez o primeiro.» — disse Monsenhor. — «Por amor de Deus, veja se consegue evitá-lo — respondeu Sua Santidade. — Ficaríamos sem relíquias suas! ...»

E com esta o Padre Brottier deixou as irmãs de S. José de Cluny, que riram com gosto do gracejo de Leão XIII, e regressou ao quarto. Sobre a secretária estava pousada uma carta;

o sobrescrito denunciava a sua proveniência da Congregação dos Padres do Espírito Santo; a caligrafia era a do padre Genoud, mestre de noviços da referida congregação, com o qual o padre Brottier se correspondia de há alguns meses a essa parte. Com o coração pulsando mais forte do que o normal, o jovem sacerdote aproximou-se da lâmpada com a folha na mão:

«... A sua determinação é boa, a verdadeira — escrevia o padre Genoud. — Venha então no princípio das férias; fará o retiro e começará logo de seguida o noviciado ...»

Momentos intensos ... O Padre Brottier senta-se à secretária; toma a caneta ...

Mas que há? Está próxima a meta do problema e com ela virá a sua resolução; será a planificação dos seus desejos ... No entanto, ele sente que uma angústia — humana angústia — se apodera dele. Com a sua caligrafia fina e elegante, extraordinàriamente parecida à de Lyautey, ele vai expor ao mestre de noviços a sua perturbação:

Pontlevoy, 6 de Junho de 1902

Reverendo Padre:

A sua carta veio dissipar-me toda a dúvida. A partir de hoje, está definitivamente decidido. Tomo todas as providências necessárias para re-

cuperar a minha liberdade e poder ir juntar-me a V. Rev.ª, nos primeiros dias de Agosto. Sinto cada vez mais que estou na verdade, tomando esta decisão; no entanto, começo a entrever a dose de coragem que me será precisa para consumar o sacrifício. Mas conto com o Sagrado Coração e com o Coração da nossa Boa Mãe para levar a bom fim o meu intento.

Nunca pensei que fosse tão complicado deixar o mundo: quando consideramos o sacrifício nos outros, isso parece não custar nada; mas considerado em nós pessoalmente, muda de figura, as coisas mostram-se-nos muito diferentes. O que, porém, me consola e me atrai é que sinto, no fundo de mim próprio, o mesmo entusiasmo do ano passado no retiro.

É que já, em seu coração, se dissiparam todas as nuvens. Partir! ... Ele vai partir em breve para África ... Tantas coisas a realizar ali ... E é num estado de exaltação que ele agora continua:

Tenho pressa de ir tomar o meu lugar entre os obreiros do campo do Pai de família; quantas razões eu tenho para me não iludir sobre a soma de bem que eu poderei fazer por mim próprio e a energia que dispensarei pessoalmente, pelo menos; já me tarde oferecer a vida, o sangue pela difusão da boa nova. O Evangelho —

é minha convicção — não poderá ser divulgado entre os povos pagãos, senão nas mesmas condições em que se expandiu nos primeiros séculos. É necessário que a semente seja regada com o sangue dos mártires. Oh! se Deus quisesse aceitar o meu para essa grande Obra, como eu lho daria de bom grado! É uma grande ambição este desejo de martírio, mas sem ele não creio que possa haver verdadeiro missionário. Terei muito que fazer para merecer tão grande graça; ser-me-á, sobretudo, muito necessário, adquirir a humildade que me falta. Será esse o trabalho que teremos que fazer juntos, Reverendo Padre; com o conselho da sua experiência, as coisas irão, com a graça de Deus.

*

«... Nunca pensei que fosse tão complicado deixar o mundo», — escrevera Daniel Brottier ao Padre Genoud; poderia ter escrito: «deixar a família ...»

A essa família que ele ama, ele sabe que vai dar-lhe um grande desgosto ... É quase tìmidamente que ele participa ao pai e à mãe a sua determinação. Um e outro, sem pensar em ocultar a sua emoção, tentam reconduzi-lo àquilo que consideram «a razão». A mãe:

— Porque queres afastar-te de nós, Daniel?

Aqui, na tua terra e entre nós, tu poderias fazer o bem de igual modo que nas terras selvagens. Não faltam almas a salvar nas nossas pequenas aldeias!

A senhora Brottier gostava de que o seu filho fosse padre; sente-se orgulhosa disso. Mas tinha-se persuadido de que ele havia de viver sempre naquela redondeza, junto dela; um pároco de aldeia como tantos outros, num presbitério umbroso, com estampas cromadas nas paredes, uma criada na cozinha ... E eis que ele agora fala de partir para terras distantes ... E insiste:

— Já por duas vezes o Senhor Bispo te nomeou pároco de uma pequena freguesia; duas vezes recusaste ... Mas porquê, porquê? ... Viverias tão tranquilo!

E o Padre Brottier com veemência:

— Mas, justamente! Eu não quero viver tranquilo!

E logo, com voz mais doce:

— É difícil explicar-to, minha mãe.

E voltando-se então para Luísa:

— Escuta, Luísa, minha boa irmã. Tu podes imaginar-me, tu, a mim, um pároco de aldeia? ... Três, quatro centenas de paroquianos, os sermões ao domingo, o confissionário, as visitas aos doentes, uma vida pacífica? Na minha idade! ... e com esta necessidade de acção que sinto dentro de mim ... Oh! eu ficaria louco e acabaria por perder a minha alma ...

Consternação geral! O senhor Brottier pousa a sua mão larga de trabalhador no braço do filho:

— E a tua saúde, Daniel, pensaste na tua saúde? Tu tens uns ombros fortes, pareces respirar saúde, e no entanto... quantos médicos nos foi necessário consultar por tua causa! Essas dores de cabeça de que, desde a infância, te vens queixando e que nada pode curar, ao que parece... Nessas condições, Daniel, partir é loucura; chegarás, cairás doente e será necessário repatriar-te!

E o Senhor Brottier evoca a humidade da estação das chuvas, os ventos dissecantes da estação seca, os mosquitos do paludismo, as moscas que transmitem a doença do sono...

O filho abana a cabeça:

— Não se inquietem com isso, queridos pais. Isso são contos de romance... Eu tenho a certeza de que me sentirei em África muito melhor do que aqui: não andarei eu sempre fora, ao ar livre?

Um pai inquieto não se deixa, porém, convencer tão fàcilmente. E o Senhor Brottier não hesita em jogar a última cartada:

— Se partes para as missões, Daniel, profere ele em voz soturna, é contra a minha vontade formal!

Silêncio na sala. O Padre fita os olhos no chão: que doloroso é desgostar tão cruelmente

aqueles a quem tanto se ama, nem poder levar em conta tais palavras!

— Peço-lhes — murmura; e sente que a voz se lhe quebra na garganta. — Não pensem que a minha atitude é ditada por algum sentimento de indiferença ou ingratidão. Pelo amor de Deus, tentem compreender!

E, silenciosamente:

— *Devo,* devo partir! Desde a infância que eu sei profundamente que é esse o meu caminho. Isso não quere dizer que eu não sofro pelo mal que vos faço. Se a felicidade nesta vida fosse o alvo para o qual devem convergir todos os nossos esforços, o meu projecto seria insensato; mas os desgostos que agora sofremos são uma semente de glória e felicidade para o Céu, e é o que devemos considerar, antes de tudo. Vou sentir-me longe, separado de tudo o que até hoje foi a minha vida? Tanto melhor! Desanimado alguma vez? Tanto melhor! Terei febres, sofrerei no meu corpo? Tanto melhor!

Ele aspira sempre ao pior. Se é a morte que o espera, bendita seja a vontade de Deus!

Consome-o a sede de sacrifício.

E é neste estado de espírito que em Agosto de 1902 o padre Brottier vai entrar no noviciado da Congregação dos Padres do Espírito Santo, em Orly. Fundada em 1703 por um jovem padre de Rennes, Cláudio Poulard des Places, supri-

mida pela Convenção, reimplantada por Napoleão I, sancionada por Napoleão II e em 1881 pela Terceira República, a Congregação do Espírito Santo tinha resistido à grande tempestade que, sob o impulso de Combes, acabara por varrer todas as associações religiosas. O seu grande objectivo fora e continuava sendo a evangelização da Raça Negra, num campo de acção de uma superfície dez vezes superior à França. Era necessário baptizar pagãos, mas mais do que isso, era necessário segui-los e ajudá-los, uma vez convertidos, desenvolver-lhes a cultura religiosa e social até os elevar ao nível dos grandes povos cristãos; era, enfim, necessário, fazer surgir, par a par, o progresso humano e o progresso sobrenatural. Aos seus membros, ontem como hoje, o grande exército apostólico, pedia piedade, zelo e renúncia, mais que renúncia: sacrifício. O missionário tinha de deixar o país, a família, abandonar os seus gostos e aspirações, todo o bem estar; estar pronto, enfim, a sacrificar a saúde e a própria vida ... Tudo isto Daniel Brottier o oferecera a Deus muito antes de entrar no Noviciado. Assim, Pascal: «Senhor eu dou-vos tudo!» Começa então o Padre Brottier, sob a direcção do Padre Genoud, «rude mestre de virtudes», como Genoveva G. Beslier lhe chamou, a aprendizagem da vida rude que o aguardava. Contudo, na austeridade desse ano, mostra-se o mesmo que no seminário e no Colégio de Pontlevoy; mostra-se-nos a um tempo,

reservado e afável, recolhido e alegre; paradoxos dum carácter que espantara alguns e que, mais tarde, fará dizer ingènuamente a uma boa religiosa de África: «O Padre Brottier? O Padre Brottier tinha duas almas!»

Devotar-se até ao sacrifício: tal é o desejo que, mais que nunca, inflama o coração daquele que de tão cedo ouvira o chamamento evangélico: *Vem, segue-me!* Apreciemo-lo pela carta que, em Setembro de 1903, escreveu a Monsenhor Le Roy, Superior Geral dos Padres do Espírito Santo:

Monsenhor:

Sou padre. Tenho vinte e sete anos e um pouco de boa vontade. Quanto a aptidões, nunca brilhei em nada. O meu estado de saúde, embora não seja muito brilhante, nunca até hoje me impediu de ir e vir, como qualquer mortal; e estou convencido de que a vida de missionário, ao ar livre, me fará bem. Encarei sempre, desde os doze anos, a vida de missionário como a vida de alguém que quere sacrificar-se e imolar-se pela salvação das almas — ràpidamente ou gota a gota, que importa?

Se, no entanto, me fosse permitido exprimir alguma preferência, seria para a primeira eventualidade. Quer dizer, Monsenhor, que não tenho a cabeça bem no seu lugar. Há de resto boas razões para isso. Eu não queria ser presunçoso, mas, se há algum lugar mais perigoso, em que

seja preciso arriscar alguém, eu digo simplesmente: «Eis-me aqui.»

Três meses após esta carta, o Padre Brottier pronuncia a sua consagração ao apostolado. E recebe de Monsenhor Le Roy «obediência» para a Missão do Senegal; será o segundo coadjutor da velha paróquia de S. Luís. Grande decepção! ... Sabe o que o espera: uma cidade «civizada», perigos reduzidos, almas preparadas! Ah! não ... não fora com isto que ele sonhara ...

— Assim — comenta entristecido — não terei que manejar nem a pá nem o tijolo, não levarei a palavra do Mestre nem os medicamentos às aldeias perdidas ... Eu pensara no Gabão, no Congo, no Ubangui ... E sou enviado para uma verdadeira paróquia de província!

No entanto, era necessário aceitar. Não comprometera ele a sua vida sob o signo da obediência?

III

UM ENCONTRO

A 27 de Novembro de 1903, o padre Brottier chega ao Senegal.

Próxima a terra de África, anunciam as gaivotas aos passageiros. Na ponte do barco que vai ancorar a Dakar estão reunidos «coloniais» que, ao longo da costa, aqui e além, regressam aos seus postos. Essas pessoas observam com simpatia um jovem missionário que, encostado à amurada, observa o mar. O seu rosto denuncia tenacidade, temeridade, entre o cabelo prematuramente branco e a barba nova.

— Eis um belo rosto de missionário, comenta um administrador. O que eu chamaria «rosto de largos horizontes.» Basta ver este homem para se ter a certeza de que fará bom trabalho no lugar para onde fôr.

— Estes missionários — continua um médico — são, na verdade, admiráveis: Conheço

um do meu sector, no Dahomey, o Padre José, a quem chamam o «Padre Jojo»: há bem quinze anos que ele não vê nem a França nem a família. «Que fariam na minha ausência, os meus Negros e os meus Brancos?» — costuma responder quando se lhe fala de saúde ou de férias.

E um jovem engenheiro de Brazaville:

— Quando parto para o interior, o missionário diz-me: «Vais por tanto tempo? Muito bem! Irei ver-te três vezes nas seguintes datas ...» É sempre pontual nos seus encontros e eu aguardo geralmente com ansiedade as suas visitas; não é que eu seja lá muito religioso: mas ele sabe tão bem levantar o moral de cada um! ... Um dia até me levou um presente: um cachimbo; ei-lo, trago-o sempre comigo ...

E um juiz:

— Quando sinto as tristezas da saudade, fico satisfeito, se vejo o padre. Chega, bebemos qualquer coisa, não faz perguntas. Gentil. Nada de censuras ásperas, quando lhe contamos as nossas «histórias», nem sempre muito «catitas». Uma vez, recordo-me bem, chorei diante dele. Vocês sabem como é: há momentos nestes climas podres em que nos sentimos verdadeiramente esgotados! O padre deixou-me chorar sem dizer palavra. Depois sorriu:

— Acabaste de encharcar o lenço? Isso é bom! Posso ir visitar outro.

Um instante de silêncio. E logo a voz cortante dum lenhador:

— Estes missionários, nada a dizer: mantêm uma colónia melhor que uma divisão de soldados!

O rosto do Padre Brottier sempre apoiado à amurada, ilumina-se; ouvira a conversa. Em África, é verdade, e nisso não pensava ele até então, havia também Brancos, Brancos que ele poderá reconfortar, consolar, dirigir. «Vamos ... tudo está bem.»

Entretanto, a ilha da Goreia, dourada sob o sol e pesada ainda com a lembrança da escravatura, aparece ao longe; aí fundara Madre Javouhey em 1882 uma escola de raparigas: aí, vinte e três anos mais tarde, desembarcaram os Padres do Espírito Santo.

E eis, finalmente, Dakar, onde o Padre Arragon, à sombra de um tamarindeiro, fizera nascer o bispado do Senegal ... O Padre Brottier sente, de minuto a minuto, renascer o seu entusiasmo; e, quando o barco lança a âncora, diverte-se com o espectáculo das chalupas a vapor, com os barquitos à vela que o vêm rodear. Cobertos de panos garridos e esfarrapados, alguns Negros tomam de assalto o navio; aos gritos, disputam as caixas e malas dos passageiros, enquanto alguns rapazitos nus saltam das pirogas para irem procurar ao fundo da água translúcida as moedas que lhes atiram. Agitação, de-

sordem, gritos de um ou outro passageiro que vê cair a mala à água ou a quem acabam de roubar o relógio ...

Há um ano, capital da África Ocidental Francesa e residência dos Governadores Gerais, Dakar já não é, certamente, a miserável aldeia negra que apareceu a Faidherbe, muito embora, com os seus quinze mil habitantes, não seja ainda a grande e cosmopolita cidade dos nossos tempos. Muito zinco, muita madeira, pouca pedra. Cava-se a terra, enxadas e pás entram em acção, montanhas de areia obstruem as ruas! De capacete branco, o Padre Brottier entra um instante no Hotel Europa, célebre, segundo Gouraud, pelos mosquitos; em seguida, caminha ao azar das ruelas que cheiram à flor de frangipana e peixe podre. Cruza-se com mouros de perfil cruel, com sírios de cor pálida, com senegaleses de tangas pintalgadas. Reluzentes de manteiga, pauzinho de corchi ou cachimbo na boca, deambulam mulheres, negligentes, com mantos de tule, que deixam transparecer a cor de rosa, o verde, o amarantino dos seus vestidos. Uma delas, de volta do mercado, vê de repente assaltada por uma ave de rapina, desses pássaros negros que planam constantemente sobre a cidade, a cabaça que leva à cabeça. A ave escapa-se, garras cravadas em pedaços de carne de cheiro pestilento. E a dona de casa irrompe em agudas lamentações.

O passeio conduz o Padre Brottier até junto

de uma mesquita toda branca. De repente, espanta-se, pergunta: «Mas afinal, onde está a igreja ?...»

Alguém, a seu pedido, lhe dá a informação: a igreja que o governador Brière de l'Isle mandara construir vinte e sete anos atrás, em substituição da primitiva capela, encontrava-se num terreno friável; ameaçava ruína e, por isso, fora necessário fechá-la. Doravante, será um simples barracão que servirá de igreja ao Vicariato Apostólico da Senegâmbia...

O Padre Brottier indigna-se: como é que uma cidade tão grande e chamada a tão grandes destinos, onde vão em breve construir-se sumptuosos edifícios, não há igreja? O que aqui se havia de edificar era uma catedral, a mais bela, a mais indestrutível. Uma catedral que alguns anos mais tarde o Padre Brottier fará nascer...

No dia seguinte, depois de atravessar de combóio dezasseis estações do caminho de ferro e uma floresta que a invernia tornara mais verdejante, chega finalmente a S. Luís.

«Uma cidade de província» — imaginara ele; e não se enganara muito: cidade pequena, melancólica e antiquada, de casas térreas; galerias, varandas, escadas de madeira; terraços balaustrados, janelas abobadadas à maneira antiga. «*Velha cidade branca* — escreve Loti —, *plantada de palmeiras, raras e amarelas; uma igreja,*

uma mesquita, uma torre, casas à mourisca; tudo isto parece dormir sob um sol escaldante, como as cidades portuguesas que outrora floresceram na costa do Congo, S. Paulo de Luanda e S. Filipe de Benguela.» E este perfume, e este cacimbo ...

Na soleira da porta da Missão, um Padre de barba branca em leque, rosto enérgico, ascético: o Padre Jalabert, Superior da Comunidade de S. Luís, que acolhe o recém-chegado com bondade, sorri ao vê-lo limpar a fronte:

— Chega — diz ele — no bom tempo. Não há ainda quinze dias que o canhão da Goreia, segundo a tradição, troou para nos anunciar o regresso dos ventos alíseos. O inverno foi muito duro, este ano. Se visse estas ruas submersas pela cheia do rio ... Só se viam a via férrea e a ponte Faidherbe.

E, enquanto pronuncia estas palavras banais, o Superior vai observando atentamente o novo presbítero, sem procurar dissimular a atenção e a insistência com que o faz. O olhar prescrutador mede-o, trespassa-o. O Padre Jalabert conhece bem os homens ... Não há muito que se encontra em África — fora anteriormente capelão da prisão e da leprosaria da Guiana —; foi nomeado pároco de S. Luís, durante essa epidemia de febre amarela que vitimou mais de três centenas de infelizes. Presentemente, gasta o melhor do seu tempo em explorações apostólicas, indo a cavalo

de tribo em tribo, alimentado-se de amendoim ou leguminosas e dormindo à luz das estrelas. Assim acaba ele de percorrer o Djoloff, berço da raça «uolofa», mar de areia, que na estação das chuvas se transforma em mar de verdura. Assim se prepara para visitar o Ferlo, desde Yan-Yan até Matam, uma das regiões mais desconhecidas da África de então. Homem de grande acção, homem também de grandes contrastes. Durante as suas longas viagens vive, sem se preocupar com o conforto; em S. Luís, porém, exige serviço impecável e mesa florida.

O silencioso exame a que o Superior submete o Padre Brottier é concludente: o Padre Jalabert reconheceu no novo missionário um homem como ele gosta; efectivamente, não cessará de lhe dedicar a mais viva afeição; e é com verdadeira satisfação que o apresenta aos seus colaboradores: os Padres Lequien, Renault e Le Floch.

Na frescura de uma sala de jantar com estores corridos, o Padre Brottier aprende ao mesmo tempo o sabor do dendém, dos siluros e das goiabas e as características das raças com quem vai contactar diàriamente. Uolofos, de rosto pensativo e sorriso infantil; Bambaras, comedores de serpentes! Tuculares, hábeis para todos os trabalhos manuais; Peles, pastores nómadas; Akus, civilizados «calcinhas». Falam-lhe também dos mulatos, a quem chamam «a gente da região» e cuja influência aqui é grande. E, quando lhe

enumeraram os nomes dos Brancos da região, funcionários e negociantes de S. Luís, a conversa recai nas coisas sérias. A situação da missão... apresentava-se assás inquietante: as leis ditadas por Combes impunham-se cruelmente no Senegal, como noutros lugares de África; religiosos e religiosas, a despeito dos esforços da Administração para os conservar, viam-se expulsos das escolas secundárias; as portas dos hospitais civis e militares fechavam-se às Irmãs enfermeiras. Que restava aos missionários para lutar contra esta vaga crescente de laicização? Salvar as obras, criar outras, a fim de se poderem recolher, ao saírem das escolas sem Deus, as crianças e jovens indígenas. Para isso, evidentemente, era necessário dinheiro...

— Dinheiro? Encontrá-lo-emos — assegura o Padre Brottier.

— Sim, encontrá-lo-emos — repetem os companheiros.

É que a chegada do «novato» deu repentinamente à pouco florescente Missão uma nota de optimismo. Há seres irradiantes que, apenas com a sua presença, são capazes de transformar uma atmosfera. Aparecem e logo insuflam vigor e coragem, tornam todas as coisas misteriosamente mais claras e palpitantes. Desaparecem, e logo a luz se apaga. Por seu lado, o Padre Brottier tinha sido conquistado desde o primeiro olhar do Superior. «Um Encontro — pensava ele — um

desses que merecem uma letra maiúscula, porque podem transformar um carácter, influir uma vida inteira.» O acolhimento cordial, as maneiras simples dos coadjutores tinham-no sensibilizado. Sente-se, finalmente, no «seu elemento». E é com prazer que, ao cair da noite, aceita que lhe mostrem a *sua* cidade.

— Ali, explica o Padre Renault, é o palácio do governador, o sr. Van Vollenhoven, a quem chamamos «Volo» [1], por ser efectivamente o querer a sua virtude predominante ... Aqui o bairro dos *spahis*, os cavaleiros argelinos ... Ali, a estátua de Faidherbe, em bronze, como vê, razão pela qual muitos Negros afirmam que Faidherbe só conseguiu conquistar o Senegal, pelo facto de ser Negro.

O Padre Brottier vê ainda os lugares onde outrora amarravam os escravos e onde actualmente vivem famílias negras de permeio com esteiras, cabaças e moscas. Admira-se do número e da importância dos armazéns — S. Luís, ontem como hoje, não passou nunca de um entreposto comercial —. Admira, enfim, o rio, unido pela imensa ponte metálica e onde entre imundícies, deslizam barquitos de rodas e balandras à vela. Grito rouco dum tocano. Mugidos de búfalos ... Não é esta a África com que ele sonhara ... Florestas, savanas, areais que ele nunca chegará a

---

(1) Em latim «Volo» significa: quero.

conhecer... Feliz, o Padre Jalabert, que vive exactamente a vida que ele gostaria de viver! Contudo, a primeira abadessa de Lalesme disse-ra-lhe: «*Nada há no mundo de absolutamente bom, senão Deus e a Sua santíssima vontade...*» E aquele que, à imagem dos Beatos Francisco Jaccard e João Gabriel Perboyre, quisera oferecer a sua vida pelo ideal missionário, cala os seus pesares: «Demos aqui o que podermos dar: mãos à obra!»

IV

A BATINA BRANCA

Até 1911, o seu zelo devorador exerceu-se em favor dos pagãos e cristãos de S. Luís.

Várias pessoas contaram o que foi essa estadia do Padre Daniel Brottier em terras do Senegal. Todas exaltam o seu espírito de decisão e de organização, a sua actividade, a sua incansável caridade. Alguém que foi seu menino de coro na igreja e no hospital de S. Luís, o senhor Sallenave, teve a gentileza de resumir para nós as suas memórias. Escutemo-lo:

— O Padre Brottier! ... O que nele mais impressionava logo, mesmo a uma criança, era o seu olhar penetrante. Tinha-se a impressão de que lia os nossos pensamentos. Era, com efeito, muito difícil mentir-lhe ... A princípio poderia parecer reservado. É que ele estudava as pessoas antes de lhes dar confiança; quando, porém, essa confiança nascia, que calor o da sua amizade! Posso garantir que, se eu o amava como

a um pai, ele me tratava como a um filho. Tão afectuoso! ... Para a minha primeira comunhão ofereceu-me um relógio de prata que mandara vir da Suíça. No entanto, quando era preciso, sabia ser extremamente severo; assim, um primito meu recebeu dele, certo dia, um correctivo que nunca mais lhe esqueceu ... O Padre Brottier estava rodeado de um grande grupo de rapazes. Sim, bem depressa ele soubera reunir à sua volta toda a juventude, branca, africana, mestiça e até muçulmana. O meu avô oferecera-lhe o rés-do-chão da sua casa, na Rua Afonso de Neuville, número 12, para que aí instalasse o seu «Círculo católico». O Padre Brottier aí fazia conferências, leituras e organizava representações teatrais. Lembro-me muito bem de ver os actores a *maquilharem-se* no nosso salão, diante de uma grande fotografia de Leão XIII ... Divertido, infatigável, o missionário permanecia sempre até cerca da meia-noite com os «seus rapazes». No dia 14 de Julho de cada ano, havia sempre esplêndidas festividades náuticas projectadas por ele. Além disso, tinha uma fanfarra, «A Faidherbe», como lhe chamavam, que ele próprio dirigia.

E o Sr. Sallenave mostra uma fotografia em que se vê o Padre Brottier rodeado de negros, mestiços e brancos, por entre instrumentos enormes e espaventosos.

Tinha também um grupo coral. Fazia executar motetos gregorianos de cantochão, e era

belo. Ele próprio tocava órgão maravilhosamente. E quem o ouvisse pregar na Quaresma? ... Essa eloquência, essa convicção ardente! ... Para o escutar até os maçónicos se infiltravam na igreja. Possuía verdadeiramente todos os dons, mas como poderia ele entregar-se às suas preferências? Não tinha um momento de seu. Ocupava-se do patronato e até do parque infantil, para onde levava jogos e imagens. As mães africanas desatavam o pano que lhes segurava o filho às costas; confiavam-no ao Padre e voltavam a pilar o milho tranquilamente ... Ele era, enfim, director das Filhas de Maria, nas Irmãs de S. José de Cluny. Ali lhes prodigalizava encorajamentos e conselhos, na casa de lavores que mandara abrir, interessando-o, em cada uma das suas visitas, os progressos feitos pelas raparigas em costura ou em bordados.

Ele próprio enxertava as roseiras com desvelo e carinho. Não eram, evidentemente, rosas vaporosas, rosas finas como as nossas. Muito grandes, muito ràpidamente desabrochadas e quase sem perfume. Mas, mesmo assim, extasiaram os europeus de Dakar e de S. Luís, que as procuraram para adornar as mesas dos jantares de gala e para obséquios sentimentais. Vendo que as rosas iam, em parte, permitir-lhe manter as obras, o Padre Brottier pensou nos frutos. Interessou-se pelas tangerinas, pelas laranjas e pelos limões, que ele conseguiu criar enormes,

não sei devido a que processo. Foi um sucesso, um grande sucesso de venda! Então, enxertou as «mangueiras», e as «mangas», por sua vez, tomaram proporções insólitas; a «manga-Brottier» ainda hoje é célebre, como poderá ter notado, nos mercados senegaleses. O Padre via assim entrar dinheiro ... mas não, contudo, o suficiente: eram tantas as suas obras! Fez então peditórios com as «Filhas de Maria» e algumas senhoras piedosas da cidade. Não se deve esquecer que foi no Senegal, efectivamente, que o Padre Brottier começou a forçar a caridade.

Foi nesta altura que ele fundou, com os nomes dos benfeitores, o «Boletim das Obras Paroquiais», como fundaria mais tarde, em Auteuil, o «Correio dos Órfãos». Foi também nesta época que, para melhor penetrar a alma indígena, o Padre começou a aprender a língua «ualofa».

*

Homem de acção, homem de oração, homem brincalhão! ... Assim, ele confiaria um dia ao Padre Pichon, que no seu tempo de missionário em S. Luís do Senegal, gostava de pregar algumas partidas aos companheiros. E dava exemplos.

No dia seguinte à sua chegada, um dos coadjutores disse-lhe, ao entrar na igreja:

— Sabe pregar?

— Mal — responde o Padre Brottier.

— É pena! Vai ter um auditório muito culto ... Quer fazer um pequeno exercício?

Brottier aquiesce. Ante a sua palavra entaramelada e os seus gestos afectados, o coadjutor meneia a cabeça, e no domingo seguinte mostra grande ansiedade no momento do sermão. E, do alto do púlpito, enquanto arrebata os fiéis, pela segurança, pelo arrebatamento, pregando, enfim, como sabemos que ele pregava, o Padre Brottier diverte-se como uma criança ao ver o espanto do coadjutor!

Alguns dias depois, o organista que deveria acompanhar ao harmónio os cânticos das «Filhas de Maria» adoece repentinamente. Desapontamento geral! ... Como remediar o problema?

— Posso ajudar — propõe o Padre Brottier.

— Como? ... V. Rev.ª sabe tocar harmónio?

— Muito pouco. Aprendi vagamente no Seminário. Já veremos.

E, dizendo isto, senta-se diante do instrumento. Ondas de harmonia. Admiração geral! ...

Num belo dia chega a S. Luís um irmão da missão de Nagazobil, orgulhosamente montado numa bicicleta nova, acabada de chegar de França.

— Quer que o ensine a montar? — perguntou ao Padre.

— Gostaria imenso, mas receio incomodá-lo muito.

O irmão esmera-se então em mostrar o funcionamento do pedal e do guiador; o missionário senta-se no selim e o irmão vai empurrando, preocupado em evitar quedas e oscilações; de repente, vê-o partir, a toda a brida, por um caminho escabroso. O irmão junta as mãos, morde os lábios: para este principiante o acidente é inevitável. Passa uma hora, e o Padre Brottier sem aparecer. Finalmente, ei-lo que surge por outro carreiro, rindo e de faces afogueadas.

— Padre ... não compreendo ... Andei por aí à sua procura sem conseguir encontrá-lo ... Mas então, já sabia andar de bicicleta?

— Que julga, meu caro? Na tropa fui ciclista do Comando, no regimento.

Outra brincadeira: a do gato. Ao velho Padre Tranquilli que se gabava dos seus talentos culinários, perguntou um dia:

— Será capaz de distinguir um guisado de coelho dum guisado de gato?

— Naturalmente — respondeu o outro, indignado.

Mas neste momento deixemos a palavra ao Padre Pichon, que recolheu a confidência: «Exactamente nesta época as Irmãs do Hospital tinham um gato magnífico; o criado da missão foi encarregado de o apanhar e de o matar. O Padre Brottier que era, efectivamente, senhor de todos os talentos, encarregou-se de o prepa-

rar. E, no domingo seguinte, os Padres de São Luís viram aparecer à mesa um magnífico e cheiroso prato de coelho guisado: regadinho com algumas garrafas de vinho branco, donativo de um capitão da guarnição, o referido guisado teve o maior sucesso. Foi o Padre Tranquilli o primeiro a achá-lo tenríssimo, saboroso, bem temperado, preparado por mão de mestre, etc. Terminado o almoço, passou-se ao recreio.

— Que tal o coelho, Padre Tranquilli? — insinua o Padre Brottier.

— Delicioso, perfeito!

— Obrigado, caro Padre Tranquilli. Mas uma segunda pergunta: não lhe achou um saborzito assim — como direi? ... — um poucochinho selvagem?

— Absolutamente nada!

— Heterodoxo?

— De maneira nenhuma!

— Esquisito, duvidoso, equívoco? Um sabor, como dizer... felino? Enfim, não admite que esse coelho pudesse ser... um gato? ...

E, dizendo isto, o Padre Brottier exibe diante dos Padres, divertidos, a pele do malfadado bichano das Irmãs do Hospital. O Padre Tranquilli zangou-se durante cinco minutos; sentiu umas reviravoltas no estômago e finalmente concordou que fora lindamente apanhado. E o Padre Brottier confirmava: «Foi uma linda brincadeira!»

Alegre, pois, em S. Luís do Senegal: Não dizia S. Francisco de Sales que *«um santo triste é um triste santo»?* Alegre como na sua terra natal, como em Orly, onde as suas «saídas», fizeram dizer ao Padre Litthard, sub-director dos noviços: «Você faz rir até o diabo». Cândidamente faceto. E isso, a despeito de um trabalho verdadeiramente extenuante — levantar ao romper da aurora, deitar depois da meia-noite — e de um estado de saúde cada vez mais precário. O clima, sobretudo a estação das chuvas, não lhe era nada favorável. Por vezes, atravessando a cavalo extensas regiões sob um sol escaldante, chegava a Sor — coqueiros, hortas, cemitérios, oito mil almas; na soleira da porta da casa de lavores ou à porta do jardim das rosas, esperavam-no as Irmãs, essas tocantes irmãzinhas, rostos pálidos e mais adelgaçados pelo véu encimado pelo capacete colonial. Elas viam-no, de fontes latejantes, apertando a cabeça.

— Ah — dizia — estas enxaquecas, sempre estas enxaquecas... Quando eu morrer, hão-de abrir-me o crânio para ver que coisa me faz sofrer tanto desde garoto.

Mas logo esquecia a má disposição e a doença, para se ocupar de novo das tarefas do momento; e divertia com uma graça os alunos e as religiosas. «Tinha sempre pronta a palavra apropriada para nos fazer rir a qualquer propósito, declara uma destas Irmãs. E, no entanto, ele

sofria. Deus mimoseou-o com provações e desgostos profundos... Mas, como todos os que querem praticar o bem, ele sabia que tudo se adquire com a generosidade, o sacrifício, o esquecimento de si próprio». Que penas foram essas? Podemos, talvez imaginá-las; mas que é isso de «imaginar?» O essencial continua velado. Os seres desaparecem com os seus segredos! E a cruz que o Padre Brottier então levou secretamente, debaixo de sorrisos, ninguém saberá que nome lhe atribuir.

Chega, entretanto, o fim da sua primeira permanência em África: as consequências duma insolação incitam os médicos, em Agosto de 1906, a exigir o regresso à França para um longo repouso. Pensativo, compra pequenas lembranças para seus pais, para Gastão e Luísa — arcos primitivos, estatuetas de ébano, cabaças adornadas, recordações de viagens que, colocadas na casa provinciana, entre um ramo de cardos azuis e um frasco de compota de maçã, falarão aos sedentários de uma vida que eles não imaginam.

*

Seis meses em França... À família o Padre Brottier não diz absolutamente nada do paludismo abrasador que, por vezes, o abate e o faz transpirar excessivamente no leito, como nada diz daquelas borbulhas que tantas e tantas vezes

lhe salpicam o peito de carmim. Abstém-se de evocar esse sol escaldante que entra nos olhos, nas cavidades da nuca, e essa humidade venenosa que, à noite, gela os pulmões. Não descreve o movimento, o estrondo contínuo da barra, impiedoso, exasperante para os nervos sensíveis. Não! Nas suas narrações vivem só os jovens, Brancos e Negros, que ouvem com proveito a boa nova; as Negritas, cingidas nos seus trajos de algodão, que aprendem a ser donas de casa cristãs ... Tudo está bem, tudo corre bem! E, quando, em Janeiro, embarca de novo para São Luís, deixa na doce luz de Blois seus pais crédulos e tranquilos ...

Em seis meses, as coisas mudam, e em África mais do que em qualquer parte: terra dos móveis provisórios e das cores ràpidamente extintas, das surpresas, das partidas e chegadas, dos edifícios que parecem nascer do solo como cogumelos. Ao passar por Dakar, o Padre Brottier quase não reconhece a cidade: todas essas casas, essas novas avenidas ontem projectos, hoje realizações, e tudo isso tão rápido, tão rápido! E é, com uma apreensão que ele não analisa, que vê, horas depois, aparecer por detrás de uma cortina de eucaliptos, a estação de S. Luís.

À porta da missão, um novo superior o aguarda. O Padre Jalabert, ao voltar da sua viagem através do deserto de Ferbo, fora, efectivamente, nomeado Vigário Geral de Dakar. O Padre Prono,

que o substitui, não tardará a cair doente, e morre, precisamente no dia em que Monsenhor Kunemann, bispo do Senegal, se perde no mar. É então o Padre Brottier nomeado superior da comunidade ... As Irmãs já não estão em Sor: foram instalar-se nos arredores de N'Dar Tute. E o jardim que cercava a capela com uma faixa de perfume, fora vendido.

Elevada à categoria de capital da nova colónia da Mauritânia, a própria cidade de S. Luís se transforma. Gouraud surge aureolado de heroísmo. Aos Mouros que haviam afirmado: «Jamais os Franceses entrarão no Adrar» respondera ele, lançando-se, à cabeça de quinhentos Senegaleses, sobre Amatil, sobre Hamdum e, finalmente, sobre Atar, a cidade santa: «*Páginas romanas,* escreve Psichari, *dignas de César*». Uma onda de coragem paira sobre a cidade... O vencedor era bem conhecido na missão, que visitara em cada uma das suas paragens em S. Luís. Não escrevera ele, no seu Diário, pouco depois da chacina do destacamento de Jorge Mangin: «Eu ia muitas vezes à Missão dos Padres do Espírito Santo. Após uma oração na capela, conversávamos no pequeno jardim, ao cair da noite. Um dia, nesse período em que estávamos manietados pelas ordens, como lhes dissesse que o homem mais independente do mundo era talvez um jovem Mouro, que tivesse um bom camelo, um saco de tâmaras, uma pele de cabra, uma carabina e cartuchos rouba-

dos aos Franceses, um deles citou-me a oração cristã, plenamente a propósito: — Senhor, livrai-me das ciladas da noite e do demónio do meio dia ... — Estava lá também o Padre Brottier.» Os dois homens conheciam-se, portanto. Mas os seus laços de amizade viriam a estreitar-se depois de Akar, uma amizade que não deminuiria jamais. Será o general Gouraud quem, vinte e cinco anos mais tarde, colocará na batina do missionário a cruz de Oficial da Legião de Honra.

Entretanto, o Padre Brottier prosseguia a sua tarefa: círculo católico, fanfarra, patronatos. Faz cantar a missa de Santa Cecília, para a primeira comunhão; organiza as procissões da festa do Corpo de Deus, prega o retiro aos seus jovens. Também se faz jornalista, dirigindo o *«Eco de S. Luís»*, e esquece, no ardor das suas múltiplas actividades, o seu precário estado de saúde; ele não *deve* estar doente! Não tem o direito de parar por mesquinhas razões de cansaço físico. E aqui se situa uma anedota que ilustra a sua recusa a «deixar-se levar», ao mesmo tempo que uma delicadeza de sentimentos pouco vulgar. Monsenhor Jalabert (o pastor dos desertos acabava de ser nomeado bispo titular de Telepte) estava de passagem por S. Luís, uma noite em que o Padre Brottier foi projectado da sua viatura; chovia, o pavimento estava escorregadio, o cavalo caira. O missonário ferira-se gravemente na cabeça; uma religiosa estivera mais de uma

hora a limpar as feridas dos fragmentos de pedra e de terra. Mas ninguém foi capaz de o convencer a deitar-se, e, escondendo as ligaduras com um boné, apareceu assim na sala de jantar, saudado pelos risos e zombarias dos outros, que ignoravam o acidente. Estava a ponto de desfalecer, mas foi com a sua habitual boa disposição que conversou com Monsenhor Jalabert, o qual nunca teria sabido do que se passara, se no dia seguinte a Irmã enfermeira não viesse, preocupada, perguntar pelo estado do Padre Brottier.

— Mas — pergunta então o bispo ao Padre — porque não me disse nada ontem à noite?

— Para quê? Isto não foi nada; um pequeno acidente. E, como eu conheço bem a sua sensibilidade, Monsenhor, estou certo de que, se soubesse que eu estava ferido, ficaria muito preocupado ...

Mas soou a hora do regresso definitivo. Os médicos foram inflexíveis. O Padre Brottier não voltaria a ver essa África, à qual tantos anos estivera ligado.

No barco que o reconduzia a França, poderia ele repetir as palavras que a Madre Javouhey escrevia de Caiena: «Oh! Querida cidade de S. Luís, a quem eu quereria consagrar a vida, e em cuja salvação penso constantemente!»

V

DESEJO DO SILÊNCIO

Nesta altura, o desejo de uma existência mais recolhida incita-o a fazer-se trapista. Depois de uma sincera experiência na Trapa de Lérins, de pleno acordo com os seus Superiores, volta à vocação missionária.

Paris, Junho de 1911. Pelas ruas vendem-se flores; lindas e simpáticas raparigas, na sua elegância de vespa, deambulam, respirando o aroma dos ramos floridos, sonhando com as próximas férias. Belos crepúsculos e perfumes de tílias em flor.

Para o Padre Brottier não há nem sol nem flores. Diante da sua janela fechada, vive, alheio aos ruídos do Estio, aos murmúrios da vida. Mal regressara de África, apossara-se dele a necessidade de viver fora do mundo. Queima-o o desejo de trocar o ministério activo pela vida de contemplação. «Não quero conhecer d'ora-avante senão o sacrifício e a oração; não quero ocupar-

-me senão do *único necessário.*» A seu irmão que lhe diz:

— A tua permanência no Senegal provou-te profundamente, Daniel. Estás esgotado, ainda doente. Não tomes de momento nenhuma decisão. Repousa. Outros trabalhos te esperam: tu sabes que nasceste para a acção!

Ele responde, melancólico:

— Compreende-me... Os homens mais «mexidos» chega um dia em que se perguntam a si próprios se tudo o que fizeram é verdadeiramente útil ou se, pelo contrário, tanta precipitação, tanta agitação os não desvia do essencial: manter-se sempre em contacto com Deus!

Não era a primeira vez que este obstinado batalhador, de quem todos elogiavam o zelo e o entusiasmo, manifestava o desejo de se retirar do mundo. Já por ocasião do seu primeiro regresso do Senegal, ele se tinha aberto com o seu bispo, Monsenhor Kunemann, àcerca do seu projecto: entrar na Trapa. A resposta não fora favorável. Desta vez, porém, foi ao seu Superior Geral, Monsenhor Le Roy, que ele se dirigiu. Dele receberá a seguinte carta:

«O pensamento que me manifesta é bastante frequente nos missionários mais activos: o excesso de ocupações exteriores dá, em certos momentos, a obsessão da calma e do repouso. Sente-se a necessidade do silêncio, ao mesmo tempo

que se sente a necessidade de pensar em si próprio. Será isto, porém, um sinal absoluto de vocação? Às vezes, talvez. Quanto a mim, caro Padre, de bom grado veria orientar-se para a Trapa ou a Cartuxa este ou aquele confrade, se ele estivesse possuído dessas ideias. Infelizmente, esses não pensam nisso. E aqueles que nisso pensam, como V. Rev.ª, são precisamente os que a Providência talhou, visìvelmente, para outra vocação... V. Rev.ª, caro Padre, nasceu para esclarecer e salvar almas, através do ministério apostólico; parece-me que seria cometer um pecado contra o Espírito Santo exortá-lo a esconder detrás duma porta os dons de missionário que Deus depositou em si, evidentemente, para os utilizar. Releia a parábola dos cinco talentos e medite na apóstrofe que a conclui: «Mau servidor...» Mas se a Medicina acha que V. Rev.ª não é feito para os climas africanos? Pois bem, dar-se-lhe-ão outros climas. De resto, caro Padre, não me oponho a que vá fazer uma visita e um retiro à Trapa de Valsanto, perto de Friburgo: não é má ideia que resolva este problema de uma vez para sempre...»

O fim da missiva, mais pessoal, esclarece-nos àcerca dos tormentos que então agitam a alma ardente do nosso missionário, e que Monsenhor Le Roy tinha percebido bem:

«A si, caro Padre Brottier, permito-lhe que

às vezes esteja fatigado, mas desesperado, nunca! Nós quereríamos, sem dúvida, ser mais recolhidos, mais regulares, mais senhores de nós próprios, menos expostos, mesmo na vida activa. Mas não foi Nosso Senhor quem tudo dispôs assim? Ele sabe que, no fundo, é para ele que tarbalhamos e que, por vezes, estamos em crer que nos perdemos... Ele sabe-o bem, acredite!»

«Vá à Trapa de Valsanto» — aconselhara Monsenhor Le Roy. Mas não é para o planalto suiço que o Padre Brottier se vai dirigir: escolheu Lérins, onde os Cirtercienses da Congregação de Senanque seguem a regra beneditina, modificada por S. Bernardo, dando à oração um objectivo particular: a salvação das almas do Purgatório.

Dentro em pouco, ele verá, como no poema de Mistral, *«ao clarão das lendas, surgir da onda colorada as ilhas, verde graça do mar.»* E, por entre os ciprestes, as romanzeiras e as clematites aparecer o mosteiro que, desde Porcário II a Patrício, de Agricol a Apolinário, tantos santos deu à Igreja. Junto de uma palmeira — uma dessas palmeiras do alto da qual Santo Honorato, com um simples sinal da cruz, exterminou as serpentes — três monges de hábito branco e escapulário, aguardam o Padre Brottier. É com certo alívio já que ele toma conta da sua cela de retiro de pavimento ladrilhado, cama de ferro com enxer-

gão duro e travesseira de crina. Admirável pobleza! Pregado à parede, único ornamento, o crucifixo absorve todos os pensamentos, permitindo, como se diz na regra de S. Bento: «*correr no caminho dos mandamentos de Deus, com uma inefável doçura de amor.*» Rigor desta Regra, inflexível horário:

3	horas	da	manhã:	—	matinas e laudes.
5	»	»	» :	—	missas particulares, comunhão.
6	»	»	» :	—	prima.
7	»	»	» :	—	pequeno almoço.
8	»	»	» :	—	tércia e missa cantada.
9	»	»	» :	—	trabalho manual.
11	»	»	» :	—	leitura espiritual.
11,30	»	»	» :	—	sexta.
12	»		:	—	almoço.
14	»		:	—	noa e trabalho manual.
16	»		:	—	vésperas e meditação.
18	»		:	—	leitura espiritual e terço.
19	»		:	—	jantar e completas.
20,30	»		:	—	deitar.

Bem ràpidamente volta a paz ao espírito do perturbado missionário. «Vive-se aqui — escreve ele — sem intermediários entre o divino e a alma

que mergulha no infinito: o céu deve ser qualquer coisa como isto». Não nos parece ouvir Santo Eucher no seu «Elogio da Solidão»? «*Lérins*, diz o Santo, *oferece àqueles que a possuem a imagem do céu que um dia possuirão.*» Contudo, não é quem quer que é feito para a vida contemplativa. Oito dias chegam ao Padre Brottier para compreender que o seu lugar não é num claustro. Explica-se ao seu Superior, numa carta, cuja primeira parte pode parecer divertida e em que se retrata a sua maneira jocosa:

— «Acabo de passar uma rude semana em luta com Deus, com o diabo, com os monges, etc. Agora acabou. Apesar das amáveis instâncias feitas para me reterem, regresso como bom filho pródigo, depois de ter conscienciosamente discutido a questão. Tenho, parece, tudo o que é preciso para ser um bom Trapista, mas a minha saúde não parece querer adaptar-se a esta nova situação. Vi nisso uma indicação da Providência e creio inútil insistir, pelo menos por agora. O mais claro do assunto foi o bom retiro que aqui fiz e me retemperou: em contacto com tão santa gente, somos forçados a tornar-nos um pouco menos maus!»

E ao Padre Pichon ele confiaria um dia, sem rodeios:

— Uma outra razão, mas esta puramente material, prova-me também que não era feito para

o claustro: durante esses oito dias, eu morria de fome ... A pé, desde as três horas da manhã, absorvia às sete uma pequena chávena de café com uma fatia de pão. Às onze horas, eu já não existia: era incapaz de fazer o que quer que fosse! Ao cabo desta semana de reflexões, cheguei à conclusão de que não estava destinado a terminar os dias em Lérins!

Para ele, já não há dúvidas. Não as haverá jamais. Encontrou de novo coragem e certeza. Está pronto a lançar-se já, entusiasta, por novos caminhos: esse projecto do «*Souvenir Africain*» — a Catedral-Monumento — de que Monsenhor Jalabert lhe falou ... Há trinta e cinco anos.

*

No momento em que o lutador reanimado se dispõe a regressar à arena, uma das suas filhas espirituais do Senegal via abrirem-se-lhe as portas do Carmelo. Ela, que se julgara inútil no mundo, abandonava esse mesmo mundo para que Deus conservasse a vida de um padre cuja presença na terra fosse extremamente necessária. E assim oferecia orações e penitências para fazer cair bênçãos e graças sobre a obra que ela pressentia grandiosa. E comove-nos pensar que durante a sua vida o Padre Brottier vai ter, assim, atrás de si, alguém que o secunda no apostolado. Ele próprio, fortificado pelas constantes

orações dessa humilde Carmelita, constantemente apoiado por essa silenciosa protecção, não hesitará um dia em escrever-lhe estas palavras: «A Irmã foi a maior graça da minha vida, depois do meu sacerdócio!»

VI

A CATEDRAL-MONUMENTO

Em 1911, o Padre Brottier é encarregado por Monsenhor Jalabert de organizar a obra da Catedral-Monumento (Le Souvenir Africain). **Ele entrega-se totalmente a esta obra apostólica.**

Monsenhor Jalabert, de passagem por Paris, dirige-se ao Padre Brottier, que acaba de regressar de Lérins e se encontra na casa dos Padres do Espírito Santo, na Rua Lhomond.

— V. Rev.ª tem a nostalgia das nossas regiões longínquas, disse-lhe ele, e eu compreendo-o perfeitamente. Há céus, há atmosferas carregadas de um misterioso encanto que se não podem esquecer. V. Rev.ª escreveu-me que desejava continuar a trabalhar pela África. Pois bem: isso é possível, e aqui mesmo, em Paris. Quer ocupar-se da obra da Catedral-Monumento?

Monsenhor Jalabert explicara a sua ideia. No decurso das suas viagens descobrira, por mais de uma vez, sob arbustos floridos ou no côncavo das

dunas, túmulos de Europeus, sem cruz, sem nome, abandonados aos escorpiões e aos vendavais de areia. Evidentemente, não era coisa particular dos desertos; aqui e além, em toda a África Negra, jaziam mortos esquecidos. Alguns repousavam sob um montículo, devorado pelos rícinos, os crotões e ananazes silvestres; outros, sob uma lage, quebrada e desagregada pela queda constante das nozes de coco, pela secura dos ventos (o «harmatão» ...) e a humidade da invernia; outros, finalmente, desconhecidos, fulminados por uma bala ou pela febre amarela, tinham-se transformado em pó, não se sabia onde, sob os altos capins das savanas ou no mais secreto das florestas ...

Em Dakar, Monsenhor Jalabert pensara nisso longamente. Viera-lhe então naturalmente a ideia de construir uma igreja (não; uma catedral) à memória dos pioneiros da epopeia africana, de todos aqueles que tinham combatido, militar ou espiritualmente, por uma Pátria maior, soldados, exploradores, religiosas, missionários, professores, administradores, médicos. Para esse efeito, encontrara-se já com o Governador, o Sr. Merlaud-Ponty, do qual recebera caloroso apoio:

— Monsenhor, precisamos certamente de uma catedral, mas uma catedral-monumento, edificada por todos os que foram amigos, admiradores dessa legião de esquecidos. Nesse Panteão afri-

cano, mandará gravar, em mármore e para sempre, os nomes desses heróis!

— Que lhe parece, caro Padre? — continuou Mons. Jalabert. — É uma tarefa de envergadura, a que lhe confio: V. Rev.ª conhece a palavra da Escritura: *É uma grande obra elevar um templo ao Senhor*. Não será, certamente, empresa fácil. Eu não poderei ajudá-lo por muito tempo: a Diocese, no Senegal, está à minha espera; tenho que regressar brevemente. Será V. Rev.ª quem terá que dar todas as passadas, inumeráveis passadas, buscar dinheiro, muitíssimo dinheiro. A mão de obra ali é mais dispendiosa do que se diz e as despesas de transporte serão consideráveis.

Dinheiro! O Padre Brottier sorri. Está tão certo de o encontrar ... Durante toda a sua vida ele será «o homem que faz aparecer o dinheiro» e até mesmo depois da sua morte. Este milagre, ele o anunciará ao seu amigo, o barão de Brichambault, dizendo, a propósito dos seus Órfãos: «Depois da minha morte, não procederei como Santa Teresinha do Menino Jesus: não será uma chuva de rosas que farei cair sobre a terra, mas uma chuva de notas de banco!»

Inegável chefe de empresa, «inaudito gerente dos negócios do Mestre» — segundo a palavra de Huysmans referida a D. Bosco, o Padre Brottier será sem dúvida, um dia, o patrono oficial dos chefes de empresa e dos homens de negócios, aquele que todos hão-de invocar em prazos

de «vencimento» duvidosos e em situações monetárias aflitivas ...

Mas voltemos à Catedral-Monumento. Logo no dia seguinte ao da conversa com Monsenhor Jalabert, começam as suas diligências. Primeiro, é necessário visitar os párocos de todas as freguesias; do alto do púlpito, aos domingos, eles revelarão o magnífico projecto e lançarão os primeiros apelos à caridade. Em seguida, tratar-se-á de congregar todos os Franceses que tenham alguma razão de sentimento para se interessarem pela África: famílias que lá tenham perdido um ente querido, pais cujo filho esteja expatriado. Finalmente, interessar jornalistas e escritores: graças a eles, milhares de leitores virão a saber o que é a «Catedral-Monumento».

— Ah! A imprensa, dizia o Padre Brottier, é uma das grandes alavancas de comando deste mundo! Saibamos usá-la!

E ele ia saber usá-la muito bem ...

Aqui, mais uma vez, o seu senso diplomático, o seu tacto, a sua simpatia, enfim, operou maravilhas.

Julguemo-lo por uma visita que fez, juntamente com Monsenhor Jalabert, ao gentil Henry Bordeaux, o qual nos diz:

— Recordo a cena perfeitamente. Esse bispo frágil e majestoso ao mesmo tempo, a quem acompanhava, como um Anjo da Guarda, um Padre do ombros robustos e de uma vitalidade

transbordante... O Padre Brottier causou-me uma impressão inesquecível. Aquele perfil recto, aquela voz sauve, em tão estranho contraste com a estatura viril, e, sobretudo, aquele olhar! Sabe? Uns olhos que viam «para além»... Fazia lembrar um santo, um santo vigoroso e activo... E, enquanto me expunha o seu objectivo em termos claros e precisos, veio-me a propósito, à memória a palavra de Mangin, ao tomar o sector de Verdun, que, tendo-se-lhe perguntado: «Que vai fazer?...», respondeu enèrgicamente: «*Atacar!*» A força que nele se sentia! A tal ponto que os seus interlocutores se sentiam, depois de falar com ele, revigorados, com a impressão — como dizer? —, de que lhes tinham carregado de novo as baterias... E aquela caridade que emanava dele! Irradiante; sim, ele era irradiante de caridade. Ele despertava o amor; ele, que estava acima do amor, seduzia.»

De tal modo «seduzido», Henry Bordeaux não poderia deixar de oferecer o seu concurso com entusiasmo. Será ele quem no «*Echo de Paris*» escreverá o primeiro artigo relativo à «Catedral-Monumento». Exemplo logo seguido por alguns académicos, como Maurice Barrès, René Bazin, Étienne Lamy, Jules Lemaitre. Estes tinham aceitado fazer parte do «Comité de Honra e Propaganda», que, sob a presidência da duquesa de Uzès, reunira outros nomes ilustres, desde o general Dodds a Victor Gaboriaud, desde a du-

quesa de Chartres ao almirante Gueydon, de Monsenhor Augouard ao príncipe de Aremberg. Tendo Monsenhor Jalabert regressado ao Senegal, o Padre Brottier continuou a luta, só e fogosamente. Nenhuma dificuldade o domina, nada o faz parar. Sente-se ajudado por forças superiores. E ao pensamento nos vem a oração de Filipe Augusto, na manhã de Bouvines. *«Caminhai à frente, Senhor, que eu irei atrás de vós, atrás de vós por toda a parte!».* Ele multiplica as visitas, exige artigos, organiza conferências; lança o Boletim da Catedral-Monumento; prepara cerimónias religiosas importantes. Enquanto Francisco Veuillot, Alberto de Mun, o Dr. Anfreville de la Salle, Henrique Lavedan, escrevem ou dizem a grandeza da obra que vai nascer, Mons. Le Roy, Mons. Lenfant e Mons. Touchet, nos púlpitos de Notre Dame, da igreja da Madalena e outras, lançam palavras que desencadeiam sobre Paris um calafrio de heroísmo. «A África é um ossário imenso, um ossário fraternal de exploradores, de soldados, de missionários», clama o bispo de Orleães. «Sim! É tempo de construir uma catedral, é tempo de erguer nas altas torres a cruz envolta na bandeira tricolor!» E o bispo de Digne: «A Igreja de Dakar será viva e eloquente, de modo a fazer estremecer todos os corações com o seu longo martirológio gravado nos muros a letras de ouro.» E ainda o Padre Berthet: «Não terão direito a um monu-

mento digno deles os que nos deram a França africana?»

Assim, solicitada pela imprensa, convidada para conferências, atraída a festas de caridade, em que se vendiam batuques e estranhas figurinhas de cobre, estimulada ao domingo por apelos religiosos, a França recordava uma epopeia rica de dedicação e sacrifícios, via reviver à sua frente figuras de lenda, mais apaixonantes que todos os heróis de romance. Nos lares, à noite, em volta da mesa, crepitavam, à mistura, nomes prestigiosos de exploradores e guerreiros. Eram Binger, no anel do Niger, que chegou ao Grande-Bassam, após dois anos de aventuras; Gallieni, que combateu as hordas de Mahmadu Lamine; Archinard, que saindo de Kayes, foi tomar Segu com seis canhões; Borgnis-Desbordes e os seus quinhentos homens, que venceram em Uyako e lançaram a primeira pedra de Bamako. Eram Marchand, que chegou a Fachoda pelo Nilo Branco; Dodds que, no Dahomé, capturou o cruel Behanzin; Joffre, que bateu os Tuaregues e entrou em Tombuctu; Mangin, ferido no assalto a Diena. Citavam-se nomes desconhecidos de humildes soldados, heróis também, devotados ao seu chefe de alma e coração: assim, os sargentos Samba Sall e Culibaly, o cabo Kubi Keita. Remontava-se mesmo a tempos anteriores: falava-se dos Padres Glicourt e Bertaut, os primeiros que a Congregação do Espírito Santo enviou à África e que tendo nau-

fragado na costa senegalesa, foram vendidos como escravos; dos primeiros Padres Brancos mandados para o deserto por Monsenhor Lavigerie, e que os Tuaregues decapitaram. E, fechando o círculo, remomorava-se o herói moderno, Monsenhor Augouard, que evangelizou o Ubangui selvagem e declarara tranquilamente a Stanley, que se admirava de o ver, sem armas nem escolta, nos arrabaldes de Djué: «Ora ... se há um Deus para os bêbedos, como se diz, também deve haver um para os missionários!»

A tenacidade do Padre Brottier tinha já conseguido um prodígio: desde Ménilmontant a Passy, de Brest a Nice, todos voltavam a aprender com verdadeira paixão a história das colónias francesas. À saída da escola, as crianças liam, enlevadas, a história em imagens de Renato Caillé, filho de um condenado a trabalhos forçados, falecido na prisão e que, disfarçado de egípcio, chegou a Tombuctu, depois de mil perigos e aventuras.

*

À vitória sentimental não tardaria a seguir-se o êxito material. Eis o Padre Brottier de posse de vinte mil francos, os primeiros vinte mil francos ... Satisfeito, chega à Casa Mãe dos Padres do Espírito Santo, na Rua Lhomond; pousa as notas sobre a mesa:

— Para estreia, nada mal, não é verdade? E um bom começo é já meio êxito ...

— Bravo! — exclamam os confrades. Monsenhor Jalabert vai, certamente, ficar muito contente. V. Rev.ª vai evidentemente, enviar já este dinheiro para Dakar?

— De modo nenhum, protesta o Padre Brottier. Esta pobre quantia para tão grande catedral? Para enviar a Monsenhor, espero até haver atingido uma cifra digna da Catedral-Monumento. Isto não conta!

Todos se espantam:

— E para que servirão então esses vinte mil francos?

E o Padre Brottier, como se fosse a coisa mais natural do mundo:

— Bem! ... Para a publicidade.

Assombro em todos os rostos, reprovação renitente. Vinte mil francos atirados pela janela fora! Publicidade para coisas de religião! Nunca tal se vira, em 1913 ...

E os Padres começam então a seguir com inquietação as diligências do director da Obra, o qual, imperturbável, encomenda aos tipógrafos prospectos, circulares, cartazes.

— Ele vê tudo em grande, demasiado grande, murmuram. É zeloso, sem dúvida, mas temerário!

Temerário! ... Assim fora também considerado D. Bosco, o empreendedor optimista, que,

«quando tinha um tostão, se empenhava por dois».

E é com um método semelhante que o Padre Brottier atrairá em vinte e cinco anos — ser-lhe-ão necessários vinte e cinco anos para fazer nascer a catedral de Dakar — duzentos mil benfeitores e reunirá mais de sete milhões.

No seu pequeno rez-do-chão da Rua Grenelle — «Sede da Catedral-Monumento», diz uma placa — recebe muitos visitantes. Fez apelo aos ricos e aos pobres: ricos e pobres trazem a sua oferta. Vêm duques e jardineiros, industriais e pedreiros. Entregam ao Padre Brottier o produto de peditórios feitos nas escolas ou no decurso de um almoço de casamento. Moedas e sobrescritos com dinheiro amontoam-se sobre a mesa de trabalho do missionário. Por vezes, é uma dama idosa quem entra, portadora de uma lança de guereiro, um pouco ferrugenta:

— Meu sobrinho enviou-me isto de África, há algum tempo. Morreu por lá com as febres, o pobrezinho. Este objecto pode ser útil a V. Rev.ª?

— Evidentemente, minha senhora; essa lança figurará em bom lugar, nas vitrinas da próxima exposição de arte africana!

Por vezes, é uma jovem, rosto cor de amêndoa, enfiada num casaco de peles, que tira do dedo um anel:

— Aceite esta pérola, Padre, para a catedral de Dakar ...

E o Padre Brottier, sorrindo, cita a esta visitante, bem vestida e perfumada, as palavras de S. Jerónimo, a propósito de Santa Paula: *Ela depositou o dinheiro naquelas pedras vivas de que S. João diz no seu Apocalipse que compõem a cidade do Grande Rei, pedras que um dia se encontrarão mudadas, diz a Escritura, em outras tantas safiras, esmeraldas, rubis e outras gemas de alto preço.*

Certa manhã, apresenta-se-lhe um velho, trajo coçado, chapéu esverdeado pelo uso; debaixo do braço, um volume mal embrulhado em jornais velhos. Com precaução, abre o embrulho. Escapam-se maços de notas ... Era o donativo mais generoso, de há semanas atrás.

Assim passam os dias. E, enquanto algumas vendedeiras voluntárias oferecem, à porta das igrejas, «a flor de malva da Catedral-Monumento», enquanto de família em família se vai passando o «cartão do alfinete» (cada picadela simboliza uma enxadada), continuam a afluir cartas à Rua Grenelle. Trazem o carimbo do Pas-de-Calais e do Mosa, do Daomé e do Canadá e vêm assinadas por mulheres, que na África perderam o pai, o marido ou algum filho, e oferecem o seu óbulo. A todas responde, o Padre Brottier; assim fará, mais tarde, quando tomar a seu cargo a obra dos Órfãos de Auteuil. E explicará um dia ao Padre Pichon: «Foi Monsenhor Augouard quem me ensinou o valor que podem ter

o tinteiro e a caneta. Quando ele soube que eu estava encarregado de recolher as subscrições para a Catedral de Dakar, deu-me um conselho que eu zelosamente guardei: «Se quer prender os seus benfeitores, subscritores e amigos, agradeça-lhes imediatamente os donativos, ainda que num simples postal!» E eu escrevia ... Cheguei a escrever trinta, cinquenta, cem cartas por dia; às vezes duzentas. Respondi a todas as pessoas que me escreveram, a *todas*, sem uma única excepção. Recebia a oferta de um selo de dez tostões? Dele me servia para a resposta com os respectivos agradecimentos. Bem vê: não há nada como a carta pessoal, que vai ao encontro do correspondente e lhe expõe, no silêncio do gabinete, as razões que temos para o interessar na nossa Obra. Esta forma de agir deu-me sempre perfeito resultado. Considero-a a mais perfeita de todas.»

De entre as inúmeras missivas que chegavam ao gabinete da «Catedral-Monumento» e que exigiam ao Padre Brottier tão intenso trabalho epistolar, citemos uma. É assinada por Ernesto Psichari, datada de 1912 — antes, portanto, da sua conversão — e dirigida a Monsenhor Jalabert:

... Não sei qual o número de muçulmanos que o venerável Padre de Foucauld converteu no Saará Setentrional. Mas estou certo de que ele fez mais para estabelecer o nosso domínio nessa

terra do que todos os administradores civis e militares. Seria um belo sonho que todos os oficiais do Saará tivessem alma de missionários. Mas nós só faremos uma verdadeira política francesa no dia em que, respeitando as tradições dos nossos Berberes, guardarmos fervorosamente as nossas; no dia, enfim, em que os muçulmanos virem em S. Luís e Dakar, quando aí forem, a beleza dos nossos templos e o número de fiéis que aí se dirijam ... Henry Bordeaux indigna-se, e com razão, de que S. Luís tenha a sua mesquita e Dakar não tenha a sua catedral. Para os crentes é, sem dúvida, uma pena, mas é também — e isso é o que mais me preocupa sob o ponto de vista da nossa política indígena — um verdadeiro desprestígio para a nossa raça. Passando ùltimamente por Port-Étienne, mostrei a um moiro as belas instalações que aí temos. «Vês, disse-lhe eu, os Moiros são loucos em resistir a um povo tão poderoso como o Francês!» Ficou calado um instante e depois respondeu-me com esta frase inaudita: «Sim! ... Vós tendes o reino da Terra, mas nós temos o Reino do Céu!» Eis uma ideia que os moiros não deviam ter, e fomos em parte nós quem lha demos ... Em acto de reparação, enviemos as nossas ofertas, modestas, sim, mas fervorosas, para a futura catedral ...

Uma segunda carta de Psichari, posterior ao seu baptismo, evoca com mais calor *«a querida*

catedral, dominando com sua mole branca esta terra de África e atraindo sobre ela as bênçãos e a protecção de que tanto necessita..» E acrescenta: *«Que belo dia esse em que, do barco que conduz ao desterro, lhe avistemos a flecha vitoriosa!»*

Mas a catedral de Dakar não será encimada pela flecha que o autor da «Viagem do Centurião» desejava. Construída no planalto, precisamente no lugar onde anteriormente fora o cemitério de Dakar, terá a forma de uma cruz grega, centrada sobre uma grande cúpula; as suas torres e terraços evocarão a arte niceriana, que, transmitida pelo Egipto, apareceu em Tombuctu e em Djèné, por volta do século XIV.

Em Abril de 1914, já os planos estão traçados. O Padre Brottier organizou um concurso de arquitectos e é Wulfleff quem vê preferida a sua maquete. Começa-se a pensar naquilo que todos então julgam prodígio e que, no entanto, um dia será realidade: no interior das paredes do coro, serão gravados os nomes dos missionários mortos pela África. Haverá a capela dos soldados de Faidherbe e a dos Administrativos. Inscrever-se-ão ainda centenas e centenas de nomes, em «letras de mármore», como desejara Merlaud-Porty, nas capelas do Tchad, do Sudão, de Madagáscar, de Marrocos ...

Eugénio Leblanc, o futuro construtor, vem

num dia de Julho de 1914, com o arquitecto, visitar o Padre Brottier: as centenas de milhares de francos recolhidos vão permitir, esperam eles, começar em breve os trabalhos das fundações. Todos se atarefam, todos se regozijam.

Mas, no dia 2 de Agosto, ressoa por toda a França o sinal de guerra.

VII

CAPELÃO LENDÁRIO

A Grande Guerra vê-o, durante quatro anos, dedicar-se heròicamente como capelão, nos campos de batalha da Lorena, do Soma, de Verdun e da Flandres.

O Padre Brottier, capelão de guerra. Uma fotografia mostrano-lo tal como apareceu aos soldados da lama e das árvores fendidas: ombros possantes, no trajo militar, rosto enérgico, meio sob o capacete de aço — um homem a quem o extraordinário, ao que parece, assenta melhor do que o quotidiano. A expressão é completamente diferente daquela que vimos no jovem padre de Pontlevoy: adivinha-se nele alguém que, por constante domínio de si próprio, venceu impetuosidades e impaciências, que conhece as suas forças e possibilidades, que marcha a passo firme por um caminho certo. Plenitude da maturidade. Na batina, a Legião de Honra, a Cruz de Guerra. Condecorações e medalhas contam-

-nos melhor do que um discurso a *sua* guerra. Escutemos, em «música de fundo», como se diz no cinema, as frases da primeira citação, que diríamos escandidas por um tambor:

— ... *Desde o início da campanha não cessou de prodigalizar os seus cuidados aos feridos, com uma coragem e abnegação acima de todo o elogio. Durante os combates de Março de 1916, permaneceu na primeira linha com as tropas em combate, recolhendo feridos, debaixo de um fogo destruidor, cuidando deles e encorajando-os. Deu o maior conforto moral, com a sua bela atitude, o seu sangue frio e a sua admirável dedicação ...*

Abnegação, dedicação, coragem! ... As mesmas palavras reapareceram nas cinco restantes citações do Padre Brottier, assinadas por Joffre e Pétain. «Desprezo pelo perigo ... Sempre no meio das tropas nos momentos de ataque ... Indo buscar os feridos sob o fogo intenso das metralhadoras ... Não considerando terminada a sua missão com o findar do dia, passava as noites a inumar os mortos ... Alma magnífica ...» Assim se mostrou o capelão do 105.º e 121.º regimento de infantaria e da 26.ª divisão, nas batalhas do Yser, de Verdun, de Argona e do Chemin des Dames, no decorrer destes quatro anos de chamas e clarões ...

Paris, em Agosto de 1914, apresenta um aspecto extraordinário. Foram requisitados autocarros e limusinas. Os armazéns estão fechados, as bandeiras hasteadas. Um coronel passa revista aos borzeguins, na Praça de S. Francisco Xavier. Cortejos de cavalos atravessam a Praça da Ópera, banhada por um sol insolente. Erguem-se aclamações aos que marcham contra o inimigo.

Na Casa dos Padres do Espírito Santo, esvaziada dos seus missionários pela mobilização, o Padre Brottier, reformado desde 1907, indigna-se:

— O quê?! ... Ocupar-me de obras para os combatentes? ... Enviarem-me para um hospital na retaguarda ?... A mim, um homem da minha força? Eu quero ser maqueiro, ou enfermeiro, «em lugar em que haja alguma coisa!»

Que ardente patriotismo! ... O aspecto físico o predispõe ao heroísmo, evoca a valentia. A sua figura poderia servir de símbolo, ilustrar o «slogan» do Dever!

Mas o Padre Trilles, seu amigo, a quem dirige estas palavras, responde:

— Maqueiro? Enfermeiro? Nós temos outras coisas a fazer, nós, que estamos livres das obrigações militares. Eu tenho uma ideia ... Levar aos feridos os socorros da religião, enterrar os mortos, tal é, nós o sabemos, a tarefa reservada aos capelães. Tarefa magnífica, certamente. Mas não acha que nos faltam padres da primeira linha?

Padres que marchassem com os soldados, compartilhassem da sua vida de perigo e de miséria, lhes dessem uma alma mais cristã, e, se fosse preciso, morressem com eles... É preciso criar o mais ràpidamente possível um corpo de «capelães volantes», destinado aos campos de batalha. É esse o nosso lugar.

Como não haveria o Padre Brottier de aprovar um tal projecto, ele, que andava há tanto tempo, possuído do desejo de sacrifício; ele, que na véspera do seu embarque para África, sonhava já «com a sua imolação em benefício das almas»?

Bem depressa a ideia se transforma em realidade. Logo no dia seguinte, Monsenhor Le Roy aprova a ideia calorosamente. A instâncias suas e depois de algumas hesitações, de Mun cria o «Corpo de Capelães Voluntários». Gaita de foles a tiracolo, o Padre Brottier chega a 26 de Agosto, à estação do Leste, que se transformara no coração palpitante de Paris. Uma ordem de serviço proíbe à multidão o acesso ao cais, onde penetram sòmente, depois das lágrimas da despedida, os que partem. O capelão da barba branca, por entre os homens de capote azul, barrete e calças vermelhas, sobe para o combóio dos Vosgos. Nas portas das carruagens estão escritas a giz duas frases: «Não te importes! ... Nós os apanharemos!» E os ramos da despedida, pa-

poilas e gramíneas de Verão, repousam já murchas sobre os bancos.

A partir deste instante, poder-se-ia seguir o Padre Brottier passo a passo, desde Carlepont aos pântanos de Vlamertingue, desde o bosque de Avocourt ao bosque triangular de Moulins-sous-Tous-Vents no massiço de Wavrille — gelo, neve, fome, sede, angústia, meses e meses. Mas quem não ouviu o ribombar dos canhões, quem não viu as descargas relampejantes, os obuses e as balas; quem não viu tombar os homens na terra escalavrada — poderá dizer disso alguma coisa? Quereríamos ter o próprio testemunho do Padre Brottier, as cartas que então escreveu a sua família; infelizmente, desapareceram. Além disso, que deixou de si próprio o nosso amigo? Voluntária e ostensivamente, o homem apagou-se por detrás da obra. Ele o tinha anunciado: «De mim não se encontrará quase nada, depois da minha morte ...»

Algumas testemunhas traçaram, àcerca do capelão, imagens de heroísmo, claras, chocantes, falando à imaginação, como essas gravuras populares, que, por vezes, se encontram afixadas nas paredes das aldeias. É o Padre Brottier à cabeça das vagas de assalto, deixando no arame farpado pedaços da batina, correndo sob o fogo de barragem à procura dos feridos, transportando-os às costas ou aos ombros, curando, enfim, os mais horríveis ferimentos — ele, de uma sensi-

bilidade quase doentia, a quem ainda há pouco repugnava tratar doentes. O Padre Brottier, inclinado sobre os moribundos, Alemães ou Franceses, mostrando-lhes a Cruz, sob a metralha e com aquele rosto de esperança, que era o seu. Dessa cruz ele diria mais tarde: «Se o cordão desta cruz pudesse mostrar o sangue de que esteve embebido, a água em que o molhássemos tornar-se-ia escarlate!» É o Padre Brottier, às portas de Verdun e na véspera de um ataque, dirigindo-se ao Estado Maior, por sua iniciativa, e obrigando os oficiais a constatar pessoalmente a impossibilidade de um combate imediata e salvando assim centenas de vidas. É o Padre Brottier, extenuado e infatigável, prodigalizando-se a todos, com uma espécie de furor de dedicação (conhecemos esses caracteres) e declarando após o armistício: «Ao capelão que queira viver a vida de um soldado da primeira linha é-lhe verdadeiramente necessária uma abnegação sobre-humana. Recomeçar o que fiz, em Verdun, no Soma, não poderia: transportar os feridos, reconfortá-los, permanecer dia e noite numa cova de obus, debaixo de um borbardeamento alucinado, sorrir e gracejar quando nos sentimos embrutecidos pelo frio e pelo medo, sim, verdadeiramente, é qualquer coisa de sobre-humano.»

Debaixo destas imagens, à guisa de legendas, frases de alguns daqueles e outros que conhece-

ram o Padre Brottier, no inferno das casas-matas e nas choças fétidas.

— Coronel Trabuco: Nem um cão dava um passo no regimento, sem que logo surgisse a sua avantajada silhueta ...»

— Dr. Vimal de Fléchac: «Sempre em busca de pretextos que pudessem permitir-lhe a dádiva de si próprio; em tudo uma simplicidade de procedimento que poderia crer-se afectada, quando, afinal, não passava de uma modéstia instintiva.»

— Monsenhor Chassaigne, quando alferes no 105.º Regimento de Infantaria: «Ele era o *homem de todos*, aquele que sempre se encontrava no seu lugar, em dias de ataque e à hora do repouso, com os oficiais como com os magalas. E, depois, não gostava de contar as suas proezas; fazia muitas por toda a parte».

«O homem de todos ...» Eis o que nos parece talvez mais atraente no glorioso aspecto de guerra do Padre Brottier. Esse lado tão «humano», na guerra como na trégua! ... Assim, ao sair de um «bridge» com os oficiais, ele gostava de encontrar esses «magalas» de quem a revista *Ilustração,* dessa época, nos diz que eram *«hirsutos, desbragados, independente, zombeteiros, mordazes, activos, mais guerreiros por instinto que militares».* Oferece-lhes cigarros — dez francos de soldo por dia são para o Padre Brottier uma riqueza! — fotografa-os para que as suas famí-

lias recebam uma recordação, faz-se, por vezes, escrivão público para aqueles que mal sabem assinar. Surpreende-o que a maior parte desses homens que se revelam simplesmente heróis, tenham passado, na vida quotidiana, obscuros e, por vezes, desprezíveis: chispa repentina! Admira-lhes a fé ardente, quase religiosa, na vitória futura. Gosta, enfim, dessa camaradagem viril que a constância do perigo exalta e cimenta — a verdadeira camaradagem dos homens não poderá existir senão nas frentes de batalha? — Não! E ele pensa já nessa «União Nacional dos Combatentes», que realizará depois da guerra; auxiliado já por oficiais, como o general Durand e o general Pau, apoiado por Clemenceau, que lhe oferece cem mil francos, o Padre Brottier lança-lhe as bases. Cria mesmo uma revista, e lança a famosa divisa: «Unidos como na frente da batalha!»

Entretanto, os que na batalha se sentem protegidos pela sua presença — «Junto de si, Senhor Padre Capelão, sentimo-nos como debaixo de uma asa! O Senhor passa através das balas; parece invulnerável!» — esses, na obscuridade de uma granja, onde as tropas se acantonam, ou numa cavalariça gelada, ou numa palhota, reunem-se à noite à sua volta. O Padre Brottier, a calma e a serenidade em pessoa, escuta as confidências. Limpa o cachimbo, passa a mão pelos cabelos brancos, à escovinha, agita o célebre lenço vermelho que lhe serve nos combates para se

fazer conhecer, e todas as aventuras humanas, humor ou tragédia, dançam a sua valsa em volta dele.

— De qualquer meio que a gente fosse, — diz uma testemunha — sentíamo-nos misteriosamente atraídos para ele. Todos tinham vontade de se lhe confiar, de pôr a descoberto todos os seus segredos!

Conselhos? Dava poucos e tão bem disfarçados! ... Antes de mais, esses homens sentiam que eram compreendidos. Sentir-se compreendido, acolhido, é coisa muito importante quando se sabe que amanhã, talvez, se vai morrer. Aos calmos, como aos indisciplinados, o Padre Brottier sabia sempre responder «aquilo que era preciso». Mas era para os mais abandonados, os mais miseráveis, que iam as suas preferências.

Àqueles que, por vezes, se inquietavam com os seus pecados, dizia:

— No pecado, a intenção é tudo: as faltas que cometemos sem termos tido o pensamento voluntário de desagradar a Deus ou de prejudicar aos homens depressa são perdoadas.

Ou então:

— Sede caritativos, meus amigos. A caridade, disse-o o Apóstolo S. Paulo, cobre a multidão dos nossos pecados! É a virtude que nos coloca mais perto de Deus, a virtude santificadora por excelência, a rainha das virtudes.

Assim como sabia, «sem disso dar a impres-

são», dissuadir os soldados da mentira, da fraude e da pilhagem, assim operou numerosas conversões. «Conduzir almas até Deus — dir-nos-ão mais tarde — era verdadeiramente o seu trabalho». Para isso ele tinha a *sua* maneira pessoal. Estas conversões davam-lhe uma alegria profunda! ... E era pensando nelas, talvez, mais que nos seus actos de bravura, que ele dirá um dia:

— Se algum bem fiz em minha vida, foi nos campos de batalha! ...

É um facto que, no decurso desses quatro anos de tormentos, o Padre Brottier se manteve acima de tudo, padre. Imaginemo-lo, celebrando a sua missa de Natal, à luz mortiça de uma candeia eléctrica, sobre uma mesa de madeira branca, que faz de altar, enquanto, de pé, braços cruzados, homens de botas lamacentas e jaquetas descòradas, se recolhem e pensam. Vejamo-lo diante de um catafalco com um caixão vazio, coberto com a bandeira tricolor: recita o Ofício dos Mortos, numa igreja desmantelada da rectaguarda, pelos soldados caídos no campo de batalha. «E na véspera da Páscoa de 1915, conta um coronel, confessa todos os oficiais do batalhão, antes de confessar quase todos os soldados».

Nestas excepcionais circunstâncias, em que, mesmo no religioso em armas, a acção parecia dominar, a fé do Padre Brottier mantinha-se a mesma que na adolescência, ardente e secreta. Ele mantinha-se em contacto com Deus, através

do tumulto, numa oração natural e sem fim. Aquilo que nós — nós outros — sentimos diante do amor, esse pensamento quente, constante e vivo, que faz com que a ausência já não seja ausência, que os mares se estreitem e que os antípodas se juntem, esse pensamento têm-no também os santos para com Deus. Um laço fremente os une através do invisível fio de amor estendido da terra às nuvens. *«É porque Cristo vive em mim* — dizia S. Paulo — *que eu posso tudo naquele que me conforta»:* assim, o Padre Brottier, ao longo de toda a sua vida activa, não cessou de guardar dentro de si, ardente, palpitante, a divina presença. Nele, o recolhimento ia muito simplesmente a par com o trato dos homens. Ele evadia-se do mundo como se os seres não existissem, e, no entanto, os seres sobre os quais se inclinava pareciam constituir a primeira das suas preocupações ... Da venerável Madre Maria da Encarnação, que possuía esse dom misto de contemplação e actividade, dizia-se no século de Luís XIV que ela parecia ter duas almas ... Era, talvez, neste exemplo que pensava a Irmãzinha do Senegal que, por sua vez, diria também do Padre Brottier:

— Oh! ... Esse padre tinha duas almas! ...

VIII

UNIDOS COMO NA FRENTE DE BATALHA

Depois da guerra, o Padre Brottier, em espírito de apostolado e de caridade, funda a «União dos Combatentes». Por outro lado, prossegue com a Obra da Catedral-Monumento.

Começavam, entretanto «as maravilhosas horas da Alsácia e da Lorena». A 17 de Novembro de 1918, Hirschauer penetrava em Mulhouse sob uma chuva de cocares; Pétain, nomeado na véspera Marechal de França, fazia em Metz uma entrada que — dizem os jornais da época — *«a atitude extática da população transformava numa espécie de sacramento ...»* Castelnau em Colmar, Gouraud em Strasbourg. Bandeiras, grinaldas, flores. *«Dorme contente, Gambetta!* — diziam as bandeirolas —. *Surgiu, finalmente, para nós a deslumbrante aurora que sonhaste!»*. E Luis Madelin conta: *«Marchávamos como que levados pelo amor de um povo, envolvidos por uma luz sobrenatural que irradiava de milhões de corações inflamados.»*

Depois, é a entrada em território renano. Fayolle, de olhar azul cruzado de curtas chamas», Mangin, «de olhar negro carregado de orgulho», chegam a Mogúncia, silenciosa; atrás deles, os dragões da sua escolta. E logo o comandante do exército do Reno pede aos capelães que o possam fazer que permaneçam no seu posto. O Padre Brottier, que fora surpreendido pela assinatura do Armistício não longe de Nancy, em Maron, permanecerá, por isso, em território ocupado até ao mês de Maio de 1919. E é nas margens do Reno, depois dessa espécie de estupefacção que vem sempre, ao fim de cada guerra, que ele prosseguirá a obra que fizera nascer nas trincheiras: a «União Nacional dos Combatentes». União, era a palavra exacta que o seu enorme desejo de concórdia lhe tinha ditado: que todos os homens, unidos como nas linhas de batalha, se compreendam, se amparem — Paulo Fort tinha cantado esta ideia —, se auxiliem e se recordem. «Antigo combatente», o Padre Brottier, o permanecerá na alma até à morte. Ele era a própria imagem do «Antigo Combatente». E estes tinham imediatamente a sua simpatia. «Se encontrasse na rua um mutilado, ainda que fosse muito embriagado, conta o Padre Pichon, se se tratasse de um ex-combatente, o porta-moedas do Padre Brottier abria-se, infalìvelmente!» Ele jamais poderá evocar sem lágrimas o sono fraternal e terrível dos soldados,

exaustos de fadiga, dormindo entre dois combates, na terra lacerada, enquanto, àlerta e silenciosamente, velava uma patrulha de cavalaria. Os seus discursos, nos dias 11 de Novembro, haviam de ser impregnados de uma emoção fremente e estranhamente comunicativa. Do tempo da guerra ele conservaria sempre uma linguagem colorida, à maneira dos soldados, e o gosto pelos livros sobre problemas de estratégica ou de táctica ... E, se ele não deixou nunca de levar sobre a batina a Cruz de Guerra e a Legião de Honra, o que não deixou de admirar alguns que nisso viam um sinal de ostentação, era por «sentimento», sim, nada mais que por sentimento. A guerra tinha-o marcado profundamente.

Na altura da desmobilização, a União Nacional dos Combatentes agrupava seiscentos mil aderentes; graças a este prestigioso «chefe de fila», reuniria, muito em breve, mais de dois milhões. A sorte, isso a que chamam sorte, acompanhava, parece, o Padre Brottier em todas as suas empresas. Ele só se retirará do Conselho Directivo da Associação para melhor se poder consagrar à obra da Catedral-Monumento.

Esta obra, cujo impulso a guerra tinha retardado, começou a retomar vida na Alemanha, precisamente no dia imediato à guerra. Monsenhor Jalabert, que acabava de dirigir quatro combates de alma com os homens do Islão, dirigira-se a Mogúncia: desejava encontrar

os chefes daqueles duzentos mil soldados, de tez morena, Senegaleses, Sudaneses, Dahomeanos, Malgaches, que se tinham batido pela França, que tinham morrido por ela, e cujos nomes deveriam figurar nas paredes da futura catedral de Dakar ... Acompanhava-o o Padre Brottier, desmobilizado há pouco. De novo — imagem comovente! — os dois missionários caminham lado a lado, o segundo protegendo o primeiro com todo o seu vigor. O bispo dos areais, mais macilento que nunca, é todo luz. A alta espiritualidade que irradia dos seus olhos pálidos nimba-o como de uma auréola. O trágico de uma morte próxima marca-lhe já imponderáveis estigmas. É assim, por vezes, com os homens de excepção: Não estão atacados de nenhuma doença, o seu rosto é o rosto de todos os dias, e, no entanto, diante deles, sentimo-nos perturbados; perguntamo-nos: «Mas que há? Que significa aquele gesto, aquele olhar, aquele silêncio? ...» E, depois, um dia, repentinamente, sabemos que eles desapareceram ... Conversando com Monsenhor Jalabert, o Padre Brottier sente esta vaga angústia. A afeição que ele dedica ao seu velho amigo torna-se mais atenta, mais intensa ainda. «Rara e divina coisa é a amizade, dizia ele, o mais perfeito dos sentimentos humanos! Posse recíproca de dois pensamentos, de duas vontades, de duas virtudes, de duas existências, sempre livres para se separarem e que nunca mais se separam ...»

A esta ternura junta-se também a gratidão. O Bispo, tendo encontrado o Padre Brottier, terminada a guerra, tinha-lhe dito, pensativo:

— De modo que nem um ferimento? Intacto? Tendo visto cair a seu lado tantos soldados, tantos oficiais, tantos padres? Tendo tido, como me disseram, a própria roupa esfarrapada várias vezes pela explosão das granadas e pelas balas?! ...

Abrira o breviário: entre duas folhas, a imagem da Irmã Teresa do Menino Jesus estava pegada à fotografia do Padre Brottier.

— Aquela que tinha o ardor e a lucidez, a simplicidade e a força, o patético e a poesia, eu a invoquei por si todas as noites, ao longo destes quatro anos. Foi Teresa que o salvou! Não o esqueça nunca!

O Padre Brottier estremecera ... A comunhão dos Santos, dogma que lhe era muito querido ... Ele pensou de repente naquela outra carmelita, desconhecida essa, que, vinda do Senegal, se tinha enclausurado, a fim de que caíssem bênçãos sobre um padre na luta da vida. Diversidade de méritos ... Mas a pequena Teresa de Lisieux!... Ele não lhe concedera até então mais do que uma atenção agitada, quase ligeira. Contudo, ouvira muitos dos seus soldados chamarem a Teresa o seu «segundo anjo da Guarda», a sua «madrinha de guerra». O seu rosto meigo adornava a carlinga de mais de um avião. Protectora titular, juntamente com S. Miguel e Joana d'Arc,

de todos aqueles que se batiam, havia feito muitos milagres nos campos de batalha. O Padre Brottier tinha visto medalhas de Teresa, miraculosos escudos, logo transformados em relíquias, mostrando a traça de um projéctil achatado ou desviado. Ele nunca a invocara particularmente. E eis que, através de Monsenhor Jalabert, ela se manifestava imperativa; exigia gratidão — ele o sentia bruscamente; queria ser amada! Momento decisivo, que prepara um futuro inteiro ...

— Eu sei, murmurara ele finalmente, que nós, cá na terra, somos conduzidos pelos nossos amigos, conhecidos e desconhecidos, que abandonaram os homens. Invisíveis, mas sempre presentes, são eles que dirigem os passos dos vivos: Já que, graças a V. Rev.^{ma}, Monsenhor, Teresa me protegeu, faço o voto de, um dia, lhe erguer uma capela!

Uma capela, cuja envergadura ele não podia, então, prever.

Entretanto, assim unidos no quotidiano e no espiritual, os dois homens caminham pelas ruas da caridade activa. Visitam Mangin, e Mangin aplaude o projecto: «Dar realidade à Catedral--Monumento, diz ele, é um dever!» Certa manhã, chegam a Roma e S. S. o Papa Bento XV, dá-lhes cem mil liras para a Obra, encorajando-os, emocionado, «a guardar preciosamente a memória daqueles que em África deram a vida pela

França.» E eis que de novo, em todos os espíritos, se desenha a Catedral-Monumento. E eis que o Padre Brottier regressa a Paris, «animador»: escrever inúmeras cartas, bater a todas as portas, organizar vendas de caridade, lançar listas de subscrições, multiplicar o contacto com o arquitecto e o construtor, fazer que em Dakar lhe seja concedido o desejado terreno, despertar todas as boas vontades, estimular os tíbios — tal vai ser o seu trabalho, anos seguidos. Dificuldades sem número, esforços constantes, êxito num dia e dissabores no dia seguinte, manhãs de entusiasmo, tardes de lassidão. E isto até 1936, data da inauguração solene da catedral, definitivamente terminada. Imaginaremos quanto ao Padre Brottier não foi preciso de tenacidade, de força e de amor, para levar até ao pon-de-órgão final uma tal empresa, quando tantos outros encargos o deviam absorver? Esta catedral, pode dizer-se, ele a aguentou aos ombros, como uma cariátide. Sem a presença do seu companheiro. Monsenhor Jalabert tinha, efectivamente, deixado esta vida, pouco depois da sua viagem a Roma.

Rodeado por dezoito Espiritanos, o Bispo do deserto tinha embarcado a 9 de Janeiro de 1920, no paquete *Afrique*, destino ao Senegal. Pouco antes da sua partida de Bordeus, enquanto algumas rajadas e aguaceiros escureciam já o céu, enviara um curto bilhete ao Padre Brottier.

Caro e afeiçoado amigo:

Acabo de ler as suas boas palavras, as últimas que receberei antes de embarcar. Obrigado também. V. Rev.ª sabe dizer as coisas que mais lhe convêm às situações. O meu coração estava um pouco triste; V. Rev.ª reconfortou-o. Abraço-o ainda uma vez com toda a minha alma. Que o bom Mestre o conserve de perfeita saúde e mantenha a sua admirável energia. Eu o abençoo: a si, às suas valentes colaboradoras e colaboradores, do íntimo do coração.

Estas letras trágicas que o distribuidor entrega quando a mão que as escreve caiu para sempre e que dão a quem então as lê uma impressão tão cruel de erro, de vã esperança ...

O navio teve de se refugiar em Pauillac: avaria da máquina. O comandante de bordo recebe ordem para continuar a rota através da tempestade. Ao sair do estuário do Gironda, deu-se o drama: água por dois rombos, um leme avariado, máquinas impotentes. Arremessado à costa pelas vagas furibundas, o barco embateu, às três horas da manhã do dia 12 de Janeiro, contra os Recifes de Rochebonne. Um dos trinta e seis sobreviventes — foram quatrocentos e sessenta e três os afogados — diria depois o que foi, nessas horas de agonia e de tumulto, a calma e a grandeza de Monsenhor Jalabert. «Agrupou à sua volta militares, missionários, mulhe-

res e crianças, numa última e vibrante oração». E, alguns dias mais tarde, um pescador de Sables d'Olonne, ao levantar a rede, descobria entre rodovalhos e linguados um breviário alagado. O nome de Monsenhor Jalabert ainda aí se encontrava escrito na contra-página; entre as folhas foi encontrada, descolorida, uma estampa de Teresinha de Lisieux e, dobrado em quatro, o plano da futura Catedral de Dakar ...

Assim se viu cortada a amizade de dois homens, que durante vinte anos tinham sido, sem cessar, «unidos como na primeira linha de batalha!» Súbita solidão de coração. Outro pesar ainda mais cruel tinha afligido já o Padre Brottier, ao terminar a guerra: perdera a mãe, meigo rosto indulgente, resignado, de olhos que compreendiam tudo e não pediam nada, a sua querida mãe, que ele gostava de recordar sempre entre corações-de-maria e flores de tília, como no tempo da sua infância. Afectos, ainda os tinha, certamente, à sua volta. Mas aqueles dois! E atormentava-se: à mãe, ao amigo, teria dado bastante? Nunca se dá bastante, quando se ama. Um enorme pesar lhe advinha de gestos que não tinham sido feitos, de palavras que não tinham sido distas. Irremediável! ... Palavra terrível que se diz em quatro tempos e de que ele sentia, pela primeira vez, quiçá, o significado inteiro. Esperar o dia da reunião, continuar a viver, a

trabalhar, sim, sim! Era coisa pesada, sem atractivo. De novo, este homem, de atitudes simples e de coração rico e complexo, se interrogava a si próprio. Os trabalhos que ele obstinadamente prosseguia seriam verdadeiramente úteis? Não haveria outros trabalhos a empreender, mais urgentes, mais fecundos, mais difíceis? Necessidade de quebrar essa espécie de cadeias, de forçar as portas estreitas e toda a mediocridade da vida, de se libertar de um peso misterioso — necessidade absoluta.

A este padre que sufocava no seu cárcere, não tardaria Deus a responder.

IX

MILAGRES QUOTIDIANOS, MILAGRES DE AMANHÃ

Em 1923, o cardeal Dubois confia a direcção da Obra dos Órfãos Aprendizes de Auteuil ao Padre Brottier. Este pensa erguer em breve uma capela à Irmã Teresa do Menino Jesus.

Nesta época, estiolava-se, em Paris, entre outras, uma Obra: a dos Órfãos Aprendizes de Auteuil. Por falta de dinheiro, pensava-se fechar a casa, sita na Rua de La Fontine. Ao Padre Brottier iria tocar o encarrego e a honra de consolidar essas paredes vacilantes. Ali, no decurso de treze anos de apostolado e mesmo depois da sua morte, ele obraria o prodígio dum permanente milagre.

Esta Obra fora fundada em 1866, de maneira emocionante. O Padre Roussel, jocista antes de haver Jocismo, — não tinha ele fundado

a Congregação de «Jesus Operário», em 1854, no seu patronato de Grenelle? — homem excepcional, que iria consagrar-se de corpo e alma à salvação da infância abandonada, era capelão do colégio Estanislau, quando uma noite, na rua, encontrou um garotito, remexendo nos baldes do lixo:

— Ouve lá! ... Que fazes aí?

— Procuro alguma coisa para comer.

E o padre, quase sem reflectir:

— Anda daí comigo!

Dedo da Providência ... Faz-nos lembrar D. Bosco que, mais ou menos na mesma época, buscando um garoto que lhe ajude à missa, descobre na igreja, por debaixo de uma imagem, um pobrezito sem eira nem beira. Interroga-o e decide imediatamente dedicar toda a sua prodigiosa vitalidade ao serviço dos deserdados da terra italiana. Faz-nos lembrar o Padre Flanagan, da América, que, interrogado por um juiz àcerca de um jovem delinquente, lhe responde: «Não o meta na cadeia; confie-mo ...», e que assim se encontra arrastado bruscamente — e sem um tostão — a fundar uma Instituição de envergadura ... O nosso Padre Roussel levou para casa o jovem vagabundo, deu-lhe de cear, preparou-lhe uma cama. No dia dia seguinte, albergava outra ovelha perdida. O mesmo, ao terceiro dia. No fim da semana, já não havia pão para os seis primeiros órfãos que atulhavam o quarto do pa-

dre. Este apelou então para todos os amigos e escreveu ao Arcebispo de Paris: «Homens generosos e caritativos, persuadidos de que o futuro da sociedade depende da primeira educação da infância, tudo sacrificaram para subtrair às funestas consequências do mau exemplo, toda a espécie de crianças abandonadas. Assim, o país foi dotado de um grande número de estabelecimentos de beneficiência, destinados a corresponder à necessidade das diferentes idades. Mas até hoje ninguém pensou nessas crianças de doze a vinte anos, que escapam à acção das paróquias, sem fazerem a Primeira Comunhão. Há-os que nem sequer são baptizados ... Encontram-se para aí, roubando e vagabundeando pelas praças públicas, andrajosos, insolentes, brigões. Aqueles que não caem no crime transformam-se quase sempre em indivíduos maus, da pior espécie, um flagelo para a Igreja, para a família e para a sociedade. É esta a grande miséria a que queríamos dar remédio, recolhendo esses rapazes numa casa especial, para lhes dar a instrução e a educação cristã!»

Monsenhor Darboy respondeu com uma oferta de dois mil francos. Logo o Padre Roussel se pôs à procura duma casa. Na Rua de La Fontaine, encontrou um pardieiro, todo em fendas e ruínas, mas com a riqueza de sete compartimentos. O padre, alimentando-se quase só do ar, mas sustentado por um ardor sobre-humano fez-

-se pedreiro, vidreiro, marceneiro, antes de instruir os seus protegidos àcerca das verdades cristãs. A Obra da Primeira Comunhão foi criada e quatro anos mais tarde ergueu-se a dos Aprendizes. Esses rapazes abandonados, que eram franceses, belgas, brasileiros, russos, todos magros e lastimáveis e se apresentavam cada vez mais numerosos, na rua La Fontaine, aprendiam um ofício, encontrando-se assim em condições de ganhar a vida, ao sair de Auteuil. Mas para isto era preciso dinheiro, mais dinheiro. Depois da morte do Padre Roussel, as dificuldades materiais aumentariam ainda, até ao dia em que a Congregação do Espírito Santo, a quem a Obra foi confiada pelo Cardeal Dubois, pediu ao Padre Brottier pela voz de Monsenhor Le Roy que transformasse em luz brilhante o que era apenas uma griseta.

*

19 de Novembro de 1923. Relvas crestadas pela geada branca, choupos desnudos, voo de folhas mortas. Futuros comungantes, aprendizes, encarregados, operários e contramestres esperam diante do gradeado de Auteuil o novo Director. Ei-lo! Estatura elevada, ombros de lutador, barba à Carlos Magno — barba de missionário, de soldado, de apóstolo. O Padre Brottier nada ignora das dificuldades que o esperam. Com o olhar abarca o seu novo mundo: esses rostos

ansiosos de crianças, que se perguntam se não terão de ser postas na rua; essas ligeiras construções, que falam de provisório e de incerteza.

Levam-no a visitar o seu novo domínio. As oficinas, onde reina essa atmosfera imponderável das coisas «que não marcham»; o refeitório, mal iluminado; as salas, mal aquecidas; a enfermaria, cuja graça única é um telhado de zinco. E, como todos os realizadores de imaginação pronta, o Padre Brottier, silenciosamente, observa, regista, prevê, projecta. Espaço, paredes sólidas, luz, estabilidade, alegria, eis o que será necessário dar a Auteuil. Permitir que venham cada vez mais Órfãos aprender aqui um ofício. E aquele de quem o cónego Coubé dirá um dia: «Tinha o estofo de muitos homens: o de um chefe e de um administrador fora de série; o de um fino diplomata; o de um enérgico ministro do interior que se impunha pela majestade a uma juventude turbulenta; o de um hábil ministro de finanças, inexcedível em fazer entrar em Auteuil o imposto voluntário da caridade» — esse homem dirige-se em termos claros e precisos aos seus futuros colaboradores:

— *Quero dar a esta Obra o máximo de eficácia, isto é, salvar o maior número possível de órfãos. É o único objectivo e a razão de ser desta casa.*

Para isso, depois de Deus, quero contar, an-

tes de tudo, com o meu pessoal. É, por isso, que eu apelo para toda a vossa dedicação, para toda a vossa energia. Não tenhais receio algum: eu não penso tirar a ninguém o seu ganha-pão, nem prejudicar a quem quer que seja. Todas as vossas situações serão respeitadas. Melhor: na medida do possível, elas serão melhoradas. Em troca, quero poder contar com a vossa amizade, como vós podeis contar com a minha.

Em seguida, penetram na capela. Uma paupérrima capela de tijolo, glacial. E imediatamente ocorre à memória do Padre Brottier certa promessa feita a Monsenhor Jalabert, ao terminar a guerra, diante de um breviário: «Faço o voto de, um dia, erguer uma capela a Teresa». Teresa de Lisieux, que o tinha protegido ao longo de toda a guerra, Teresa, amiga dos missionários, Teresa que conhecia o obra dos Órfãos de Auteuil e que no silêncio do Carmelo tinha rezado especialmente por ela ... E logo ali a decisão do Padre Brottier está tomada: é aqui mesmo, nesta aldeia dentro da cidade, que ele, dedicará — sem tardar, imediatamente — um santuário àquela que ainda é só «Beata». É assim o Padre Brottier: está diante de uma tarefa material colossal, com mil problemas, com um dia a dia cheio de perigos e dificuldades, e, antes de mais nada, decide construir uma capela! Assegurar primeiramente a protecção do Céu; de-

pois, as dificuldades por si mesmas se aplanarão. Confiar à Irmã Teresa o destino destes rapazes. Fazer daquela que disse: «*Nunca é demasiada a confiança; é sòmente a confiança que deve conduzir-nos*», a verdadeira tesoureira desta Obra, prestes a morrer. Pede então aos órfãos, e sem lhes desvendar o objectivo, que façam uma novena. À Irmã Teresa dirige-se ele silenciosamente nestes termos: «Vou pedir audiência para dentro de dez dias ao Cardeal Dubois. Se queres que eu lhe fale então na tua capelinha, manda-me um sinal: faz com que eu receba dez mil francos antes desta visita. Se este sinal não fôr enviado, eu compreenderei: será que tu não desejas a capela, e eu não direi nada ao Cardeal».

Ora, é chegado o fim da novena; aproxima-se a hora da audiência. Fronte preocupada, o Padre Brottier passeia de um lado para o outro, no pátio. Recebera apenas três mil francos e, dentro de um quarto de hora, tudo estará decidido. Mostrar-se-ia Teresa desfavorável a tão belo projecto? Haveria que renunciar a levantar esse santuário que ele imaginava tão bem, que ele «via» já?

Nervoso, prepara-se para abrir a porta do taxi que o espera na Rua La Fontaine, quando sùbitamente uma mulher se lança para ele:

— Padre, preciso de lhe falar!

— Desculpe, minha senhora. Hoje, é impossível!

— É só um momento! ... Já não se lembra de mim? Eu vim, a semana passada, pedir-lhe orações pelo meu filho, que se encontrava em perigo de vida. Desde esta manhã, o meu filho está fora de perigo.

— Que satisfação isso me dá, minha senhora! Mas ...

— Eu não podia, padre, demorar mais tempo a agradecer-lhe e a entregar-lhe este envelope para os seus Órfãos!

E o Padre Brottier, com um olhar incisivo:

— Não se admire da minha pergunta, minha senhora, mas ... é muito importante para mim. Quanto há neste envelope?

— Dez mil francos!

Iluminação. Alegria. A quantia, exactamente a quantia que o padre tinha determinado na sua oração do primeiro dia! ... Resposta certa e precisa de Teresa!

Ei-lo, alguns minutos depois diante do Cardeal Dubois. Forte na sua certeza:

— Eminência, diz ele, e tem dificuldade em ocultar a exaltação que o anima, Eminência, penso que é preciso construir para os Órfãos uma capela nova.

O Cardeal inclina a cabeça em sinal de assentimento, mas em breve pergunta inquieto:

— E o dinheiro? Onde e como irá encontrar o dinheiro necessário?

— Eminência, só há um meio de o conseguir: dedicar o santuário à Beata Teresa do Menino Jesus. Ela nos ajudará, estou absolutamente certo.

— Não lhe parece que seria mais indicado um santo? Isso que diz poderia parecer um pouco singular: a Irmã Teresa padroeira de duzentos e cinquenta rapazes ...

— Padroeira de duzentos e cinquenta órfãos, Eminência! Crianças privadas muito cedo dos carinhos de mãe. Teresa será mãe de todos eles. E uma mãe, V. Eminência o sabe, nunca esquece o que se faz pelos seus filhos. A Irmã Teresa retribuirá em graças e bênçãos para os nossos Benfeitores, tenhamos a certeza, as ofertas que eles façam aos nossos Órfãos.

O Cardeal Dubois sorri. A partida estava ganha. O Padre Brottier acabava de alcançar a primeira vitória, uma vitória da qual iam depender todas as outras.

Sem tardar — homem de decisões imediatas, como sabemos — o director de Auteuil convoca os arquitectos Chailleux, os construtores Leblanc, o mestre vidreiro Maumejan, os escultores Maillard e Becker. Pensa nos mosaicos, nos órgãos, nas ferragens. «O santuário de Teresa deve ser gracioso, acolhedor, umbroso, íntimo, de estilo essencialmente francês, uma obra de arte, enfim.»

E o velho administrador de Auteuil, o «Padre David», diante de tão grandiosos projectos, grita: «Mas tudo isso é uma loucura! ... O Padre Brottier não conseguirá nunca juntar o dinheiro necessário!»

O Padre Brottier encontrará o dinheiro necessário — mais de sete milhões. Para atingir os seus fins, começa, como no tempo da Catedral de Dakar, por tornar conhecido o seu projecto em toda a França. Artigos nos jornais, alocuções, conferências, publicidade, enfim. Esta multiplicação de forças não lhe vale só elogios. E, quando manda afixar no metropolitano a efígie de Teresa, é um assombro nos meios católicos de então. Mas ele, sem perder a calma: «Estariam as paredes do «metro» apenas reservadas aos cartazes de cinema, às marcas de sabão ou aperitivos? Porque não haveriam também os católicos de recorrer à publicidade? ... Para a frente, pois! Para geração nova, linguagem nova! Como certo dia observava o Cardeal Maffi, não se luta contra os canhões de Creusot com os arcabuzes da Idade Média!» E, continuando a sua acção, organiza em benefício da futura capela — a primeira pedra será lançada em 1924 e a inauguração solene será em 1930 — um grande concerto musical na Madalena, dá uma festa de gala na Sala Gaveau, consegue esgotar por três vezes o imenso teatro do Trocadero. Em menor escala lança a «pétala cor de rosa» e faz vender uma

rosa simbólica de cartão de que cada pétala desfolhada marca uma oferta ... Em Auteuil, abre-se um «Livro de Oiro», em cujas páginas são inscritos os donativos. E o «Correio dos Órfãos Aprendizes» anuncia que *«toda a pessoa que dê ou junte 300 francos verá o seu nome inscrito nos muros do santuário. Toda a oferta ou colecta de 1.500 francos dá direito a uma inscrição na própria mesa do altar-mor da capela, onde a missa será dita todos os dias, em presença dos órfãos que, naquele momento, pedem, muito especialmente, por todos os seus benfeitores.»*

Muitos comovem-se e alguns indignam-se: «O Padre Brottier exagera! ... Parece um comerciante ...» Mas o «comerciante» encolhe os ombros. Nada o desanima quando se trata de angariar dinheiro para uma boa causa.

Assim agirá mais tarde, em proveito dos seus Órfãos. Afim de poder aumentar as instalações de Auteuil e de acolher um maior número de rapazes, abrirá uma sede para venda de imagens de Santa Teresinha, um armazém de aparelhos de telefonia, uma livraria religiosa. Publicará o calendário de Nossa Senhora do Bom Conselho e lançará o «Tónico Africano» para anemiados, extenuados e neurasténicos». Abrirá um cinema em Auteuil e tomará, até, a despeito da oposição dos meios católicos de então, certos filmes a seu cargo. Enfim, jornalista impetuoso, reanimará *«A França ilustrada»*, que o Padre

Roussel tinha fundado, e lançará, entre outras publicações, *«O amigo dos jovens»* e a revista *«Missões»*. O seu maior desgosto, pelo fim da sua vida, será não poder dirigir um jornal diário: «Ah! Se eu tivesse um jornal diário, removeria toda a França!»

E para o santuário e para os Órfãos, o dinheiro aflui, o dinheiro afluirá ... O Padre Brottier exclama, diante das primeiras listas de subscrição:

— Números surpreendentes, ofertas que se multiplicam, tudo sem precedentes! Sim, sem precedentes, como tudo o que diz respeito a Teresinha. É verdade que milagre mais ou milagre menos não é o que a preocupa.

Milagre mais ou milagre menos ... Para falar verdade, desde o dia em que o Padre Brottier decidira dedicar a capela a Teresa, entregar a Teresa os interesses dos seus Órfãos, os milagres sucedem-se em Auteuil ... São curas súbitas, surpreendentes, obtidas a seguir às orações dos Órfãos. É, em ordem diferente, o milagre da «nota de mil francos». «É facto confirmado, conta o Padre Pichon, seu colaborador desde a primeira hora, que, no decurso dos seus primeiros anos em Auteuil, o Padre Brottier encontrava *todos os dias,* ou no correio ou na caixa da capela ou por intermédio de pessoa anónima, uma nota de mil francos». O Padre Brottier recebe de Teresa, a sua confidente de cada momento,

este lindo «sinal» quotidiano, sem manifestar surpresa. Decorre um dia sem aparecer a quantia habitual? Ceia tranquilamente. Ele sabe — e as circunstâncias dão-lhe sempre razão — que no recreio da noite, no pátio de Auteuil, um retardatário chegará para lhe entregar, como uma carta do Céu, o esperado envelope; ou que este envelope, ele o encontrará, antes da hora de se deitar, pousado, à espera, em cima da mesa do gabinete ... Os anos passarão, o dinheiro perderá de valor, mas o Padre Brottier verá sempre na «nota de mil francos» o símbolo da atenta fidelidade de Teresa. Assim, na noite de 31 de Dezembro de 1935, ele diz — jogo encantador! — à sua alta protectora:

— Estão dez cartas sobre a minha mesa de trabalho; se queres, Santa Teresa, mostrar-me uma vez mais que amas a nossa Obra, faz com que o último envelope que eu abrir contenha a «nota de mil francos».

Inútil verificação: o último dos envelopes — o último e não outro — contém o cheque desejado.

E, no dia seguinte, primeiro dia de um ano em que se esconde a morte:

— Santa Teresa, pede ainda, sorrindo, o Padre Brottier, faz com que a primeira carta que eu abrir esta manhã contenha a *nossa* notinha! ...

Primeira carta aberta: mil francos!

Milagres, sim, as curas obtidas, ontem e hoje, na capela de Auteuil ...

Milagres, aos olhos dos profanos, essas ofertas anónimas que não cessarão de se multiplicar. E não pode chamar-se também milagre esta Obra que, em nossos tempos áridos, vive sòmente da caridade dos homens e que, reunindo à chegada do novo Director duzentos e cinquenta órfãos, reunirá mil e quatrocentos à morte do Padre Brottier e, hoje, três mil e seiscentos?

Milagre da bondade, milagre do amor!

X

«SÊ O AMPARO DO ÓRFÃO»

Ele continuava a recolher constantemente novos rapazes, órfãos e vagabundos.

Órfãos... Lembro-me desse cortejo de crianças com que por vezes nos cruzávamos, aos domingos, nas ruas do Norte, caminhando por entre duas fileiras de árvores, que o vento de dezenas e dezenas de invernias tinha curvado para o mesmo lado. Rostos patéticos, frieiras nos dedos, capas negras infladas pelo vento, miragem da melancolia e da incerteza. Terminado o passeio, os órfãos regressavam silenciosos ao edifício pintado com as cores do abandono e a cheirar a sopa fermentada.

O visitante que entra no pátio de Auteuil fica admirado com a impressão de calma, de ordem e de estabilidade que se desprende daquelas paredes brancas e bem cuidadas; com o olhar vivo desses jovens, no seu trajo azul de trabalho, que circulam pelos corredores ou trabalham nas oficinas. Animação de colmeia. Clima de liberdade.

Um orfanato? Não é possível. E «mesmo essa palavra, essa lúgubre palavra de orfanato, por quê pronunciá-la?», diz com um matiz de recriminação na voz o Padre Duval, actual Director Geral dos Órfãos de Auteuil. — E nós seríamos tentados talvez, diante de um tal êxito da caridade, a esquecer a luta que aqui se trava, cada dia que passa, para que tudo continue, e, sobretudo, a luta que travou o bondoso Padre Brottier «para que tudo comece».

É preciso folhear números antigos do «Correio dos Órfãos Aprendizes» para encontrar o eco, aflitivo por vezes, das angústias que atormentaram o nosso herói, ao longo dos treze anos que passou em Auteuil! Ouçamos, entre tantos outros, este apelo de 1924, tão nu e cru:

«Pão para os órfãos! É o grito angustiado de um pai de família que se não pode aguentar, porque a vida está muito cara: o pão a um franco e quarenta não lhe permite fazer face às despesas. Mães de famílias, vós que conheceis o vosso orçamento para três, quatro, cinco bocas a sustentar por dia, dizei-me a que número chegaríeis, multiplicando por trezentos?»

Mas então essas inumeráveis ofertas, direis, esse dinheiro que o Padre Brottier fazia entrar, como por artes de varinha mágica, nos cofres de Auteuil? Nunca essas ofertas eram assaz copiosas, nunca suficientes aos olhos deste homem em constante efervescência de projectos e de

esperanças, e que arquitecta, sem cessar, coisas novas para a glória de Deus e salvação das almas! A despeito das suas numerosas iniciativas — e por vezes temerárias —; a despeito do «Empréstimo de Honra», que ele lançou em 1929 e que coincidiu com o reconhecimento de Utilidade Pública da sua Obra; a despeito de tudo isso, o Padre Brottier via-se sempre e sempre em apuros de dinheiro ...

É que eram cada vez mais numerosos os deserdados da vida que se apresentavam na Rua La Fontaine, os edifícios pareciam estreitar-se todos os dias; todos os dias era preciso mais pão, mais roupa, mais bancos, mais máquinas. Para o Padre Brottier recusar a entrada na sua Casa a uma dessas crianças, era uma verdadeira aflição. Escutemo-lo ainda:

«Miseráveis crianças! Pobres vítimas da sorte! Misérias imerecidas, misérias insolúveis para os infelizes garotos que ninguém quer acolher, porque a carga é pesada demais ... E eles vêm confiantes a Auteuil! Ouviram dizer que nesta casa a «carga nunca é demasiada», que, enquanto houver lugar, se dá de comer, de beber e uma cama para dormir a rapazes como eles. Melhor que isso: sabem que aqui lhes ensinam a trabalhar, isto é, a preparar um futuro feliz, no qual mais tarde poderão ter, com uma família sua, alegria e amor ... Por isso, que crueldade, quando se torna necessário fazer compreender ao pobre

desafortunado, que vinha aqui cheio de esperança, que, apesar da sua miséria, o não podemos receber! «Não há lugar! ...» Imaginam o que esta frase significa para o pobre órfão? ... E imaginam a angústia do padre que, todos os dias e várias vezes, é obrigado a lançá-la ao rosto de um pobre garoto?»

E, a este respeito, têm aqui lugar duas anedotas que, sob ângulos diferentes, mostram a profunda humanidade — e também certa feição de espírito — do Padre Brottier:

— Uma tarde, entra-lhe no gabinete uma Irmã de S. Vicente de Paulo, seguida de um rapazito.

— Padre, diz ela, eis um menino de treze anos, sem ninguém no mundo, e, bem entendido, sem recursos. Encontrava-se num preventório que não quer mais tomar conta dele. Por isso lho trago.

— Mas, minha Irmã, tenho centenas de pedidos apontados, centenas de órfãos que esperam a vez! Apesar de toda a minha boa vontade, não posso acolher hoje o seu protegido!

— Como? V. Rev.ª pede a toda a gente dinheiro para os Órfãos, cai-lhe uma chuva de notas de banco dos quatro cantos da França, e, quando se lhe pede para tomar a seu cargo uma criança abandonada, nega-se? Oiça, padre, é isso a caridade?

Desconcertado com tanta veemência, o Padre

Brottier fica silencioso. A Irmã prossegue em tom agressivo:

— Se conhecesse o coração delicado deste menino, não falaria dessa maneira! Para onde há-de ir ele agora? Para a Assistência Pública? Para uma casa de correcção? Para debaixo das pontes? Ah, se eu estivesse no seu lugar... Aliás, é bem simples: Não sairei daqui, enquanto V. Rev.ª não disser que sim.

Silêncio ainda. E de repente:

— Pois bem, Irmã, diz o Padre Brottier; conhece o provérbio: «O que uma mulher quer, Deus o quer!»? Aceito pois, *visto que Deus o quer*, o seu protegido... Mas arrependa-se um pouco de todas as palavras desagradáveis que me disse. E não se esqueça: antes de ir embora vá à capela pedir à Santa Teresa algumas graças para o pobre director de Auteuil...

— Sem dúvida, padre. Mas estou tranquila. Santa Teresa não o deixará nunca embaraçado.

E tinha razão a impetuosa Irmã de S. Vicente de Paulo... Poucos minutos depois de sair, um visitante entregava ao Padre Brottier doze notas de mil francos:

— Padre, aqui tem esta quantia para alimentar um órfão durante um ano. A escolha do pequeno fica a seu cuidado.

E o padre com um sorriso de triunfo:

— O pequeno? Escolhi-o, há instantes, senhor.

Segunda anedota:

O Padre Brottier rècebe um dia uma visita: um Cardeal Dubois, de rosto severo:

— Caro Padre, parece que se deixa levar um pouco longe de mais. Fala-se muito desses capitais, consideráveis, segundo se diz, que V. Rev.ª emprega em novas construções... Por outro lado, contam-me que V. Rev.ª recebe órfãos, assim, dia a dia, a porta franca. Eu bem sei que é cruel repelir os infelizes, mas... Creio que é meu dever chamá-lo à prudência!

Nesse momento, batem à porta. Entra uma mulher probremente vestida, rosto pálido, escaveirado.

— Padre, diz ela ao Padre Brottier, sou viúva, pòbre e doente. Tenho que fazer amanhã, no hospital, uma grave operação. Meu filho, de doze anos, arrisca-se — eu o sei — a ficar de um momento para o outro sem família. Quer adoptá-lo, padre?... Eu lho peço...

E as mãos desta mulher torciam-se, estragadas pela lexívia alheia, revelando mais que por palavras a sua angústia. O Padre Brottier fica silencioso. A suplicante, interdita por seu lado, olha os dois sacerdotes sem adivinhar a luta que em cada um se trava nesse instante. Finalmente, o Padre Brottier:

— Senhora, diz, e volta-se para o Cardeal Dubois, tem diante de si o Arcebispo de Paris... A Sua Eminência pertence, e não a mim, decidir da sorte do seu filho...

O Cardeal Dubois sobressalta-se. Hesita. E depois:

— Já que a questão se põe assim, vou resolvê-la sem demora. Sim, minha senhora, sim. O Padre Brottier tomará conta do seu filho!

Lágrimas de gratidão correm pela face da mulher, enquanto cruza a soleira. Mal ela desaparece, exclama o cardeal, entre sério e divertido:

— As minhas felicitações, meu caro padre! As recriminações que, ainda há pouco, lhe dirigia, posso agora voltá-las contra mim! Ah! posso dizer que V. Rev.ª me «apanhou»!

— Protesto, retruca vivamente o Padre Brottier. — Não fui eu quem «apanhou» V. Eminência.

— Então quem foi?

E o Padre Brottier, com um sorriso:

— Está à vista ... Foi Deus!

De entre todos os garotos que o Padre Brottier acolhia, tinham talvez a sua preferência aqueles que ele chamava os «pequenos Comodistas», que se preparavam para a Primeira Comunhão. Nascidos em La Villette ou em Pantin, em Aubervilliers ou em Villejuif, conduzidos a Auteuil por qualquer religiosa, qualquer senhora piedosa, chegavam numa manhã: vestes lamacentas, rotas, ricas de alfinetes de segurança, cabelos desgrenhados, ares de desafio, gritos de revolta, pequenas feras que temiam a jaula.

E quase se molestavam, os que tinham conhecido o metropolitano, as salas de espera das estações, ou o precário abrigo em que tantas vezes pernoitavam; molestavam-se por terem uma cama, uma mesa preparada e palavras de educação. No entanto, entre o quadro da escrita e dos números e a recitação do catecismo, havia os jogos no recreio e as sessões de cinema. E, pouco a pouco, domavam-se essas vontades rebeldes, suavizavam-se esses corações tão cedo magoados. «Almas transformadas, regeneradas, ressuscitadas!» exclamava com emoção calorosa o Padre Brottier. E era a essas crianças, hóspedes de Auteuil por dois meses sòmente, que ele pedia mais orações. «É que as orações dos pequenos Comodistas podem tudo! ... Essas crianças são os nossos melhores advogados, diria mesmo, os pára-raios da nossa Casa.»

Assim, durante a guerra, dava ele o melhor do seu coração aos soldados mais desafortunados, assim punha o mais ardente da sua confiança espiritual nas almas que tinham conhecido dramas e tormentos. Isso não significa que ele tivesse menos interesse pelo resto do seu rebanho, que constituía a maior parte: esses aprendizes de quem ele queria fazer homens. Escutemos o Senhor Perrin-Waldener, engenheiro da Obra:

— Desde a sua entrada em Auteuil, o Padre Brottier decidiu reorganizar as oficinas — sapa-

taria, marcenaria, cerralharia, chumbaria, electricidade, mecânica e tipografia — e fazer de cada uma delas uma pequena empresa, a fim de que o aprendiz se encontrasse, desde o princípio, no ambiente próprio da sua profissão. Sob a vigilância de um chefe de oficina e entre operários qualificados, os rapazes executavam (ontem como hoje) trabalhos «reais» e variados, destinados a ilustrar a aprendizagem. Em breve, tinham consciência de executarem algo de útil: não faziam parte as suas peças dum conjunto que ia ser vendido?... O importante aos olhos do Padre Brottier era determinar o ofício mais conveniente a cada um e, em seguida, tornar atraente a iniciação, quase sempre repulsiva. Mostrava-se muito exigente quanto às qualidades morais dos educadores. «*Não acredito,* dizia ele, *na influência de um homem, cuja vida não possa ser citada como exemplo.*» Por outro lado, dava grande liberdade a todos os seus colaboradores, embora supervisasse cuidadosamente cada pormenor. «Eu não sou um técnico. A vocês compete escolher a melhor solução e tomar as responsabilidades!» E gostava de contar, a tal respeito, certa aventura ocorrida em África a um alto dignitário da Igreja: Encontrando-se este num barco, certo dia, num rio senegalês, e, imaginando que era capaz de fazer tudo, pediu a cana do leme ao piloto e não conseguiu senão encalhar a embarcação!

Mas, entre os Órfãos, alguns revelavam-se incapazes de tomar gosto por um ofício. Para esses o Padre Brottier criará o «Lar no Campo.»

— Veio-lhe a ideia, diz-nos a esse respeito o Padre Piacentini, de dar aos seus pequenos desenraizados o conhecimento e o gosto da terra, de os preparar para virem um dia a ser agricultores e, para isso, de os colocar em famílias camponesas de boa reputação, sob a responsabilidade e o *controle* dos párocos das aldeias. Antes de lançar mãos a esta nova obra, pedira conselho aos bispos de França: a despeito da sua fogacidade de conquistador, o Padre Brottier não se arriscava a qualquer actividade apostólica sem consultar os seus superiores. Discutia e defendia os seus projectos, sem dúvida, mas sempre com o espírito de obediência do perfeito religioso ... Qual não foi a sua alegria, ao receber resposta favorável! «Vereis, vereis, nos diz ele. Um dia Auteuil se tornará a imagem da França no trabalho! Nós daremos à cidade excelentes operários e ao campo agricultores dignos deste nome. Quando já não se encontrarem operários em Paris, virão procurá-los à nossa casa; e, se os agricultores desertarem dos campos, será ainda a nós que todos pedirão braços para a lavoura!»

Assim foram colocados, aqui e acolá, em quintas, quatrocentos e cinquenta órfãos, que descobriram a nobreza das searas e das vindimas.

Diante deste novo êxito e, vendo que o infatigável Padre Brottier — que, entretanto, fora nomeado Assistente Geral da Congregação do Espírito Santo — criava com sucesso em Paris uma companhia de teatro e uma escola de preparação militar, numerosos foram os que exclamaram:

— Mas tudo lhe sai bem, ao Padre Brottier! Pode dizer-se que é um homem de sorte! ...

E ele pensativo:

— Sorte? ... Sim! pela graça de Deus, talvez tenha sorte ... Mas posso afirmar que toda essa sorte provém de um trabalho intenso, sem descanso, desde as cinco da manhã até à meia-noite; de escrever cartas e receber visitas aos milhares; de estar constantemente na brecha, à espreita de qualquer possibilidade, de tentar sem descanso coisas novas, de correr riscos, de andar frequentemente alquebrado de cuidados.

E, enquanto que em filigrana se desenham as jornadas do Padre Brottier em Auteuil, não nos parece ouvir o melancólico desabafo de Mermoz: *Paguei sempre muito caro isso que chamam a «minha sorte»!*

XI

UM DIA ENTRE OUTROS DIAS

Suportava as provas e sacrifícios da vida religiosa, as fadigas dos seus inumeráveis trabalhos, os cuidados do seu ministério, com uma só esperança: a recompensa eterna.

Oito horas da manhã! Esse padre, que acaba de celebrar a missa, com intenso recolhimento, de se abismar em seguida numa longa acção de graças, durante a qual parecia fora do mundo, ei-lo que regressa ao mundo. No seu gabinete de director, dir-se-ia um homem de negócios. Engenheiros, chefes de serviços, chefes de oficinas e chefes de secção vieram tratar com ele. O Padre Brottier está «em conferência». Trabalho preciso, metódico, de que em parte depende a vida da Obra, e que vai durar duas horas, como todos os dias.

A seguir, abrem-se as portas aos primeiros visitantes. Benfeitores ... Homens e mulheres que têm nas suas mãos generosas o presente e o futuro dos Órfãos de Auteuil. Quando aqui che-

gou, o Padre Brottier encontrou uma lista de doze mil nomes. A nova lista, que ele fez recentemente, diz: cento e cinquenta mil... Isto pode causar espanto: «Há, então, tanta gente caritativa em Paris, na França?» E o Padre Brottier constantemente maravilhado: «Cada uma das minhas novas iniciativas, diz ele ao Padre Pichon, é acolhida pelos meus amigos, pelos amigos de Auteuil, com tão transbordante efusão de generosidade, que eu fico muitas vezes mudo de admiração e reconhecimento. O pecado original corrompeu a nossa pobre natureza, mas o coração humano guardou, apesar de tudo, a marca do Criador, e as paixões não chegarão nunca a matar esse germe divino!»

Mas não são só benfeitores que visitam o Padre Brottier; ele, que febrilmente e sem tréguas força a caridade, ele que pôde fazer sua a palavra de S. Lourenço Justiniano: *«Os pobres são os porteiros do Céu; é preciso «comprá-los» por dinheiro ...»*, recebe por sua vez, constantes apelos à caridade... Pedintes? Sim, inumeráveis pedintes. É o operário sem emprego, o homem que sai da prisão, o «pobre envergonhado» a quem o menor auxílio levaria uma esperança. Muitas vezes, o Padre fica perplexo:

— Ai, diz ele ainda ao seu confidente, como é difícil praticar a caridade! ... O mais custoso não é puxar do porta-moedas, não ... É saber se o necesitado que nos implora, será verdadeira-

mente um necessitado ou se, pelo contrário, estaremos a ser ludibriados... Eu julgo ter sido enganado mais de uma vez e sem dúvida que isto não acabou. Mas, ao fim e ao cabo, que importa? ... Será pelo facto de existirem falsos pobres e pedintes indelicados, que havemos de deixar de praticar a caridade?

Assim, o Padre Brottier inquieta-se, um momento, hesita ... mas dá. Após a sua morte, encontrar-se-lhe-ão, numa gaveta do escritório, bom número de bilhetinhos: «Recebi do Padre Brottier a quantia de cem ... duzentos ... quinhentos francos, que lhe devolverei logo que me seja possível». Pensará ele que, procedendo assim, irá de algum modo prejudicar os seus Órfãos? De maneira nenhuma: «Deus e Santa Teresinha, estejamos certos, nos recompensarão ao cêntuplo estes modestos benefícios! ...»

Cartas de recomendação a uns, roupas prometidas a outros, dinheiro «emprestado» a alguns, o Padre Brottier tem, além disso, que atender outra espécie de mendigos, — mendigos de conselhos.

É a rapariga que querem casar contra vontade; é a mãe preocupada com a condução do filho. Discórdias de família, heranças complicadas, casamentos infelizes ... Ah! ... quantos romances poderia ter escrito o Padre Brottier!

Entra agora um industrial célebre.

— Não tenho gosto por nada na vida ... Um

dos meus amigos, que conheceu V. Rev.ª nas trincheiras, disse-me: «Vá falar com o Padre Brottier!» E aqui estou, padre! Venha em meu socorro!»

E o Padre Brottier escuta uns e outros, aconselha, restitui a confiança. É isso, sobretudo: ele restitui a confiança àqueles que a têm perdida ou nela já não ousam crer. E, como acontecera no tempo da guerra, reconduz a Deus por sinuosos caminhos, numerosas almas. Vejamo-lo, assim, abrindo a porta a uma bela mulher, chapéu florido e olhos pintados. Mal se senta, irrompe em soluços. Urgida com perguntas, acaba por confessar a causa de tantas lágrimas. É casada. Ama outro homem. Este torna-a muito infeliz, inflige-lhe mil humilhações — mas ela ama-o. Escreve-lhe, telefona-lhe, espreita-o na rua e sabe muito bem que tudo isso o irrita — mas ama-o ... Preferia morrer a perdê-lo! E o Padre Brottier, diante desta angústia tão ao vivo, não pode, por sua vez, reter as lágrimas. Nem um leve gesto de impaciência — e, contudo, todos os seus minutos estão contados. Nem uma só palavra dura para a pobre pecadora — ele sabe que a dureza pode ter para um infeliz consequências por vezes dramáticas. Chora com quem chora, eis tudo ... E, pouco após, a mulher jovem levanta-se, guarda o lenço na bolsa, sorri:

— Ah! padre, não sabe o bem que me fez!

Sei agora o caminho que devo seguir! Obrigada! Muito obrigada!

Ela sai de rosto sereno. E ele pensa: Obrigada? Obrigada porquê? Se eu quase nem falei. Como pude ajudar esta mulher?

Agora, é a vez de outra. Idosa, preocupada:

— Padre, eu sou perseguida pela ideia da morte, quer dizer, pelo medo de não morrer piedosamente. Peço-lhe, Padre, que rogue a Santa Teresinha (todos sabem que ela nada lhe recusa) que me previna, quando o meu fim se aproximar.

O Padre Brottier observa com gravidade a sua última visitante dessa manhã:

— Não se inquiete, minha Senhora, diz ele finalmente. Quando a sua hora chegar, eu próprio a avisarei ...

E ela, sem procurar compreender:

— Muito obrigada, padre.

Alguns anos mais tarde — o facto está registado nos anais de Auteuil — o Padre Brottier cumprirá a sua palavra: de mão levantada, aparecerá em sonho àquela que o tinha implorado. E, poucos dias depois, aquela mulher que «tinha tido confiança», entrava feliz na paz do Senhor.

*

Mas a campainha já toca para o almoço. O Padre Brottier entra no grande refeitório, de soalho reluzente. Sorri, descontraído: outro ho-

mem. Um dos seus colaboradores faz-lhe uma pergunta àcerca do «Lar no Campo».

— Meu caro, interrompe ele, gracejando, vou-o multar! Já lhe disse mais de cem vezes: à mesa, não se fala do trabalho.A refeição deve ser, antes de mais, um descanso. E, se falássemos, antes, do filme policial que vimos ontem?

Conversa geral, familiar. É verdadeiramente, sim, uma atmosfera de família a que o Padre Brottier soube criar à sua volta. Depois do almoço, sai com o Padre Piacentine, que regressa do Canadá:

— Venha daí tomar um café ao «Rosa de Oiro».

A célebre pastelaria «Rosa de Oiro» fazia parte, nesse tempo, da Obra de Auteuil. O Padre Roussel tivera ùltimamente a ideia, para aumentar os rendimentos da Obra, de «lançar» uma confeitaria. Desastre total: «Somos talvez bons educadores, mas sem dúvida nenhuma, maus pasteleiros!», concluíra textualmente o bom sacerdote. A partir de 1932, o Padre Brottier tinha retomado o negócio — negócio que terminaria per se revelar tão pouco rendoso como da primeira vez. Mas, naquela tarde, eram ainda permitidas todas as esperanças. Apresentaram ao Padre Brottier, com caixas de confeitos revestidas de cetim, uns novos caramelos.

— Prove, padre ... Que diz a isto?

— Hum! ... Nada de extraordinário. Não lhe

parece que, juntando a este creme um pouco de kirsch, essa boa aguardente de cereja? ...

E, passando a outro assunto:

— Alguns dos meus colaboradores ofereceram-se, há pouco (recorda esse famoso dia da imprensa?), para colocarem aqui e além, por toda a cidade de Paris, utilizando a sua própria viatura, encomendas de pastéis. Eu quereria agradecer-lhes esse gesto. Queira enviar a cada um deles, a nome da esposa, uma garrafa de vinho do Porto. A cada encomenda juntará esta palavra ...

E, com mão rápida, em quatro cartões de visita, escreve: «Para me desculpar, minha senhora, por ter retido o seu marido, na passada terça-feira, até mais tarde que o costume.»

*

Ei-lo de novo no gabinete ... Poder-se-ia dizer: «Que desordem!» Com efeito, jornais, revistas, notas para artigos, relatórios e envelopes, tudo amontoado, baralhado. «Uma floresta», diz ele mesmo, sorrindo, o antigo missionário de África. Aliás, dá-se perfeitamente com essa desordem: esse homem, todo metódico, encontra sem hesitação o papel necessário, no momento necessário.

Há cartas e mais cartas empilhadas, aqui e além, naquela sala. As cartas têm na vida do

Padre Brottier um papel de grande envergadura ... E ele, como chefe, liga grande importância a essas mensagens suscitadas pela sua própria acção. A este respeito, citemos de Bernardo Grasset algumas linhas que o Padre Brottier certamente não desaprovaria: «O correio é o encontro de quem se sente animado pela necessidade de agir, com tudo o que lhe permite fazê-lo. É a carta quotidiana da vida e a resposta que ele lhe dá. O talento está em captar o que o correio nos traz; quero dizer: saber encontrar nele o bem próprio ou o bem da causa que servimos. A si, caro amigo, todos sabem que podem escrever-lhe, que para si não se perde nem uma minúcia, nem uma intenção, nem mesmo um desabafo ou uma queixa reservada. O senhor é «prestamista que se encarga das mínimas coisas ...» Além disso, não há coisas mínimas para um chefe, pelo menos na relação que elas têm com as suas mais altas preocupações ...»

Por quem são assinadas essas cartas? Por Carmelitas, por Trapistas, que pedem ao Padre Brottier um conselho, uma ajuda espiritual. Por homens e mulheres do mundo, sobre quem se abateu uma provação. Por doentes, por famílias de doentes que imploram orações. Por amigos da Obra que apresentam um projecto relativo aos Órfãos. Por benfeitores que enviam um cheque. Cartas de louvor também, por vezes, que

provocam ao Padre Brottier uma espécie de mal-estar:

— Estas pessoas que me fazem elogios são admiráveis! Parecem esquecer, em verdade, que eu sou apenas um instrumento nas mãos de Deus! ... Esquecem também que, se eu fosse mais dócil, poderia fazer muito mais e muito melhor ...

Humildade, humildade profunda de quem na juventude, tanto desconfiava do seu orgulho. Esse orgulho, ele tomara-lhe horror: «Deus vê a nossa fraqueza e diz: «Para todo o pecado, misericórdia! ...» No que toca ao orgulho, porém, torna-se severo, acreditem.»

Outras cartas são então abertas: palavras; palavras de crítica, mais palavras:

— «Só o conhecemos pelos seus peditórios. Não acha bastante indiscreto andar sempre, sempre a pedir dinheiro aos fiéis? Esses trabalhos de arquitectura que empreende, esses inumeráveis projectos ... Imprudência ... Temeridade ... Esforce-se, padre, por tornar humana a religião católica — não decorativa ... Para um apóstolo, a caridade deve estar acima do desejo de dar nas vistas!»

Silêncio. Calma. Dos assomos de revolta que agitam o Padre Brottier ao ler essas cartas — numa delas chegam a chamar-lhe «aventureiro» —

nada transparece. Imediatamente, o perdão das injúrias:

— Evidentemente! Com todas as minhas iniciativas, tenho que parecer a muitos um personagem maçador! É preciso compreender os meus detractores, desculpá-los ...»

E a tarde decorre: correspondência, visitas, tudo como de manhã. Toque quase incessante do telefone. O engenheiro da Obra por uma questão de electricidade. Uma religiosa: «Venho apresentar-lhe, Senhor Padre, o caso do pequeno Ernesto T ... Órfão de pai e mãe, vivia com o avô; este acaba de ser levado, moribundo, ao hospital. Poderia V. Rev.ª tomar conta deste pequeno?» E a resposta, acompanhada de um suspiro e de um gesto de abatimento, é a que o Padre Brottier tantas e tantas vezes tem que dar, ao dia: «Que pena! ... Não há lugar Irmã!» A partir de então, a tristeza apodera-se dele. Sente bruscamente o peso do dia intenso. Desgraças, sofrimentos, fontes nunca esgotadas. Aliviar o sofrimento de um, prestar auxílio a outro, que é isso, que é isso diante de um rio de misérias transbordante? Limites da caridade ... limites do homem ... Vertigem.

Ombros caídos, desce à capela. Odor a cera e incenso, penumbra suave, acalmante. Leitura do breviário ... serenidade, que volta pouco a

pouco. Meditação. É na vida interior que o Padre Brottier, homem de acção, encontra a sua força primeira e a perseverança que condiciona o êxito. É a vida interior que lhe dá a inspiração, que lhe permite retomar, depois de uma desilusão ou de um revés, o impulso inicial ... Compraz-se a evocar, num instante, a paz dos claustros, essa paz a que aspirou toda a vida e que nunca pôde tornar sua. Lérins, o silêncio e a intimidade de Lérins! ... «Mas, reflectindo bem, não escolheu Deus para mim a melhor parte? Uma vida aos empurrões, certamente, mas uma vida de caridade, que me obriga a praticar, sem quase nisso pensar, a humildade, a paciência, a mortificação e a renúncia ...»

Outras tarefas o esperam antes do fim do dia. Levanta-se, sai da capela. Diante da sacristia cruza-se com o senhor Brequet. Um personagem, o sr. Buquet. Fazia parte do pessoal da Obra, já no tempo do Padre Roussel. Fora, sucessivamente, encarregado de oficina, vigilante dos recreios, corrector e director de tipografia. Presentemente é ele que está encarregado de acender o calorífero no inverno e de velar em todas as estações pela boa ordem dos jardins. É ele também quem recebe as ofertas dos fiéis, mas, antes de tudo, é sacristão, e muito ufano deste cargo. Fala de Santa Teresa de Lisieux como de pessoa amiga, pessoa de família, pessoa ainda viva:

«Esta manhã disse a Santa Teresinha ... E Santa Teresinha respondeu-me ...» O Padre Brottier ouve-o e, com um sorriso enternecido:

— Feliz servo, murmura, de tal senhora.

Dirige-se agora à oficina de marcenaria. Cheiro a madeira fresca; ruído de serras e de plainas. Os aprendizes agrupam-se à sua volta.

— Amigos, diz-lhes, a consagração solene da catedral de Dakar já não vem longe. Temos que ir pensando no mobiliário litúrgico do santuário. E nas portas. Têm que ser magníficas ... Já as vejo, talhadas em acaju de Luba, com embutidos de teca de Java; vejo-as adornadas com aplicações de bronze. Será necessário um trabalhão para que as térmitas não possam atacar essa maravilha. Voltaremos breve a falar disso.

E o encarregado da oficina, com entusiasmo:

— Sr. Padre, que alegria não será a sua, no dia em que vir, lá, em África, a sua catedral concluída! Sim, porque V. Rev.ª irá a Dakar a essa grande festa, não é verdade?

— É o meu maior desejo, mas ...

E com um vago gesto da mão, completa a frase: «Nunca se sabe ...». Imediatamente, pede:

— Podia mandar-me buscar um comprimido de aspirina? Estou de novo com uma destas dores de cabeça! ...

Mais que uma dor de cabeça. Ardores. Uma profunda sensação de lassitude. Desde a bron-

quite que contraíra em 1925, o Padre Brottier vê, de ano para ano, a saúde a declinar. Não há ainda muito tempo que uma espécie de congestão o atacou, obrigando-o a um longo repouso na Suíça.

— Sr. Padre, diz-lhe o encarregado ao dar-lhe um copo de água, custa a crer que V. Rev.ª esteja cansado. Essa pele coradinha, esso belo aspecto ...

E o Padre Brottier com um meio sorriso:

— Tem razão! Não é do aspecto que eu estou doente!

*

Alta noite ... O Padre Brottier procura em vão conciliar o sono. Vigília viva, fremente. Por dentro dos olhos fechados, passam imagens, fogem, regressam, confundem-se. Inquietações, hesitações, escrúpulos ... Orçamentos difíceis, vencimentos pesados ... Lágrimas no rosto de uma mulher ... Dakar ... O aprendiz que, antes do jantar, manifestou ideias de suicídio — segredos dos dezasseis anos. É coisa difícil ser jovem ... Esse rapaz terá sido tão reconfortado como era necessário? Ter-se-lhe-ão dito as palavras que salvam? Esses pobres órfãos ... Ele dá-lhes o melhor de si próprio — a sua vida — mas talvez não seja bastante familiar com eles, bastante dado ... Falar-lhes mais. A falta de tem-

po, esses dias tão rápidos ... Ah! realizar um filme, um grande filme, sobre a infância desvalida! Fazer conhecer pela imagem, a toda a gente, essas inumeráveis misérias que ladeamos sem cessar ... sem cessar ... É preciso que todos compreendam e venham em nosso auxílio! Que não tenhamos que dizer «Não» a esses sem-família, a esses sem-amigos, a esses sem-abrigo, que imploram um tecto. Que a Obra dos Órfãos de Auteuil se transforme um dia em Obra dos Órfãos da França ... Não era essa a ideia de S. S. Pio XI, quando, no decurso da recente audiência que teve a bondade de conceder a Monsenhor Le Hunsec e ao Padre Brottier, disse, referindo-se a Auteuil: *É preciso alargar os espaços da caridade?*

E é com estas palavras a soarem-lhe aos ouvidos como badaladas, que o Padre Brottier consegue, finalmente, adormecer: «Alargar os espaços da caridade ... Alargar os espaços ... Alargar! ...»

XII

ALI, APOTEOSE, AQUI, RENÚNCIA

A consagração da basílica de Dakar efectuou-se no dia 2 de Fevereiro de 1936, durante a vida e, no entanto, na ausência daquele que a levantara.

Tinha chegado, ao cabo de vinte e cinco anos de tenacidade e de lutas, a hora da solene consagração da Catedral-Monumento. Cerimónias de envergadura tinham assinalado já a marcha da construção: a primeira pedra fora benzida por Monsenhor Le Hunsec; a primeira missa tinha sido celebrada por Monsenhor Grimaud, o segundo sucessor em Dakar de Monsenhor Jalabert; tinha-se já efectuado também o baptismo dos sinos. Mas este dia 2 de Fevereiro, era verdadeiramente, com o seu aparato, «o grande dia».

Pouco antes da partida, o general Gouraud tinha ido visitar o Padre Brottier a Auteuil:

— Afinal que se passa? Não vem connosco? A sua ausência ali, é coisa inconcebível! A catedral de Dakar é a *sua* igreja!

O Padre Brottier sorrira, melancólico.

— Os médicos proíbem-me de partir ...

— Por causa da saúde? Ora, precisamente: uma viagem por mar fá-lo-á repousar e a alegria que sentirá em Dakar acabará de o restabelecer.

Abanando então a cabeça e com aquela sua doce voz:

— Meu amigo, respondeu, este é o meu último sacrifício ...

E Gouraud, espantado, viu-o afastar-se, sem se dirigir ao pátio, logo rodeado por um grupo de miúdos, à imagem de S. José de Calasâncio e de S. Filipe de Néri. Esta seria a última imagem que o vencedor de Attar guardaria do seu amigo de África: um olhar de renúncia, logo seguido de um gesto de protecção para com os seus Órfãos.

*

Custa-nos, sim, custa-nos verdadeiramente pensar que o Padre Brottier não assistiu à apoteose de Dakar. Do mesmo modo que as suas condecorações marcaram a coroação sentimental da sua guerra, assim essa grande cerimónia marcaria a coroação sentimental da sua vida. «As honras», importavam-lhe pouco, evitava-as mesmo: nas festas que organizava em honra de Santa Teresinha, em Auteuil, e às quais assistiam,

por vezes, mais de vinte e cinco mil pessoas, «longe de se pôr em evidência, declara uma testemunha, apagava-se, parecia fundir-se com a multidão.» Mas, naquele caso, tratava-se para ele de coisa muito diferente das honrarias. Teria visto terminada, viva, vibrante, a catedral africana a que dedicara o mais ardente das suas forças, a Casa que, a exemplo do Salomão da Escritura, ele mandara erguer à glória do Eterno.

Tão sensível como era às cores e à música, como ele teria descrito bem a música e o colorido dessas horas! Peçamos a Henry Bordeaux, que se deslocara a Dakar para esse efeito, que nos conte o que o Padre Brottier deveria ter vivido:

— O Comité da Catedral-Monumento deu-me a honra de me convidar a representá-lo em Dakar. A Academia Francesa tinha-me dado igualmente a sua investidura. Sim, a Academia ... Ela tinha razões, é verdade, para não permanecer indiferente a esta piedosa festa colonial. Nada do que serve a França lhe pode ser estranho, pois que uma tradição de trezentos anos a liga aos destinos do nosso país, e porque nada permanece na história senão pela literatura. Por outro lado, não foi um dos seus membros, o gentil Cavaleiro de Boufflers, governador do Senegal? Não foi o general Joffre, então comandante de engenharia, o organizador de Tombuctu reconquistada? Não foi em S. Luís que Loti escreveu o «Romance dum cavaleiro turco»? Embarquei, pois, no *Chella*

com o Cardeal Arcebispo de Paris e o seu cortejo de arcebispos, bispos, religiosas e camareiros. O governador geral Brévié representava o Governo e o general Gouraud era delegado dos ministros da guerra e das colónias. Vestes vermelhas, batinas roxas, uniformes e condecorações ... No dia 1 de Fevereiro, o nosso barco, com a bandeira pontifical desfraldada e a bandeira tricolor à popa, chegava a Dakar, aguardado no cais pelos fusileiros navais e pela guarda vermelha, trajando o uniforme dos velhos cavaleiros argelinos, enquanto que duas esquadrilhas de aviões nos sobrevoam e vinte e um tiros de canhão eram lançados ao largo pelo «Provence». Reunimo-nos diante da catedral para a leitura da carta pontifícia que nomeava o Cardeal Verdier legado da Santa Sé, e felicitava a França «por ter levado ao Senegal a civilização e as luzes da fé, com os preceitos do cristianismo». Estava reunida ali Dakar em peso: capacetes coloniais, trajos brancos, tangas de tons berrantes. Os Negros mostravam talvez mais interesse pelos camareiros da corte pontifícia — trajos à Henrique II, golas brancas desmedidas — do que pelo discurso do cardeal; mas, quando ele terminou, foi um delírio! E que dizer do entusiasmo, que no dia seguinte, o da consagração solene, se apoderou da multidão? Ostentou-se toda a pompa romana ... Pelas sete horas da manhã, tinham sido trazidos o sal e a água

com que foram aspergidas por três vezes as muralhas exteriores da catedral. Revestido da *cappa magna* de melânia escarlate, o Cardeal Verdier bateu com o báculo no portal de acaju, entrou na catedral, traçou com cinza as letras do alfabeto grego e latino. Esplendor dos cânticos — a coral negra que o Padre Brottier tinha fundado —, brilho de luzes — as velas a arder diante das doze cruzes litúrgicas —, lentidão dos ritos sagrados ... Monsenhor Le Hunsec oficiava, assistido por dois padres africanos. O cardeal legado, sentado num trono branco e oiro, estava rodeado pelos arcebispos e bispos da Senegâmbia, do Sudão, do Daomé e da Nigéria, de batina branca, e pelos protonotários e camareiros. Depois da comovente alocução de Monsenhor Rémon, bispo de Nice, a cerimónia terminou com a entronização dos ossos dos mártires Félix, Donato e Lourenço ... A consegração da catedral de Dakar, que inesquecível recordação! Uma única sombra: a ausência do Padre Brottier. O seu nome foi muitas vezes e longamente aclamado no decurso destas nobres festas. Em Paris, ele deve ter sentido a gratidão de todos nós!»

*

Como passara o dia o Padre Brottier, enquanto em Dakar se desenrolavam essas memoráveis cerimónias? Que pensamentos foram os seus?

De manhã, disse à senhora Beslier:

— De modo que não verei neste mundo a «Grande Morada». Uns semeiam, outros colhem: é assim desde o princípio do mundo. Não falemos mais nisso!

E, sùbitamente, com a voz alterada:

— Em boa verdade, nós não sabemos o que somos ... Não sabemos que lugar, útil ou talvez prejudicial, ocupamos neste mundo. Só Deus o sabe! Nós não podemos saber nada, nada, nesta terra. As recompensas, as claridades, tê-las-emos noutro sítio. Então, compreenderemos o porquê dos nossos sofrimentos.

Depois destas palavras, que desvendam uma ferida secreta, dirige-se para a capela de Auteuil. Missa de acção de graças. Aos seus Órfãos, que em sua honra tinham organizado uma festa familiar, dirigiu os agradecimento com uma emoção que não tentava ocultar:

«Meus amigos:

Não encontro palavras para exprimir o meu reconhecimento pela grande surpresa, que me destes esta manhã: Esta festa íntima dá-me mais alegria, mais felicidade que, se eu tivesse acompanhado o cardeal a Dakar. Eu vo-lo digo, meus amigos, a felicidade encontro-a entre vós. Sim, vós é que me fazeis feliz! E, se, ao começar os meus vinte e cinco anos de trabalho pela Catedral-Monumento, me tivesse sido dado

conhecer a alegria que vós me dais neste momento, isso me bastaria... Muitos se admiraram de eu não ter ido a Dakar, à busca de alguns louros. Já não estou na idade em que se buscam as honras humanas. E, a propósito de Dakar, posso-vo-lo afirmar, nem um só momento pensei na glória humana. Devemos ver em tudo o amor de Deus, que fez coincidir os acontecimentos para a realização da sua maior glória. Porque, meus filhos, é preciso que o saibais: se não fosse Monsenhor Jalabert e a Catedral de Dakar, não existiria a capela de Santa Teresinha. Eu não estaria aqui. Nem vós, meu queridos filhos... É por isso que, enquanto tivermos um sopro de vida, devemos bendizer a Deus, e cantaremos eternamente as misericórdias do Senhor ...»

Por detrás destas palavras, não se divisa uma certa tristeza? Cansaço inconfessado das coisas, sêde de verdadeiro afecto, impulso para o que é puro, total, definitivo ...

Ao jantar, contudo — complexidade do coração humano — mostra aos colaboradores um rosto feliz. Serenidade imensa, diante da obra acabada. Pensamento caloroso voltado para a África, evocação de mil recordações. Felicidade, enfim, de se ver rodeado, nesse dia, importante entre os dias, de amigos atentos e fiéis. Objectivo, de algum modo, alcançado. Meta. Mas, e ele

admira-se disso, parece que um véu se estendeu entre ele e o mundo: «Dir-se-ia que para mim, cá na terra, já nada tem importância! Será que a minha missão está terminada? ...»

Cansaço, esgotamento, explica ele aos dois capelães que o acompanham depois da refeição num curto passeio, e se inquietam com a sua palidez repentina.

Às cinco horas, dá a Bênção do Santíssimo Sacramento e apresenta, a seguir, à numerosa assistência, a relíquia de Santa Teresinha. Quando regressa à sacristia, os jornalistas asaltaram-no. O Padre Brottier mostrara sempre simpatia pelos jornalistas; sujeitara-se sempre às suas exigências: esta profissão, respeita-a e compreende-a; — ele mesmo (confessou muita vez) gostaria de ser jornalista. Mas naquela tarde, furta-se a todas as perguntas. Falar da Catedral de Dakar? Está incapaz disso! ... Recusa-se até a receber os amigos.

E aí o temos no quarto. Deixa-se cair numa poltrona. Esgotado repentinamente, esse lutador nato, esse homem de combate. Na penumbra, — nem sequer pensara em acender a luz — toma o rosário e vai passando as contas lentamente ... Noite de inverno, noite de gelo ... O Padre Brottier arrepia-se. Como Teresa de Lisieux, ele teve sempre medo do frio. Ah! ... Aquele frio, na

Flandres, durante a guerra… Em Dakar, hoje é uma noite quente. Frangipaneiros em flor, essas corolas de cera com perfume de igreja… Rosas de Sor, rosas de La Ferté, rosas extintas. O seu pensamento ondeia errante, como essas nuvens ligeiras que no Verão deslizam pelo céu. Como no tempo da sua infância, o Padre Brottier espera «qualquer coisa», mas desta vez ele sabe o que espera…

*

Quando a Irmã Maria Dominique entra no quarto do Padre Brottier, com uma chávena de caldo, fica estupefacta. Ele está ali, mas não está. Ele olha-a, mas não é e a ela que olha. Fala-lhe, mas com uma voz que ela não conhece.

É que, desde há muito já, *a sua conversação estava no Céu…*

XIII

DEUS O DEU, DEUS O LEVOU, SEJA BENDITO O NOME DO SENHOR!

Gasto pelo trabalho e pelo exercício de uma caridade inesgotável, o Padre Brottier morreu piedosamente, a 28 de Fevereiro de 1936, com sessenta anos de idade.

No dia seguinte, ao meio dia, o compartimento em que repousava o Padre Brottier tinha tomado já o aspecto do quarto de um doente grave. Mas poderá chamar-se quarto a essa espécie de reduto adjacente ao seu gabinete, separado deste por um pouco de madeira e alguns vidros? Poder-se-á chamar gabinete de «toilette» a esse pequeno lavabo, incrìvelmente antiquado, seguro a uma das paredes, e por cima do qual há um armário mal pintado? ...

Que aqueles que hoje vão à Casa de Auteuil peçam para visitar a oficina de encadernação. A um canto, verão, mais emocionante do que todas as relíquias, aquele humilde lavabo, símbolo do espírito de pobreza que animava o Pa-

dre Brottier. Imaginarão então, sem custo, que austera decoração foi a da sua vida e da sua doença: — nem um objecto de valor, nem um objecto inútil. Como Santo Antonino, o Padre Brottier não quis efectivamente, mais que «o hábito e o breviário».

Naquela manhã, a despeito de uma lassidão extrema, teimara em celebrar a missa, como de costume. Tonturas, uma sensação de febre, uma pontada violenta não o impediram de presidir, durante uma hora e meia, ao Conselho Semanal da Obra. Só depois, se foi deitar. O Dr. Mafféi, chamado à pressa, emitiu o mais alarmante diagnóstico:

— Congestão pulmonar. Grande fraqueza. Coração gasto.

Coração gasto, coração retalhado! Cansado por um trabalho de todo o instante, pelas diligências, pelas audiências, pelas preocupações de dinheiro ... Retalhado pelo desgosto de ter de recusar, por falta de lugar e de recursos, numerosos órfãos abandonados. Ele escrevera, pouco antes de adoecer: *«Este filme das misérias dos rapazes desenrola-se sem parar diante dos meus olhos, e eu assisto, impotente, a este lastimável e cruel espectáculo. Garanto a todos os meus caritativos correspondentes: fazemos tudo o que nos é humanamente possível, mas, com o coração retalhado, deixamos passar as misérias de hoje porque sabemos que o dia de amanhã*

no-las reserva absolutamente iguais. Não poderemos salvar todos esses órfãos, senão multiplicando a Obra de Auteuil, multiplicando o número dos seus amigos e benfeitores, fazendo conhecer a quarenta milhões de franceses esta verdade: em pleno século vinte há milhares de órfãos que, chegados à idade da aprendizagem, não podem preparar o futuro, aprender um ofício, que os poria para sempre ao abrigo da miséria. E isto porque ninguém quer encarregar-se do ser embaraçoso que é um rapaz de treze a desasseis anos, com os seus defeitos ou vícios em embrião, que não tem igual senão um apetite difícil de saciar. Temos medo ... e isso deixa o problema sem solução ... Infelizmente, o afluxo cada vez mais considerável de rapazes que vêm bater às portas da nossa casa é o mais certo indício de que a sociedade de hoje não tem feito o esforço suficiente.»

Ele dirá ainda nesse primeiro dia de doença e enquanto os presentes procuram ocultar-lhe o seu estado de gravidade: «Os médicos procuram o meu mal. Se vissem todas as misérias que me vêm bater à porta, se pudessem medir a minha impotência para as aliviar, *saberiam o que hoje me quebranta.»*

Entretanto, o dia passa, carregado de ameaças. Febre, poções, injecções. Passos surdos, palavras baixas. No escritório do Padre Brottier, já sobre-

carregado de folhetos e sobrescritos — há-os mesmo em cima das cadeiras, na chaminé, nas prateleiras, — novas cartas se amontoam, às quais o fiel correspondente já não responderá. E, do fundo da sua noite, ele ouve, como irreais, vozes de adolescentes, que, da capela, lhe chegam aos ouvidos!

— Sagrado Coração de Jesus, salvai o Padre Brottier! ...

— Nossa Senhora de Lourdes, curai o nosso Pai! ...

— Santa Teresinha do Menino Jesus, conservai-nos o nosso Pai! ...

Ao Padre Pichon, seu amigo, diz ele então, com uma voz de espanto:

— Mas ... que há?

— Os seus filhos pedem por si, Padre. Oitenta pequenos comungantes se têm revezado todo o dia na capela, e rezado sem interrupção o terço por sua intenção. Esta noite, os aprendizes e todo o pessoal fazem a Via-Sacra. A novena que para esse fim iniciámos vai-lhe alcançar a cura, estamos certos.

E ele, então, voltando a fechar os olhos, cansado:

— Sabe? ... Há-de ser o que Deus quiser!

A onze de Fevereiro, dia em que a novena termina, o Padre Brottier pode considerar-se quase restabelecido. Esse alívio que sente por

todo o corpo ... E logo aparece o homem de acção. Manda vir os jornais, mais duma semana atrasados, que relatam o esplendor das cerimónias de Dakar.

— Tudo isto é perfeito! Mas não podemos deitar-nos a dormir ... A Catedral exige ainda muitos cuidados, preocupações, dinheiro, dinheiro, sobretudo. Tragam-me com que escrever.

E com a cabeça apoiada em duas almofadas, aquele que ainda ontem parecia quase na agonia, dita com voz firme o seu último apelo à caridade «pelos mortos de África».

— E os nossos órfãos? Antes de cair de cama, escrevi um artigo intitulado «vista de conjunto», que chama a atenção sobre a nossa Obra, sobre a protecção de Santa Teresinha, de que beneficiamos há tantos anos, e que incita, enfim, os nossos amigos a serem ainda mais generosos para com os nossos rapazes! Esse artigo encontrá-lo-ão nalgum sítio, aí, na minha mesa. Levem-no já à tipografia.

Neste momento surge à porta, Luísa, a cunhada do Padre Brottier, sua colaboradora.

E ele, com uma voz travessa, como no tempo em que Luísa era uma recém-casada tímida:

— Olá! ... Que vens tu fazer aqui?

Mas a esposa de Gastão já não é aquela jovem que uma vez, numa cozinha de Blois, se irritara e chorara por uma insignificância. Responde-lhe, segura de si:

— Disseram-me que estavas melhor; venho dizer-te da minha alegria. Ah! Se tu pudesses instalar-te em nossa casa, para a convalescença! Eu cuidaria bem de ti! ...

E ele, erguendo os braços, com um lampejo de ironia nos olhos:

— Tu, enfermeira?! ... Não há dúvida, havia de ser muito bem tratado!

Luísa limita-se a sorrir. Ao vê-lo assim, entre os jornais e os papéis que se estendem pela cama, pronto a dar ordens, a troçar como antes, poder-se-ia crer que tudo iria recomeçar. Ilusão cruel! Luísa, essa, não se engana. Observa esse homem animado por uma força espiritual tão intensa e que em breve vai recair. Ah! ... Nunca ninguém admirará bastante o prodígio que a vida representa. Há que contemplar um ser que a morte vai levar para compreender toda a beleza do sangue que circula, a riqueza incomparável de um coração que bate ... Docemente, ela diz então:

— Perdoa-me aquilo das rosas.

E ele sorri por sua vez. «Aquilo das Rosas» era assunto entre o Padre Brottier e Luísa. Dois anos antes, no aniversário do cunhado, ela oferecera-lhe três rosas artificiais. Ele recebera o presente com um ar severo, quase sem agradecer. Picada e sentida, no ano seguinte, voltou a oferecer-lhe flores. Desta vez, diante da sua expressão de pesar, ela impacientou-se:

— Ouve lá, não te agradam as minhas rosas?

E ele, murmurando num tom austero:

— Escuta, Luísa: Este dinheiro gasto inùtilmente... De futuro, quando eu fizer anos, oferece-me antes esse dinheiro para os meus Órfãos!

E ela respondeu então:

— Está descansado! Já estou a guardar dinheiro para o teu mês de Setembro!

Mas, no mês de Setembro do ano seguinte, o Padre Brottier repousa sob o mármore negro, na capela de Santa Teresa, e sobre o seu túmulo acontecerão factos maravilhosos, a que alguns, antecipadamente, chamarão milagres.

*

Nessa mesma noite, ele sossobra de novo no sofrimento. Respira com dificuldade e tem a impressão de que a sua cabeça é «uma caldeira em ebulição». Titubeando, vai da cama para a poltrona, e da poltrona para a cama, sem encontrar um momento de alívio. O mesmo acontecerá nas noites que vão seguir-se.

À Madre Agathange que o vela:

— Já não estarei muito tempo entre vós. A minha tarefa, pressinto-o, está terminada. Seja feita a vontade de Deus... Mas veja: não sei onde me hei-de pôr nem o que hei-de fazer para ter um pouco de alívio. Que sofrimento, Madre, que sofrimento!

Assim Teresa de Lisieux: «*Não, verdadeiramente, nunca pensei que fosse possível sofrer tanto!*»

... Passa as mãos pelo rosto emaciado, depois olha para os dedos e as pernas que tão depressa perderam a força: «Eu sou isto! Aí está no que eu me transformei!» E, com a voz alterada, chama a Madre Agathange:

— Madre, não me abandone.

Grito desconcertante de um homem de acção prostrado; grito patético de um padre que sempre levou socorro aos outros; grito de um menino, à boca da noite ... Neste momento em que a morte lhe aparece próxima, que angústia o atormenta? ... Que perturbação, que dúvida, que vertigem? ... Jardim das Oliveiras ... E é ainda em Teresa moribunda, que talvez possamos pensar: «Julgais-me, certamente, inundada de consolações. Uma criança para quem o véu da fé se rasgou. E, entretanto, não é um véu, é um muro ... Quando eu canto a felicidade do Céu, a eterna posse de Deus, não sinto qualquer alegria; canto sòmente aquilo em que quero acreditar!»

*

Entretanto, na capela daquela que tinha dito: «*A minha vocação é o Amor, na Igreja eu serei o Amor!*», é uma vaga ininterrupta de orações. Os boletins de saúde, afixados à porta todas as

manhãs, incitam os amigos da Obra «a fazer violência ao Céu para obter a cura do querido doente.» Este recebeu os últimos sacramentos da mão do Padre Trilles. Quando viu perto do leito o seu amigo com os Santos Óleos, o Padre Brottier não pôde abster-se de evocar o dia já longínquo de uma França em guerra: «Alistamo-nos? ...» E foi como soldados, em tom militar, que o missionário dos Pigmeus e o Pai dos Órfãos, definiram, em duas palavras, a situação:

— Vamos, tornou o Padre Trilles (conta a Senhora G. G. Beslier) é a *Hora H!*

— Certamente, respondeu o Padre Brottier, mas eu já não sou o «capelão invulnerável!»

A 15 de Fevereiro, o estado do Padre Brottier piorou. Falou-se de complicação pleural e até de febre tifóide. Decidiu-se interná-lo no hospital de S. José.

Pode fàcilmente imaginar-se a partida na ambulância. Último olhar à casa de Auteuil, à capela, último olhar para a obra de quem não comparecerá diante de Deus com «as mãos vazias». Emoção profunda. Contudo, coisa estranha, ele, agora, já não se inquieta com o futuro dos seus Órfãos. Uma grande paz o invadiu, uma espécie de certeza: «Posso partir sem receio. A cadeia de amizades e dedicação que eu fiz nascer em volta dos meus mil e duzentos rapazes,

é, de hoje em diante, indestrutível. Vereis, vereis o que vai acontecer, quando eu deixar este mundo ... Ficareis espantados!» E pensamos naquela palavra que ele desfechou, três dias antes, ao Engenheiro da Obra, o Sr. Perrin-Waldener: «Sabe, eu ficaria satisfeito, se o meu amigo fosse o meu sucessor!»

Agora, é a via do inverno. Todos esses transeuntes de boa saúde que passam alegremente pelos passeios, que entre si gracejam, que hoje só têm preocupações fáceis — coisa espantosa! Essa vida que continua e continuará sem ele ... Tenta erguer-se na liteira; quer, pela última vez, da ambulância de rodas acolchoadas, contemplar a marcha da vida. E as palavras mais simples tornam-se para ele as mais evocativas. Lê: «Mercearia» ou «Tinturaria» na fachada de qualquer loja; lê, através das nuvens da sonolência, o reclamo publicitário de um vendedor de cereais ou de um produtor cinematográfico; — todo o tangível, todo o quotidiano de uma existência que ele vai perder, aparece-lhe então claramente.

O hospital ... Cheiro a éter; corredores e ascensores silenciosos, apreensões e sofrimentos ocultas por detrás de cada porta. O quarto, cela de monge, cela de prisioneiro. Nudez das paredes, inumanidade essa em que não há nem pitada de poeira nem um quadro suspenso. É aqui, entre o

Dr. Cochez e a Irmã Suzana, que o Padre Brottier lutará durante doze dias. «Tão paciente, dirá o médico, tão bondoso, tão submisso!» Paciente quando se tratava da dor e dos curativos; bondoso para aqueles que o rodeavam, submisso à vontade divina! Para ele, com efeito, impossível já o disfarce:

— Caí no dia do *Nunc Dimittis*, diz ele a um confidente, e sei que não me levantarei mais.

O corpo torturado defende-se, mas a alma está pronta. Uma semana depois da sua chegada a S. José, quando o Padre Pichon vem fazer-lhe uma visita, ele murmura — e a sua língua semi-paralizada move-se com dificuldade, e a sua voz é apenas um sopro:

— Vou ... par ... tir! ...

O amigo protesta:

— Não, caro padre; Deus tem ainda necessidade de si, não o deixará partir! Então as orações, que lhes faz? Para obter a sua cura, está-se a fazer neste momento em Auteuil a Exposição das Quarenta Horas. Em grupos de cinquenta, os seus rapazes sucedem-se na capela. Os inúmeráveis amigos com que V. Rev.ª conta em Paris não cessaram de desfilar ontem, domingo, pela nave ... E com tudo isto, não quer curar?

Por única resposta, o Padre Brottier levanta os olhos ao Céu, embaciados de lágrimas.

É a vez de o Cardeal Verdier, acompanhado por Monsenhor Chaptal e o capelão Despons, entrar no quarto. O cardeal regressa do Senegal, traz consigo o eco das festas africanas. Mas agora trata-se bem de evocar, bandeiras e auriflamas, aclamações ao ar livre! O Padre Brottier está neste momento num estado de prostração vizinho da insconsciência. Desde as primeiras palavras do Cardeal Verdier: «Se soubesse a gratidão, mais: o amor, que lhe dedicam os seus queridos Negros!», ele fecha os olhos. Um vago sorriso se lhe desenha nos lábios. S. Luís, a capela de Sor, a Catedral, tudo recua, recua ... Recuam as lutas quotidianas, as preocupações pesadas, os elogios dos amigos e as palavras acerbas dos adversários; recuam os rostos que lhe foram queridos. A rota definitiva que se abre diante dele quere-o nu, despojado, livre de todas as recordações.

*

Três horas e meia da manhã, 28 de Fevereiro. Junto do leito do Padre Brottier vela, só, a Irmã Suzana. Silêncio de hospital, pesado de angústias. Em volta, sofrimentos abafados em espectativa: tudo é sofrimento. Hora vazia, tenebrosa, luta da escuridão contra a aurora que se avizinha, luta do mal contra os anjos. Ouve-se de repente, como saído de um mundo diferente,

um riso de mulher na rua. A seguir volta a falsa tranquilidade. Paris dorme. Sonhos de dinheiro, de glória ou de amor, pequenez das coisas, vaidade das coisas. A verdadeira vida está concentrada ali, batendo a asa hesitante, anelante, nesse homem que vai morrer.

Sim, o Padre Brottier vai morrer. Alguns minutos ainda, alguns segundos e este lutador inspirado, este apóstolo da vanguarda verá abrir-se diante dele as portas de oiro. E ao pensamento nos vêm, certos santos no limiar da Luz. S. Tomás de Vilanova, oferecendo o seu leito de agonia — o seu único haver — a um criado, e dizendo-lhe: «*Empresta-me este leito para morrer!*» O Beato Félix de Nicósia, levando a obediência ao extremo de pedir ao Padre que o velava «*licença para morrer!*» Santo Hilarião, encorajando a alma tímida a deixar o corpo: «*Deixa-me, ó minha alma! Há quase setenta anos que serves o Senhor; porquê recear comparecer diante dele? ...*» S. Francisco Caracciolo, dizendo antes de se extinguir: «*Vamos, vamos para o Céu!*» São Carlos Borromeo, exclamando: «*Eu venho!*» Ao Padre Brottier, no entanto, nenhum gesto, nenhuma palavra espectacular assinalará a grande passagem. Precisamente no momento da sua partida, o missionário apenas advertirá dois dos seus amigos, que se encontram bem longe dele: o baron de Brichambault e o Padre Groell. O primeiro, que, algumas horas antes recitava o terço

à cabeceira do agonizante, ver-se-á, às quatro horas da manhã, arrancado ao sono por uma querida voz, bem conhecida, uma voz a despedir-se:

— Amigo, eu vou partir!

O segundo, em Saverne, lá, onde o Padre Brottier ia por vezes repousar por entre os abetos e as faias, estremecerá igualmente, ao ouvir um apelo misterioso, vindo de toda a parte e de parte nenhuma:

— Padre Groell, eu vou partir!

Nesse instante, no quarto do hospital, o Padre Brottier exalou um suspiro, outro suspiro e outro ... Suspiros de homem que deixa os homens, seus irmãos ...

E morreu ...

*

No dia seguinte, enquanto o corpo do Padre Brottier, velado pelos Órfãos e pelos Combatentes, repousava na capela de «Teresinha», enquanto o Cardeal Verdier preparava a alocução fúnebre, em que o nome *Santo* e a palavra *Milagre* seriam várias vezes pronunciados; enquanto uma velha empregada de Auteuil, doente e de cama, há seis meses, depois de pedir morte, se vê repentinamente curada; enquanto, enfim, em Auteuil as lágrimas corriam em todos os rostos, uma Irmã prepara-se para pôr em ordem os objectos

pessoais do seu Director. No armário do «padre dos milhões», encontrou: duas batinas velhas, remendadas, dois velhos pares de calçado, quatro camisas e seis lenços. Era toda a herança deixada por aquele que, a exemplo de S. Francisco de Assis, tinha para a vida eleito «Dama Pobreza».

A guisa de conclusão

Cristina Garnier perdoar-nos-á que juntemos ao seu famoso trabalho e à guisa de Apêndice o artigo seguinte, publicado na revista «Pontecôte sur le monde» **de Maio-Junho de 1961, à qual pedimos vénia para a transcrição:**

UM PADRE DA ACTUALIDADE

«O mal do clero foi sempre, nestes últimos tempos, permanecer na ideia do passado. O mundo caminhou para a frente ... e nós ficamos atrás ... Querer aferrar-se ao tempo antigo ... é tornar nulos os nossos esforços.»

Juízo severo e clarividente do Padre Libermann, após a revolução de 1848, que o Padre Brottier soube não merecer. Instigado pelo Mestre, que fustigava os «Filhos da Luz» de serem menos hábeis que os «Filhos das Trevas», ele mobilizou todos os recursos da sua natureza. Costumava dizer daqueles que não eram bem

sucedidos: «São pessoas falhas de imaginação». A ele sobrava-lhe para esclarecer e salvar as almas.

A grande obra da sua vida foi o Serviço dos Órfãos de Auteuil. Consagrou-lhe todas as forças e por ela morreu. Obras desta natureza levam sempre à morte. Ele o tinha dito, logo no primeiro dia: «Ofereci-me a Deus para os servir até à morte. Quero morrer aqui.» E ao Padre Pichon, seu colaborador, sugeria: «Faça outro tanto.» Ao chegar a Auteuil, encontrou uma lista de 12 mil benfeitores. Treze anos depois, tinha ele conseguido mais de 150 mil.

Mas não era apenas o futuro dos seus órfãos que lhe dominava o espírito. Prendiam-lhe a atenção todas as formas modernas de apostolado.

Por esse ano 20, o cinema estava ainda no começo. Ele compreendeu logo o interesse que ele representava e criou o «Bom Cinema de Auteuil». Em 1929, não hesitou em tomar a seu cargo a edição do cenário de Julien Duvivier para o filme: «Vida miraculosa de Teresa Martin». Depois desta tentativa, o Padre Brottier sonhara encomendar outras criações cinematográficas.

A imprensa preocupava-o vivamente: «Quando, enfim, gemia ele, compreenderão os nossos bons católicos que o cinema e a imprensa se tornaram grandes potências mundiais?»

É assaz longa a lista dos jornais e revistas que animou com o seu espírito e sustentou com o seu óbulo:

Foi primeiro a «França Ilustrada», *revista fundada em 1876 pelo P. Roussel, e que ele transformou completamente, graças à colaboração de jornalistas de valor.*

O «Amigo dos Jovens», *que lutou durante dez anos contra a concorrência de revistas neutras, e que terminou honrosamente transferindo os seus assinantes, os seus clichés e alguns dos seus redactores para o hebdomadário bem conhecido* «Coeurs Vaillants».

O «Souvenir Africain», *jornal bimestral destinado a tornar conhecida e a financiar a obra da Catedral-Monumento de Dakar e que chegou a fazer algumas tiragens de 200 mil exemplares.*

O «Correio dos Órfãos de Auteuil», *o jornal que mantinha a Obra e que, três meses depois da sua morte, editou um número especial de 460 mil exemplares.*

Enfim, «Missões», *a revista dos pequenos amigos dos Missionários, que ele fundou de colaboração com o P. Pichon, com o fim de interessar a juventude católica pela obra das missões. Em 1936, contava ela cerca de 40 mil assinantes, chegando a 90 mil. O Padre Brottier pertencia à Congregação do Espírito Santo, mas queria interessar os seus leitores por todas as outras*

Congregações e pelos seus trabalhos em todas as partes do mundo.

Muitas vezes ele desabafava: «O meu sonho, era um diário; se eu tivesse um diário nas mãos, revolveria todo o país.»

Aos que o felicitavam pela sua «boa sorte», respondia: «A minha sorte está em levantar-me todas as manhãs às cinco horas e trabalhar.» Se se lhe perguntava o segredo dos seus êxitos, ele confessava: «Oração e penitência.» Ousou mesmo declarar, certo dia: «Deus nunca me recusou nada, porque eu nunca lhe recusei nada.»

Tal é o ideal que a Providência quer, sem dúvida, propor — no Padre Brottier — aos padres da actualidade.

ÍNDICE

9 — **O Venerável Libermann** — Henrique Alves. C. S. Sp. Livro profusamente ilustrado sobre a vida e obra do venerável Libermann, o fundador do apostolado missionário, moderno, um judeu salvador da raça negra. Formato 18×12 - 255 págs. . . . . 20$00

10 — **O meu ideal, Jesus, Filho de Maria.** P.e Neubert. Formato, 12,5 × 8 5 - 240 págs. 6.ª edição 1954 - tradução do P.e F. Lopes C. S. Sp. Traduzido em mais de 24 línguas, é o melhor livro de meditações sobre N.ª Senhora
Edição de bolso — 5$00

11 — **Cartas a Seminaristas em Férias** — Venerável Libermann. Tradução do P.e Francisco Lopes, C. S. Sp. Verdadeiro manancial onde os candidatos ao sacerdócio poderão haurir maior afervoramento e mais rigorosa fidelidade aos seus deveres, no tempo de férias.
Formato 11,5 × 16,2 - 100 págs.
1.ª edição . . . . . . 5$00

12 — **Vamos Folgar** — De Adriana Rodrigues - 5$00

13 — **Acção Missionária** — A publicação Missionária, de manor tiragem e assinatura em Portugal. Jornal mensal estrictamente Missionário. Assinatura anual 10$00 (à cobrança 12$50), avulso $80.

14 — **Encontro - Selecções Missionárias** — A bela revista ilustrada que uma vez vista toda a gente assina, com o recreativo suplemento «Encontro Infantil». Assinatura, anual 20$00.

15 — **Portugal em África** — A única revista de cultura missionária publicada em Portugal. Publicação bimestral. Assinatura anual 40$00 (Estrangeiro 50$00), avulso 7$50.

16 — **Almanaque das Missões** — O almanaque missionário mais apreciado em Portugal pela sua apresentação e conteúdo substancial. 192 páginas de leitura útil e interessante.

Capa ricamente ilustrada 2$50.

17 — **Calendário da Acção Missionária** — O calendário religioso de parede mais artístico que nos últimos anos tem aparecido em Portugal.

É simplesmente encantador. 5$00.

18 — **Agenda da L. I. A. M.** — Formato 11,5×8. Com 85 páginas de informações, mapas e indicações úteis.

Só poderá apreciá-la devidamente quem a adquirir. 5$00.

... o seu olhar, o seu olhar, sobretudo, era inolvidável. De um azul celeste muito meigo, impregnado de imensa bondade, tornava-se de um azul de aço, vivo e quase inquiridor, quando seguia o pensamento de algum interlocutor. Este duplo efeito de fisionomia recorda a curiosa reflexão de certa pessoa do Senegal: «Este Padre tinha duas almas».